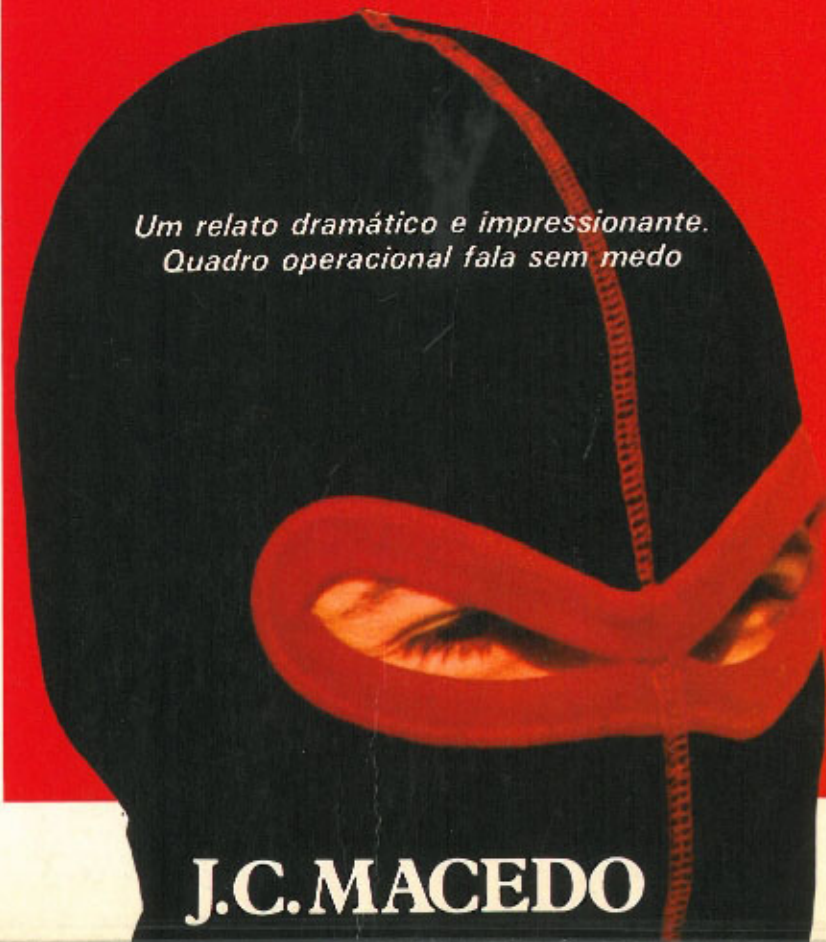


2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

# AS CINZAS DUM TEMPO PERDIDO

## ASCENSÃO E QUEDA DAS FP-25?

*Um relato dramático e impressionante.  
Quadro operacional fala sem medo*



**J.C. MACEDO**

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



ESTUDOS E DOCUMENTOS



— Espere aí!

— Hum...

— PJ, identifique-se!

O jovem olha os dois homens, com calma. O mais novo dos dois polícias encostara-lhe o cano duma arma curta às costas, enquanto o outro, entrado nos cinquenta, levantava uma mão para receber a identificação.

Cabelo curto e barba aparada, o jovem levanta a pequena bolsa de couro que leva debaixo do braço, e diz:

— Está aí!

Tudo se passa com uma certa calma.

O velho pega na bolsa e sorri, ao tomar-lhe o peso.

Na rua estreita acotovelam-se as pessoas numa bicha para a bilheteira do Cinema Trindade, o calor sufoca-as e torna-as inquietas no seu desejo natural de depressa entrarem no edifício para disfrutarem do clima ameno que aí se respira. São quinze horas e dezasseis minutos do dia dezasseis de Agosto, passaram dez anos desde a Revolução dos Cravos. Por toda a cidade do Porto se respira um ar laboral. Incessante o vaivém das pessoas e o tráfego automóvel. Apesar do Verão e das férias, ainda um movimento enorme e louco na Baixa com bichas aqui e ali.



— Já sei o que procuram! — diz o jovem ante o sorriso vitorioso do polícia.

— Vamos! — responde ele, indicando um carro.

É levado para o carro estacionado uns metros mais adiante. O mais novo dos polícias toma o lugar do volante enquanto o outro se senta junto do jovem.

Toda a operação é desencadeada num breve instante e perfeitamente camuflada. A naturalidade do jovem, dominado por uma arma apontada às suas costas, não deixa perceber aos muitos transeuntes que é um homem feito prisioneiro nesta tarde soalheira. Os polícias fazem o mínimo de gestos e até o velho, ao pegar na bolsa de couro, faz crer estar a passar-se uma conversa entre amigos. O jovem, ao caminhar para o carro, fá-lo entre os dois como se fosse beber uns copos com eles.

O carro avança na cidade.

— Chefe, tenho de ligar a sirene! — diz o condutor.

— 'tá bem... — responde o velho, sempre com os olhos no importante prisioneiro. Tanto tempo e tanta coisa para vir a ser preso num encontro fortuito. Por pouco, lá se ia ele outra vez.

Há, no velho, uma satisfação moderada, mas o outro não esconde a sua satisfação num sorriso descansado.

Por entre o emaranhado das pequenas ruas e do trânsito quase caótico, o carro aproxima-se duma dependência da Polícia Judiciária. O barulho da sirene desperta da modorra as pessoas que olham o quadro com um certo desencanto. É mais um entre os sinais da urbe já habituada a tais situações. Dez minutos depois, o carro penetra numa casa cercada por um muro de pedra. No interior, algumas árvores. Entre elas é estacionado o carro. Há um pequeno jardim defronte da recepção por onde passam rapidamente sem se deterem. Sobem por uma escada até uma sala-escritório onde o velho inicia a inspecção às coisas e documentos do pre-

so, que olha através das janelas enquanto despe o casaco e descalça os sapatos. Para trás ficou o bulício da cidade.

Depois de inspecionar as roupas e os documentos com minúcia, o velho pega na bolsa de couro e retira de lá uma pistola *Firebird* 9 mm.

— Cuidado!, tem bala na câmara... — adverte o jovem.

— Eu já vi!

— Hum..., coisa forte! — diz o polícia mais novo olhando a pistola. — Você anda bem artilhado! — exclama ao terminar a peritagem.

O prisioneiro olha-o. Sorri.

A sala tem algumas secretárias metálicas e está desprovida de quaisquer objectos de adorno.

— Ora cá está o Sr. Engenheiro! — exclama um homem ao entrar na sala. Na sua estatura média destaca-se uma cruz, que traz presa a um fio no pescoço, e a sua forte compleição física, apesar de andar pelos cinquenta. — Quando o vi entrar pensei logo: «Cá temos o chefe!» — volta ele a falar com um sorriso de satisfação.

O jovem olha-os.

Está calmo e perfeitamente consciente da sua situação de homem que vai habitar um espaço gradeado por muitos anos.

Acaba de vestir o casaco e vira-se para o velho, enquanto chega lume ao tabaco que colocara no cachimbo:

— Sou um preso político! Sou um quadro político e militar das FP25 e, a partir deste momento, sou um preso político! — diz. E continuou: — Felicito-o pela forma como efectuou a minha detenção. Conseguiu aquilo que a PIDE sempre quis mas nunca conseguiu: apanhar-me em flagrante!

— Ah!... Finalmente! — exclama o homem que o chama de Sr. Engenheiro.



— Hem! ...

— Finalmente aparece um homem com coragem de dizer quem é!

— Sou um preso político, e não tenho mais nada a dizer!

— Mas é claro, ó Sr. Engenheiro, é claro! — exclama ele com um sorriso. Puxa de uma cadeira e senta-se na frente dele. — O senhor só diz aquilo que quiser dizer, ninguém o obriga a dizer aquilo que não quer! Nós não batemos em ninguém para saber as coisas! — conclui.

O jovem olha-o.

Está perante um homem batido nestas andanças. É um duro. Mas a imagem não o intimida. Nunca considerou a PJ como o inimigo da luta em que se embrenhou, mas considerou-a sempre como um adversário difícil. Adivinha longas horas de interrogatório com muita conversa balofa à mistura. *Recorda-se da PIDE. Depois de meia dúzia de perguntas sem resposta, começava o espancamento. Aconteceu-lhe assim na segunda vez em que foi obrigado a subir até à António Maria Cardoso. Não houve conversa balofa. «Isto vai à porrada!», diziam os agentes. Quando ia... A verdade é que ele não abriu a boca na PIDE, nem está disposto a fazê-lo agora, na PJ.* De repente, na sala ficam apenas os dois. Dois homens que sabem muito bem o que querem, deixando transparecer nos olhos esta determinação.

É um frente-a-frente esperado há algum tempo.

Um novelo de ideias assalta o jovem que quase se esquece da presença do homem que tem na frente. Se não sabiam o seu nome como sabiam onde morava? Está alguém a falar? E quem? Que tem tudo isto a ver com a ansiedade que nos últimos tempos o dominava? Talvez um sinal do desenlace definitivo com o quotidiano. Ninguém mais vai ouvir o guerrilheiro dos olhos azuis dizer «Ninguém faz mal a ninguém!», por detrás

dum «garruço» de lâ. Mas a calma que patenteia agora tem a ver, também, com o fim dos problemas que o apoquentavam e, principalmente, com um deles: ter pronta até ao dia vinte e um a tese de abandono do Projecto Global. E como sabia a PJ que ele era já um homem fora do jogo?

Está a ficar completamente absorto.

Puxa uma fumaça e atira-a ao ar, no horizonte próximo uma cortina azulada e aromática a turvar-lhe o olhar fixo.

É um homem parado no tempo.

*Imagens várias a tomá-lo. Deixa-se ir no novelo das coisas de onde vê desprenderem-se as linhas que o fizeram guerrilheiro urbano. Catorze anos antes, corria o ano de mil novecentos e setenta e um.*

*Calma era a vida em Barcelos. Levava ele no rosto uns pêlos e a aventura do novo nos olhos azuis. Era tudo a despontar em si. Vivia a adolescência subjugado a alguns princípios morais demasiado duros para um jovem à descoberta da liberdade do pensamento. Depois da denúncia dos crimes coloniais em África e das greves estudantis, um jovem como o João C. não podia continuar a viver a tosca urbanidade provinciana à espera da mobilização bélica enquanto se preparava para cursar Engenharia no Porto ou em Coimbra. Havia demasiada inércia para um sangue a ferver de poesia num olhar grávido de amores. Ao aceitar reunir com uns clandestinos ele sabia ao que ia, mas algo o inibia ainda. Um dia, desceu à velha ponte romana para se reunir próximo da azenha, num local onde tomavam banhos; esperavam-no quatro indivíduos. Foi o último a chegar como fora combinado antes. Dois são seus companheiros, e os outros, homens de meia-idade fugidos à PIDE; falavam ambos, um com bigode farto e o outro de cara limpa onde sobressaíam uns óculos de aros pequenos. Fizeram o ponto da situação política e econó-*





*mica, incidindo particularmente sobre as questões da guerra colonial. Dessa reunião todos saíram com novos papéis para a vida. O João C. iria especializar-se em comando e explosivos. Tudo pela desestabilização do regime fascista! Várias foram as reuniões efectuadas ali com o Cávado a correr, e sempre os dois abandonando o local com destino a Braga, o velho «dois cavalos», incansável, atravessava a ponte e lá iam os outros, os três, conversar para a esplanada do Turismo.*

*Aos poucos, o João C. tornou-se um jovem a viver aquilo que, habitualmente, era apenas do domínio dos mais avançados na idade. E, naquela altura, aquilo que mais o marcou foi o contacto simples e humano com um homem extraordinário: o Sor Tóne. O velho pastor era, a par das suas leituras em que se extasiava no Orlando, de Virginia Woolf<sup>1</sup> e nos textos de Raul Brandão, o grande pólo de atracção.*

*Um dia, pôs o chapéu do avô na cabeça e subiu até ao cimo da Moira Encantada, penedo grande, coisa amorfa e negra e grande; foi dar com o pastor junto das suas ovelhas, homem alto e magro, os cabelos brancos revoltos. Vai um cigarro, ó Sor Tóne!?, estendeu ele o maço acabado de abrir. Obrigado, ó menino, mas prefiro enrolar o meu!, recusou ele pegando na mortalha e colocando-lhe uns bagos de tabaco. A enrolar assim vai a vida, ó menino... e olhe que Deus (isto cá pra nós, é claro!) nem sabe da miséria que por cá vai, ele é uns a engordar e outros a apertar o cinto cada vez mais!, e dito isto acendeu o cigarro, apoiou-se no cajado e sorriu, à espera da opinião do menino que andava a estudar. Você que andou pela guerra espanhola, acha que é possível fazer-se alguma coisa contra isso que me acaba de*

<sup>1</sup> Orlando constitui o périplo bizarro de uma individualidade que se reencarna em diversas existências até aos nossos dias, devendo simbolizar o fluir do tempo. (N. do E.)

*dizer? João C. sentara-se num pedregulho, acariciando uma pequena ovelha. Lá em baixo, na torre, o badalo acariciava o bronze, temperando as horas. O velho ajeitou-se melhor sobre o cajado, atirou um fio de fumo para o ar e disse: lá em Espanha a coisa foi a doer, sabe, e os tempos eram outros! Hoje, acho que uma rebelião contra o Estado não se torna tão fácil, olhe, 'inda há pouco foram uns tipos até à Lua! Tudo é mais moderno..., acho que uma rebelião dos pobres não é possível, pois só sairia vitoriosa com o apoio dos tropas, mas até esses andam a encher a barriguinha lá por África! Com muita sinceridade, ó menino (eh, qualquer dia tenho de lhe chamar Sr. Engenheiro!), o que é preciso é a gente das fábricas e dos campos «aprenderem» a ler e a escrever e, quando houver mais saber, então, olhe!, aí eu já acredito que o povo faça miséria nas famílias abastadas que ora mandam em tudo!, terminou ele com a mão na barba branca, de alguns dias. Se calhar, você tem razão, mas eu acho que se a malta nova se tornar mais consciente, começando a libertar-se dos fantasmas cantados pelos pais e avós, então outro galo poderá cantar em Portugal!, disse o jovem com um brilho no olhar. O velho olhou-o, pôs-lhe a mão num ombro e atirou: Sonhos, meu menino, sonhos!, rematou com um sorriso. Olharam-se e riram a bom rir. As conversas com o velho pastor ficavam-lhe gravadas. Eram a lição da vida. E, entre tudo isto, ia o jovem deixando apontamentos e poesias em montes de papéis, uma paixão desenfreada. E era vê-lo já, cada vez mais lírico e aventureiro, a instruir outros no manejo das armas e explosivos e a discutir acaloradamente com outros mais experientes a estratégia e a tática da Organização face ao liberalismo simulado de Marcelo Caetano, que permitia o espectro continuado da guerra.*

*Em finais de 1971, a PIDE deitou-lhe a garra e levou-o para Lisboa, onde o reteve durante três dias.*



Foi o massacre com socos e pontapés e tortura de estátua. É de menor idade e não traz nada com ele, mandem-no embora!, gritou um agente. Voltou a casa dizendo: estive em casa duns amigos em Lisboa! Mas como soubera a PIDE que ele existia? Que se passava? Mas, apesar destas interrogações, continuou. Não o sabendo muito bem, desconhecendo que força o impelia, o João C. sentia-se dominado por algo forte a exaltá-lo para a aventura, nebulosa encantadora, porém sentimento que se lhe espraiava pelas entranhas deixando-o em polvorosa, menino a crescer com o sonho mal definido ainda, um sonho onde a igualdade era uma aguarela e um pedaço de barro contando as histórias possíveis do fraterno dizer entre as gentes: «Viva a República!» Situação precária de um jovem que tinha um passaporte certo para a guerra mas o recusou por não se sentir bem na geografia do império e resolveu, num ímpeto de coragem e de alguma ingenuidade, combatê-lo para definir política e economicamente a verdadeira dimensão da pátria portuguesa. Esta agitação levou-o de novo, em Agosto de 1972 e, depois, em Dezembro de 1973, às garras da PIDE, no ninho da António Maria Cardoso. Mas não abriu a boca. E porquê abrir a boca? Regressou de novo a casa dizendo: «Estive em casa duns amigos em Lisboa!» E sempre as mesmas interrogações: Que é isto? Quem me denuncia?

Vem a ligar-se, dois meses depois, a um grupo de surrealistas e de anarquistas formando uma pequena organização autónoma do esquema partidário, encontrando no liberalismo de alguns militares de carreira um apoio firme às ideias que acalentava: a edificação de uma milícia popular para levar o regime a sair de África, safando a vergonha colonial e policial com a queda do Estado Novo. E depois? Depois, o poder civil com o apoio dos militares para a construção duma pátria virada para os seus concidadãos e a valorização do

maior império dum povo: a Cultura. Embrenhou-se de tal modo com os outros em discussões deste tipo, que começaram a engendrar a utilização de pequenos grupos populares, clandestinos, para assegurar na província o êxito militar desses liberais mais saturados da guerra de África.

Entretanto, o João C. fizera já uma viagem à China e outra a Cuba, depois de ter travado conhecimento com conselheiros estrangeiros a dar apoio aos nacionalistas africanos. Vivia, então, um período rico entre Guimarães e o Porto, com idas esporádicas a Lisboa e Barcelos. E a Barcelos porque o Cávado continuava a ser a força da poesia que lhe adocicava o espírito. Na época conheceu uma irlandesa espectacular, esverdeados e grandes olhos melancólicos num corpo que ele só conseguia definir em poemas que sucessivamente rasgava por, mesmo assim, não lhe darem a imagem exacta. Foi um período importante. Dava-se a tudo o que era antifascismo. Tudo era bom. Os hinos do Zeca a insuflarem os menos crentes na viragem possível, audições subterrâneas, a vida corria nas estrelinhas dos jornais e... páginas tantas, após algumas sabotagens de pequena dimensão, «coluna militar das Caldas da Rainha em direcção a Lisboa»... Ninguém queria acreditar que algo estava a mudar, os caquéticos generais correram a prestar vassalagem ao delfim de Salazar, mas já uma raiz sentida fazia o povo murmurar e ler os jornais com olhos de ver. A vaca gorda estava mal, muito mal, e as águas bentas não viravam milagres, e havia ainda beijos de despedida trocados pelos namorados junto dos navios que rumavam a África, o futuro ensombrado. João C. estava eufórico. O fervor das mães que fizeram de Portugal um antro de incapazes e submissos homens esmorecia aos poucos, tantos eram os que não voltavam! O velho Salazar não tinha tanta razão como a que o Ferro apregoava e o império era um baralho de



*cartas que caía lentamente no sopro dos ventos da insatisfação da pequena burguesia urbana!*

Um fio de fumo no cachimbo, ainda.

— Sr. Engenheiro! Diga-me do que está a pensar. Não fique aí, só e triste, a matutar nas águas paradas! O jovem acorda.

— Hum...

Olham-se. Na troca de sorrisos, na circunstância, observam um respeito mútuo.

— Eu sei que você vem de uma área política diferente, quero dizer, não se enquadra no espírito daqueles que fizeram o Partido Revolucionário do Proletariado, embora se tenha ligado à rapaziada que, após o Terceiro Congresso, criou a cisão política e afastou o Antunes e a Isabel! Os homens como você eram precisos para os novos voos do terrorismo. Você é um técnico mas, antes, um político que se afirma. No entanto, creio que escolheu muito mal os novos amigos. Esta rapaziada que saiu do PRP para criar as Forças Populares 25 de Abril não sabe o que quer politicamente! Mas você há-de dar-me razão, mais tarde...

— Eu sempre tive capacidade para resolver os meus problemas, meu caro!

— Acredito! Mas não concorda comigo?

— Não concordo nem deixo de concordar, não vou é discutir consigo...

— E a FUP...

— Essa Organização, a Força de Unidade Popular, é uma Organização legal que a PJ, a mando do Estado, resolveu destruir!

— Você sabe, como eu, que a FUP era o braço legal da estrutura clandestina FP25 e que o dinheiro gamado nos bancos passava por lá!

— ... Hum?!

— Depois dos cento e oito mil foi um faltar de compras e de viagens... E o seu amigo Otelo?

— É um amigo!

— Isso mesmo! O pólo aglutinador do Projecto Global. Ou não é assim que se chama a Organização?

— Que tem Otelo a ver com isto?

— Deixe-se disso! O Otelo já vem de 1976... Esteve metido em reuniões com a rapaziada do PRP e outros militares que você bem conhece!

— Não percebo nada acerca do PRP!

— Ora... Eu sei que você é oriundo da área dos anarquistas que por aí andavam antes do 25 de Abril, mas daí a dizer-me que não percebe nada... Mas eu percebo-o!

O sub-inspector sorri-se. Está consciente de que neste jogo apenas uma parte acaba por vencer.

— Você... você é que sabe tudo!

— Ah, sim, um a um vocês vêm todos cá parar! — diz ele, com um gesto largo de mãos.

— É uma questão de sorte!

— É o jogo do gato e do rato!

— Hem!...

— Vocês tiveram aquele percalço no Jardim do Carregal e foi o suficiente para nós chegarmos até ao miolo do famoso Projecto Global. Sabe... Há sempre alguém que fala, alguém que, por variadas razões, se satura dessa vida de eterno fugitivo.

— Ah...!

— Até eu ainda não percebi por que é que o Otelo não foi dentro aquando da rapaziada do PRP! Ele estava tão envolvido no terrorismo como os outros. Bastava olhar para as causas do nascimento da Organização Unitária de Trabalhadores, que se transformou no ninho dos dissidentes do PRP! E não era Otelo o seu presidente?

— As conclusões são suas...

— Claro...

— Ah, ah, ah!



Entra na sala um indivíduo alto e magro, de bigodinho bem aparado.

— Deixem-me cá ver o homem... É ele! — diz, apontando-o.

O jovem ri-se.

— Você é o João C., o engenheiro. Tirei-lhe algumas fotos há uns anos. Está na mesma! Ainda não percebi como é que um tipo como você, que joga ténis e faz cinema, se meteu nisto! Ah, ainda não encontrei nenhum dos seus livros de poesia...

— ...Eu ofereço-lhe um, qualquer dia!

— Ora bem.

Riem-se.

Reina na sala a boa disposição, que ajuda o jovem a estar descontraído, apesar da situação.

O fininho sai da sala, e passam a entrar e a sair vários agentes.

Mas, de novo, se confrontam os dois homens. Nota-se, no polícia, uma ânsia de ouvir o preso, mesmo em coisas fúteis, para o agarrar a um fio de conversa de onde possam resultar novas pontas de interesse para a investigação.

— Então, você é o «Rui», o «Alexandre» e o «poeta».

— Se você o diz...

— Ah, ah... Dizem-no os seus papéis!

— Sim?

— E escritos por si, pelo seu punho. E outra coisa: quem ficou consigo ontem à noite? Quem era ela? — atira ele com os olhos fixos no jovem.

— Essa agora...!

— Pronto... Bom proveito!

Embora não o dando a entender visivelmente, o certo é que o polícia viu em João C. uma certa preocupação. Algo lhe diz que está a bater num sítio certo, bom.

— Espanhola? — avança ele.

— Que lhe pareceu?

— Hum... Está bem! Está bem! — dá-se ele por satisfeito.

— Então, sabe ou não sabe?!

— Hum...

Olham-se nos olhos e riem-se.

Com gestos lentos, o jovem despeja o tabaco queimado do cachimbo e limpa-o.

Alguém lhe traz, num prato, um bife com ovo e batatas fritas. E a inevitável garrafa de cerveja. A longa conversa com o sub-inspector abriu-lhe o apetite. Come, enquanto saboreia, também, o insólito ambiente.

E, de novo, o diálogo. Conversam como se se conhecessem há muito.

— Sabe, ó Engenheiro, você tem uma forma de estar nisto que difere muito da dos outros. Você conversa connosco, embora não diga aquilo que nós queremos!

— Vocês, a PJ, não são o meu inimigo!

— Temos formas diferentes de ver as coisas...

— Mas não só...

— Ah!...

— Como defensores daquilo que o Estado define, falando neste caso do Capital, vocês nunca levantarão um dedo contra a corrupção económica fomentada pelos abastados. Ou não será essa a fórmula mais exacta do terrorismo?!

— Não é bem assim!

— Ora.

— Isso é um caso que tem a ver com outros!

— Prendem a malta Anticapital, levam milhares de famílias à fome e à miséria! Prendem-nos?

— Não é connosco!

— Ah...!

— Ó Engenheiro, o melhor é você descansar um



pouco porque, mais logo, o espera uma viagem até Lisboa.

— Ah, ah, ah...! De acordo.

As horas passadas com o sub-inspector, um polícia perito no «Caso PRP», transformam-se num bom momento, dada a forma empírica como ele se coloca nos assuntos que deixa transparecer em cada nova pergunta; ele enche-o com húmus de plantas do acaso saídas naturalmente, é um funcionário experiente na arte de seduzir os incautos. Agarra-se como uma lapa a uma pequena insignificância, para tentar chegar a bom porto. Mas desde o início que tinha na frente um outro teimoso decidido a não deixar os créditos por mãos alheias.

*Tanto mais que a preocupação do dia vinte e um estava, pela natureza da situação, posta de lado. Para já. É de novo um preso político metido no mesmo saco que muitos outros. O que lhe traz uma nova preocupação, um caso ainda mais difícil que a apresentação dum tese de abandono a uma Organização clandestina com problemas de segurança: até ao momento da sua detenção ainda nenhum dos quadros operacionais clandestinos, já detidos, se assumira como preso político defendendo a existência do Projecto Global.*

*Em que buraco está metido?*

*João C. nunca foi homem para esconder as suas simpatias políticas e, muito menos, renegar os projectos de ampla estrutura político-militar a que deu corpo.*

*Uma nova preocupação vem, assim, perturbá-lo.*

Na largueza dos seus modos, o sub-inspector afastara-se da sala para dactilografar um relatório. Próximo, ouve-se o som da máquina.

A noite protege o sono da urbe.

O matraquear da máquina vem perturbar a quietude do ambiente ameno. Dois polícias entram na sala, desligam uma parte da luz fluorescente.

— Até mais logo! — diz um, despedindo-se.

— Você durma à vontade! — diz o outro que se sentara junto duma secretária em frente do jovem, virado para ele.

João C. sorriu.

Desde que entrou no edifício nada do que viu o intimidou. Ajeita-se na cadeira e apoia a cabeça nos braços cruzados sobre papéis oficiais dispersos.

Está cansado, sente a cabeça pesada.

Adormece.

Os polícias continuavam na sua azáfama em torno da investigação e arrolamento dos materiais apreendidos.

No meio do silêncio que recebe a primeira claridade do novo dia, ele abre os olhos. Espreguiça-se. Está uma alvorada fresca.

Pouco depois, começam os barulhos da cidade que acorda para mais um dia de trabalho.

São oito horas e meia da manhã.

Esfrega os olhos com os dedos.

Está tudo pronto para a viagem até Lisboa.

O fininho da noite anterior surge na sala.

— Cá está o homem dos olhos azuis! — diz em jeito de cumprimento.

— Bom dia! — cumprimenta-o, em resposta.

Enquanto dura esta troca de cumprimentos, o fininho prepara as algemas para os pulsos que o jovem lhe estende.

— Você desculpe, mas tem de ser! — diz ele ao fechá-las nos pulsos. — 'inda o hei-de ver de novo com as mãos livres! — atira ele guiando o preso para o exterior.

As algemas apertam mais a cada novo movimento dos pulsos, e causam uma irritação permanente.

— Prepare-se para me ir aliviando da pressão! — adverte-o. Sentam-se os dois no banco de trás do carro que, de imediato, se põe em marcha.



— Você manda!

Atravessam a cidade numa hora de grande movimento automóvel. A sirene vai constantemente ligada. Entre vários tipos de conversa, chegam à entrada de Lisboa quatro horas depois. Têm um carro da DCCB à espera. De novo o chinfrim das sirenes, entre o trânsito. Pouco falta para as treze horas, e gastam mais algum tempo até entrarem no edifício da Direcção Central Contra o Banditismo. É um edifício moderno dotado de condições condizentes com uma corporação deste género.

João C. é introduzido numa pequena sala e apresentado a um alto-funcionário. Um homem de meia-idade. Trato afável, um bigode farto mas aparado. Um homem forte.

Está calor.

O alto-funcionário, inspector, leva-o para o seu próprio gabinete. Há agentes a espreitar.

Constata-se uma certa estupefacção com o tipo de prisão efectuada. João C. era um homem desde há muito procurado mas nada havia que levasse a PJ até ele. Se aos polícias do Porto tudo pareceu normal, em Lisboa já as coisas correm de outra maneira.

O jovem é a vedeta.

— Foi apanhado no Porto!

— Ah, é o «poeta»... — dizem dois agentes entre si, depois de espreitarem. O inspector fecha a porta do gabinete.

— Hum, foi denunciado! — vaticina um outro que o mira de alto a baixo no momento em que a porta é fechada.

A surpresa é geral, não pelo facto da prisão em si, mas por ela ter sido efectuada no Norte. A policia parecia estar certa de que os quadros operacionais das FP25 se encontravam na grande Lisboa e periferia. E, ainda, tinham indicações de saídas recentes de alguns

deles para países africanos de expressão portuguesa, nomeadamente Moçambique.

— Fez boa viagem? — pergunta o inspector, sentando-se à secretária do seu pequeno gabinete.

— Sim, muito obrigado!

— Já sei que é o único homem das FP25 a assumir-se como tal. Mas, diga-me, não lhe parece que a prisão dos elementos da FUP... eles recusam quaisquer envoltórios com as FP25, o que é absurdo!... veio bloquear toda a estrutura clandestina? Ela não poderá sobreviver muito tempo sem o apoio directo duma componente legal. Com a Componente Legal destruída e a Clandestina à deriva, o Projecto Global acabou. E o Sr. Engenheiro poderia evitar que as FP25 fizessem algumas asneiras, dizendo-nos como neutralizá-las!

— Eu já expliquei aos seus colegas do Porto que o facto de me assumir politicamente nada tem a ver com quaisquer tipos de denúncias. Estou a fazer aquilo que fiz antes do 25 de Abril, na PIDE.

O inspector esboça um gesto.

— Há uma grande diferença entre a PJ e a PIDE, eu sei. Mas a motivação da acção desencadeada contra políticos militantes da Esquerda é uma motivação ideológica, isto é, uma acção policial que visa assegurar o caminho traçado pelo Capital para a reconquista do domínio laboral neste país!

— As coisas não vão com violência!

— Através do Parlamento muito menos!

— Eu gostava de conversar consigo com mais tempo!

— Há muita coisa mal e uma Organização como as FP25 não foge a esta regra...

— O Sr. Engenheiro tem problemas com a sua Organização, nós sabemos! Não acha que é tempo de acabar com todas essas preocupações?



— O Sr. Inspector sabe que não vou abrir a boca, não estou disposto a fazer mal a ninguém!

— Só você é que sabe...

Chamam o inspector. Ele cumprimenta João C. e retira-se. Um agente vem sentar-se junto dele. Sente-se cansado da viagem durante a qual tentou fazer o mínimo de gestos para evitar uma maior pressão das algemas. Encosta-se melhor na cadeira e quase adormece.

Três quartos de hora depois vêm buscá-lo, para ser presente ao juiz de Instrução Criminal.

Atravessam de novo o centro de Lisboa até à Gomes Freire. No velho edifício da PJ é levado até ao 4.º Juízo, à porta do qual espera algum tempo. Ninguém tem pressa. Numa sala paralela, um rádio transistorizado transmite as últimas sobre a sua prisão. O comprido corredor passa a ser de passagem obrigatória para funcionários e funcionárias famintos do espectáculo. «Um chefe das FP25!» Calmo, João C. fuma uma cachimbada enquanto aguarda ordem de entrada no gabinete do juiz. Como não há pressa, é levado para a secção de impressões digitais e fotografia. E pronto, fica devidamente registado o seu cadastro na PJ. No regresso ao corredor onde se situa o 4.º Juízo, fica de novo a aguardar ordem de entrada. Os, e as, «mirones» não o largam. Encosta-se à parede como que a dizer: «Fumando espero.» *É um momento importante na sua vida. Nas três vezes que a PIDE o prendeu nunca fora presente a um juiz.* Tem direito a um advogado de defesa e pode recusar falar ante este juiz. «Que ganho eu em estar a emperrar mais esta bodega?», pergunta-se. E decide ir para a frente sem advogado. É uma primeira fase. Sente-se bem. Alguns minutos depois, um dos agentes que o acompanha, e que parece dirigir tudo e todos na ausência do inspector, fá-lo entrar no gabinete do juiz.

## II

É uma sala pequena.

Um homem, ainda novo, indica-lhe uma cadeira enquanto, com a mesma brevidade, dá indicações à dactilógrafa que acaba de entrar.

Ela instala-se junto da secretária, colocando folhas de ofício e papel químico na máquina.

João C. senta-se. O agente colocara-se perto, depois de entregar ao homem da secretária um *dossier* que é folheado rapidamente; ele procura algo que, ao encontrar, marca com o dedo.

— Pronta? — pergunta à dactilógrafa.

— Sim! — responde ela com um sorriso que se torna na única flor existente na sala.

O homem vira-se, então, para João C. e, num tom baixo, pede:

— Nome, filiação, morada, profissão...

O homem que João C. tem na sua frente é um tipo moreno, barbudo e magro. No seu olhar brilha uma importância quase solene.

Vai ditando para a jovem as referências pessoais que o preso lhe põe à disposição. Todos os movimentos do homem parecem obedecer a um estudo prévio de posse solene.

— Como sabe, não é obrigado a responder a nada.



Obras publicadas nesta colecção:

- 1 — *Ensaio* (vol. VII), António Sérgio.
- 2 — *A Ciência Económica e a Acção*, P. Mendès-France e G. Ardant.
- 3 — *Ensaio* (vol. V), António Sérgio.
- 4 — *A Loucura dos Homens*, Jules Moch.
- 5 — *Pode-Se Modificar o Homem?*, Jean Rostand.
- 6 — *Ensaio* (vol. II), António Sérgio.
- 7 — *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*.
- 8 — *U. R. S. S. — Depoimento Dum Socialista Francês*, Jules Moch.
- 9 — *Os Manuscritos do Mar Marro*, John Marco Allegro.
- 10 — *As Maravilhas do Cinema*, Georges Sadoul.
- 11 — *Recordações da Minha Vida Morta*, René Lezich.
- 12 — *O Sexo e a Sociedade*, Kenneth Walker e Peter Fletcher.
- 13 — *Recordações e Confidências do R. P. Dominique Pivé*, Hughes Véhennec.
- 14 — *Mais Brilhante Que Mil Sóis*, Robert Jungk.
- 15 — *Dicionário Crítico de Algumas Ideias e Palavras Correntes*, António José Saraiva.
- 16 — *O Medo e os Conflitos Emocionais no Mundo Moderno*, Peter Fletcher.
- 17 — *Hiroshima Renasce das Cinzas*, Robert Jungk.
- 18 — *Pura a História da Cultura em Portugal* (vol. I), A. J. Saraiva.
- 19 — *Pura a História da Cultura em Portugal* (vol. II), A. J. Saraiva.
- 20 — *O Fingido da Suástica*, Lord Russel of Liverpool.
- 21 — *Uma Nova Ásia*, Anton Zischka.
- 22 — *Geografia e Economia da Revolução de 1820*, Fernando Piticira Santos.
- 23 — *A República Moderna*, Pierre Mendès-France.
- 24 — *A História Começa na Sumeria*, Samuel Noah Krauss.
- 25 — *Na Pele de Um Negro*, John Howard Griffin.
- 26 — *Vida, Espírito e Matéria*, Erwin Schrödinger.
- 27 — *História da Gestapo*, Jacques Delarue.
- 28 — *Verdadeira História dos Conclitos*, Jean Louis Schonberg.
- 29 — *Simbolos & Mitos*, Fidelino de Figueiredo.
- 30 — *Situação da Arte Moderna*, Jean Cassou.
- 31 — *A Margem do Tempo*, Michel Siffre.
- 32 — *Por Um Novo Romance*, Alain Robbe Grillet.
- 33 — *Realidade e Ficção*, Bertrand Russell.
- 34 — *Oll Vicente e o Fim do Teatro Medieval*, António José Saraiva.
- 35 — *Educação Estética e Ensino Escolar*, João dos Santos, Nikias Skapinakis, João de Freitas Branco, Luís Francisco Rebelo, Nuno Portas e Rui Grilo.
- 36 — *Aku-Aku — O Segredo do Ilha de Piscoe*, Thor Heyerdahl.
- 37 — *Baudelaire*, Jean-Paul Sartre.
- 38 — *Portugal, País Macrocéfalo*, Silva Costa.
- 39 — *A Caça aos Sábios Alemães*, Michel Bar-Zohar.
- 40 — *China — De Confúcio a Mao Tsé-tung*, A. dos Santos Matias.
- 41 — *Olto Ensaio sobre Arte Contemporânea*, José-Augusto França.
- 42 — *Ensaio Queiroziano*, António Coimbra Martins.
- 43 — *O Homem em Questão*, Claude Roy.
- 44 — *Vietname — Nas Duas Margens do Inferno*, Michèle Ray.
- 45 — *Situação da Arte* (organização de Eduarda Dionísio, Almeida Faria e Luís Salgado de Matos).
- 46 — *Mao Tsé-tung*, Stuart Schram.
- 47 — *Situações I*, Jean-Paul Sartre.
- 48 — *Situações II*, Jean-Paul Sartre.
- 49 — *Ho Chi Minh*, Jean Lacouture.
- 50 — *O Macaco Ni*, Desmond Morris.
- 51 — *A Vida e os Homens*, Ilya Ehrenbourg.
- 52 — *História da Bomba Atómica*, Leandro Castellani e Luciano Gaganle.
- 53 — *América em Fogo*, James Hepburn.
- 54 — *A Conquista da Lua*, Peter Ryan.
- 55 — *Lisboa, Uma Cidade em Transformação*, Keil Amaral.
- 56 — *O Zoo Humano*, Desmond Morris.
- 57 — *O Livro Negro da Ditadura Grega*.
- 58 — *A Revolução Cultural Chinesa*, Alberto Moravia.
- 59 — *A Batalha do Silêncio*, Vercors.
- 60 — *Os «Hippies»*.
- 61 — *Anatomia da Nova Europa*, Anthony Sampson.
- 62 — *O Calvário*, Pericles Korovessis.
- 63 — *O Macaco Louco*, Alberti Sreni-Györgyi.
- 64 — *Socialismo Africano*, Eduardo dos Santos.
- 65 — *A Biologia da Arte*, Desmond Morris.
- 66 — *Coordenadas da Educação Permanente*, Pedro Mornis Barbosa.
- 67 — *Situações III*, Jean-Paul Sartre.
- 68 — *Do Livro à Leitura*, José Palla e Carmo.
- 69 — *Situações IV*, Jean-Paul Sartre.
- 70 — *O Milagre Económico Japonês — 1950-1970*, Hubert Brochier.
- 71 — *O Acaso e a Necessidade*, Jacques Monod.
- 72 — *O Hipnotismo*, Karl Weissmann.
- 73 — *Homens e Macacos*, Ramona e Desmond Morris.
- 74 — *Brazil — Mundo em Construção*, A. Sebastião Gonçalves.
- 75 — *Os Cinco Comunismos*, Gilles Martinet.
- 76 — *Panjamon — Os Caçadores de Cabeças*, Jean-Yves Domalaïn.
- 77 — *A República Espanhola e a Guerra Civil — 1931-1939* (vol. I), Gabriel Jackson.
- 78 — *A República Espanhola e a Guerra Civil — 1931-1939* (vol. II), Gabriel Jackson.
- 79 — *Reprodução das Espécies*, Desmond Morris.
- 80 — *O Perigo Americano*, Christian Goux e Jean-François Landeau.
- 81 — *O Surrealismo na Poesia Portuguesa*, Natália Correia.
- 82 — *A Unidade da Oposição à Ditadura (1928-1931)*, coordenação de A. H. de Oliveira Marques.
- 83 — *A Primeira Legislatura do Estado Novo (1935-1938)*, coordenação de A. H. de Oliveira Marques.
- 84 — *O Novo Jogo do Petróleo*, Jean-Marie Chevalier.
- 85 — *O Poder da Informação*, Jean-Louis Servan-Schreiber.
- 86 — *Sobreviver*, Dougal Robertson.
- 87 — *Julio Denis*, organização de Libertio Cruz.
- 88 — *O Segundo Governo de Afonso Costa (1915-1916)*, coordenação de A. H. de Oliveira Marques.



Não traz advogado? — pergunta o homem, fingindo mal o seu desconhecimento do facto.

O preso sorri.

— Posso fumar?

— Faça favor, Sr. Engenheiro!

Devagar, e encostando-se melhor na cadeira depois de cruzar as pernas, ele enche a caldeira do cachimbo. A chama do isqueiro surge e queima o tabaco, deixando no ar uma pequena nuvem de fumo perfumado.

— Como não traz advogado, vamos providenciar no sentido de algum estar presente enquanto o ouço!

— Como queira, Sr. Juiz.

Pouco depois entra um tipo novo que vai testemunhar, e não defender, o facto de o preso estar a ser ouvido por um juiz de Instrução.

Sentada no outro extremo da mesa, a procuradora da República assiste, muda, ao acontecimento.

— O Sr. Engenheiro é a primeira pessoa que, neste processo, se identifica politicamente com as FP25! — exclama o juiz com um ar de quem estava há muito ansioso por ter alguém assim nas mãos.

— O Sr. Juiz não se precipite! O que eu tenho a dizer é simples e rápido. Sou um quadro político-militar desde finais de 1979, ligado às FP25, e sobre a Organização eu não tenho nada a declarar!

O juiz mexe-se na cadeira, passa os dedos pelo *dossier* elaborado pela PJ.

— Sim, falemos de si... Por que está nisto?

— Sou, basicamente, um antifascista que se inseriu, ainda muito novo, na oposição à guerra colonial, enveredando paralelamente por uma posição mais radical. Isto é, tornei-me, aos poucos, num político em armas! As primeiras discussões políticas em que me envolvi foi em 1971, com um grupo de anarquistas, e o meu desejo de viver numa sociedade mais moderna e aberta ao diálogo cultural e político levou-me a conti-

nuar para além de 1974. É que a Revolução dos Cravos não passou de um golpe de palácio e militar, com todas as forças na contenda perfeitamente ciente dos seus papéis... O golpe veio retardar, direi mesmo anular, por muitos anos, a explosão popular contra o regime podre e corrupto; o golpe foi a salvação dos responsáveis fascistas e da PIDE, permitindo, ainda, que o Capital liberal tomasse as rédeas do Poder. Desde 1976 que havia uma camada da Esquerda Revolucionária com ânsia de modificar isto. Mas como? Tradicionalmente, a Oposição portuguesa não é violenta mas, após a destruição policial e política do PRP, numa acção idêntica à que o Sr. Juiz dirige, agora, contra a FUP!, de que resultou uma grave cisão no interior dessa Organização, surgiu um grupo de malta nova com capacidade política para desenvolver o embrião duma Organização político-militar com o objectivo, a longo prazo, da criação dum Exército Revolucionário. Foi nesta base que eu fui contactado em 1979 e, nos fins desse ano, me inseri como quadro político-militar nas FP25!

— Mas vivemos em democracia...

— ...talvez, na sua!

— O Sr. Engenheiro sabe, como eu, que a democracia é um regime que demora a implantar — diz o juiz a rir-se, enquanto gesticula imagens várias.

— Esta coisa a que o senhor chama democracia não é mais que um Estado subjugado aos interesses fundamentais do Capital e das grandes potências...

— ...por outro lado, temos um Parlamento!...

— ...sim, temos essa coisa onde se decidem as leis nas costas dum Povo, que elegeu os deputados na mira de ser defendido!

— Aquilo a que se chama democracia é isto!

— É a sua opinião, Sr. Juiz!

— Outra coisa: o senhor participou em operações?

— Óbvio.



— Diga-me, que é a «ECA»?

— Não faço ideia!

— Hum... Conhece o tenente-coronel Otelo?

— É um amigo.

— A «ECA» é o mesmo que FP25!

— Já lhe disse que não lhe posso falar da Organização que, tanto quanto sei, se chama FP25!

— E a FUP?

— É uma plataforma eleitoral.

— Acha que o terrorismo resolve os problemas dos trabalhadores?

— Acho melhor esclarecermos uma coisa: para si, o terrorismo são os assaltos a bancos e as bombas e os industriais baleados. Para mim, o terrorismo é a política governamental a soldo do Capital que cria leis, com o acordo tácito dos democráticos deputados, para impedir o controlo operário, e tudo isto e o resto para impedir os trabalhadores e intelectuais progressistas de levantarem o Poder Popular, um regime novo! O Sr. Juiz é uma peça desta engrenagem terrorista!

— São opiniões!

— Ah, ah, ah...!

O juiz olha-o. Parece estar resolvido em continuar a conversa.

— Nós sabemos que as suas ideias não são as mesmas que orientam a grande maioria dos operacionais. É isto que me preocupa agora!

— Ah...! Sabe, apesar de ser quem sou, acusado de ser um chefe operacional das FP25, recusei-me sempre a matar! E isto porque quando entrei para a Organização o fiz com o espírito da criação dum Exército Revolucionário. Ora, isto difere das operações pontuais em que um comando liquida um patrão pelo simples facto de este não pagar salários e de reprimir os trabalhadores. A criação dum Exército Revolucionário é algo de muito mais importante que todas as operações pon-

tuais que as FP25 façam. É uma acção de longo prazo, virada para uma militarização consciente e cívica dos trabalhadores! Como você já o sabe, pelos papéis que tem nas mãos, o desvio político, em relação ao Manifesto de 1980, sofrido pela Organização, arrastou conflitos internos, e eu sempre fui daqueles para quem a criação do Exército Revolucionário estava em primeiro lugar. Também, por esta razão, todas as operações guisadas por mim foram feitas de modo a não deixar rastros de sangue inocente.

— Mas não acha que é tempo de acabar?

— Ora!...

Ao exclamar assim, com um sorriso nos lábios, João C. esconde uma preocupação que o começa a apouquentar. «Que raio é a ECA»? Esta sigla não lhe é desconhecida.

— Diga-me, que é o «PDEC»? — atira o juiz como que adivinhando as preocupações do preso.

— Não sei!

Ao referir-se a esta última sigla, o juiz dá a resposta a uma pergunta que, desde há algumas horas, martela o jovem.

— Encontrámos «PDEC» e «ECA» nos escritos de Otelo! E tudo isto faz parte dum «Projecto Global» dirigido por uma «DPM»! Que lhe parece?

— Não me parece nada!...

— Por que é que os outros operacionais presos não se reivindicam das FP25? — Ao fazer esta pergunta, o juiz sabe que está a tocar em algo importante.

— Não sei se há algum preso. Acho que sou o primeiro!

— Hum...

— E não se esqueça de que reivindico, também, o estatuto de preso político!

João C. fica com a ideia de que alguém está a dar



com a língua nos dentes. A polícia tem demasiadas informações sobre a Organização.

Mexe-se na cadeira.

*Ainda aquela sigla a dar-lhe a volta ao miolo. Ouviu-a em qualquer lado. «Até a escrevi num papel!», recorda-se ele. E não será esse papel que o juiz tem na mão?*

Através de alguns furos existentes na malha apertada do segredo da Justiça, a Organização sabe que as declarações de Otelo põem muita gente em causa.

Faz um esforço enorme para se manter calmo ante o ar irónico do juiz. Está a ficar farto daquele gesticular ensebado.

Os jornais começaram já a publicar peças do processo em que Otelo e a FUP são entidades acusadas de pertencer, juntamente com as FP25, a um chamado Projecto Global que se propõe «erguer o Exército Revolucionário».

O tipo de perguntas que o juiz lança vai permitindo ao jovem guerrilheiro urbano perceber a medida da profundidade dos conhecimentos adquiridos pela PJ acerca do Projecto Global e da sua estrutura real. Preocupa-o a possibilidade de as declarações de Otelo poderem ajudar a PJ na busca incessante que esta Polícia vem fazendo para chegar à conclusão de uma ligação efectiva entre as várias componentes políticas. Já as palavras do sub-inspector do Porto o haviam alertado. Os presos do Caso do Jardim do Carregal, que resolveram abrir a boca, adiantaram alguns dados preciosos. Foi a partir deles que a PJ elaborou o cerco e destruição da FUP e se certificou da possibilidade de Otelo ter em seu poder importantes documentos. Convence-se de que a PJ não acabou de vez com tudo porque se precipitou lançando uma operação que visou apenas as componentes legais do Projecto Global. Com um pouco mais de audácia teria colocado armadilhas nos contac-

tos da rede, e nada ficaria de pé. É este falhanço operacional que preocupa agora o Estado e o juiz que o representa.

Ele tenta não mostrar a sua perturbação. Sabe que o juiz está a tentar jogar aí.

— Acha que o Povo apoia as acções das FP25?

— Não, acho que não!

— Então...

— O facto de não existir uma ligação mais íntima entre os trabalhadores e aqueles que, em armas, lutam contra o Capital, não significa que a luta acabe. O desfasamento existente deve-se, unicamente, ao desvio sofrido na estratégia da Organização. Eu estou aqui, nesta luta, porque tenho a consciência do valor anti-social que representa para o Povo o regime capitalista.

— Bom...

O juiz parece satisfeito.

Conferencia com o agente, que se mantivera permanentemente calado, recebe no meio de tudo isto um telefonema, e determina a prisão.

João C. segue para o Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus, uma masmorra de alta segurança a alguns quilómetros de Lisboa, na Estrada do Norte.



### III

Veste as peças da farda já coçada pelo uso no corpo de outros reclusos. Dão-lhe uma chapa para colocar no exterior da cela, o n.º 157. Um guarda faz o arrolamento de todos os objectos pessoais e roupa civil para tudo ser armazenado. Deixa-lhe o cachimbo, o tabaco e uma carteira de fósforos.

— Pode emprestar-me um pouco de papel? — pede ele depois de verificar que não trouxera bloco algum no saco de viagem.

— Tem aqui, mas são pequenas estas folhas! — O guarda estende um pequeno bloco com folhas publicitárias.

— Obrigado!

É conduzido, por outro guarda, ao terceiro piso do Pavilhão A, e isolado numa cela.

Põe a trouxa com os cobertores, os lençóis e as toalhas em cima da cama. Aproxima-se da janela. Não há grades, mas umas ventosas que suavizam o ambiente. Pela janela, vê um largo espaço de recreio com uma torre de vigia perto. Passa as mãos pela roupa. «Não me tiram a razão, assim!», murmura olhando o guarda que observa, de longe, a janela da cela com o novo inquieto. É o único neste piso.

Está quente.

As conversas na DCCB e no JIC, mais as viagens, deixaram-no cansado. Deita-se sobre o colchão. Não tarda em adormecer.

Acorda com o rodar duma chave na porta e alguém a dizer:

— 'tá a acordar, ó pessoal!

— Bom dia! — cumprimenta o guarda.

— Bom dia! — retribui o preso enquanto pega num copo de metal acinzentado e numa colher.

— O copo e a colher ficam consigo! — diz o faxina, um preso sorridente que lhe enche o copo com café e lhe entrega meia carcaça com manteiga.

— Até logo! — dizem o guarda e o faxina.

— Até logo!

Ouve de novo o som da chave na fechadura, uma sanduíche de metais.

Vai até ao lavatório e lava o rosto.

— Hum...

Por baixo tem dois recipientes de plástico, um para as necessidades fisiológicas e outro para o lixo. Há ainda um armário nesta parte e um outro, horizontal, sobre a cama. Uma cadeira e uma mesa fixa na parede. O espaço é pequeno.

Passa as mãos pela roupa.

Um pássaro saltita no parapeito da janela. Está a debicar umas migalhas de pão ressequido. O sol da manhã de Verão enche a cela, projectando na parede o movimento que o pássaro faz entre as ventosas de segurança.

Extasia-se a olhar a ave.

O mundo parece-lhe uma coisa diabólica. Anda um homem a lutar por uma coisa melhor e, a páginas tantas, ei-lo atirado para os subterrâneos dum regime.

— *Ó pequena ave, como é bom viver a plenitude da liberdade que temos no pensamento! Ai estás tu com esses olhitos a deliciarem-se com a imensidão deste*



*passarão. No fundo, sabes..., somos todos iguais, todos temos de criar defesas para resistir a este viver entre esquinas que escondem adversários insuspeitos, temos de olhar bem a nossa sombra como se de um pedaço de espelho se tratasse. Sim, ninguém perdoa a ousadia daqueles que dizem não àquilo que não querem! Querem-nos dóceis, pequenos seres a debicar nas migalhas caídas das mesas dos abastados e hipócritas. Ai, a vida é um inferno, meu querido amigo! Mas, se soubermos, ainda gozamos um bom pedaço de amor... — murmura, num monólogo triste, enquanto toma o pequeno-almoço e vai lançando migalhas ao pássaro.*

Os dias correm debaixo dum calor tórrido. Ao quinto dia de isolamento, ele goza de duas horas de recreio. O sol a bater-lhe no rosto.

Conhece duas personagens distintas. Um homem acusado de assaltar o comboio de Sintra e o padre que tentou matar o papa em Fátima. Recebe, de um, o esquema geral do funcionamento dos guardas e do naipe de arbitrariedades que aqui se cometem impunemente, e, de outro, a satisfação de conversar com alguém cuja mentalidade foge ao tipo que frequenta, doentivamente, as prisões. Mas é duas semanas depois, apenas, que vem a encontrar um pouco de conforto político ao ser abordado por um árabe, um jovem ligado ao grupo de Abu Nidal, que espera julgamento pelo assassinio de Sartawi, em Albufeira; com ele estabelece uma ligação íntima, onde a discussão dos grandes problemas mundiais tem cabimento. Sente-se bem.

O tempo vai passando, lento.

Olha a Lua. Olhar a Lua já não é um passatempo do edílico estar entre um morro e o mar. João C. encontra na Lua uma companhia solitária onde bebe uma reflexão preciosa que o faz recuar no tempo com muita frequência, motivando-o para a análise cuidada das coisas e dos factos que o touxeram até esta prisão.

Uma noite mais, o olhar na Lua. Lobo esfamado na procura de si mesmo.

*Outubro de 1979, cidade de Guimarães.*

*Dezoito horas. Uma temperatura amena.*

*Na sede do Cineclube as pessoas procuravam regularizar quotas e inteirar-se do programa cinematográfico para a próxima temporada. Uma sala pequena onde mal cabiam as duas secretárias. Preparando um novo cartão de sócio, João C., magro e com barba comprida, ia atendendo as pessoas que entravam. Boa tarde, queria falar com o João C., disse um tipo alto e magro que acabara de entrar. Sou eu!, respondeu ele levantando o olhar para o desconhecido. Queria falar consigo, são só uns instantes!, adiantou. Sim, mas tem de esperar um pouco, olhe, podemos ir beber alguma coisa no café aí próximo!, disse João C. enquanto assinava um ofício na sua qualidade de director da colectividade.*

*Desceram, pouco depois, à baixa, onde um outro indivíduo, baixo, bigode farto, os esperava. Pediram três cafés e uma garrafa de água mineral. Ele queria saber por que se dirigiam a ele. De onde é que nos conhecemos?, indagou. Bom, uns nossos amigos que se encontram presos deram-nos indicações sobre ti e cá estamos!, disse o magro e alto. Gostávamos de falar contigo acerca dum projecto político que está a avançar com dissidentes do PRP, mas englobando malta da ARA e da, claro, ex-LUAR!, disse outro. Achas que tens disponibilidade, sobre todos os aspectos, para te inserires outra vez na luta armada com vista a um Exército Revolucionário?, perguntou o magro. Hum, estou a ver, estou a ver, mas acho que isso só dará resultado se se fizer uma auscultação cuidada dentro da Esquerda Revolucionária e entre os antigos políticos militares, e terá de se agarrar toda a franja política e intelectual que apoia Otelo, englobando toda essa gente, sem pressas!, num*



projecto de componentes com sectores bem estanques, mas com gente determinada a defendê-lo e valorizá-lo até às últimas consequências, e se assim for contem comigo!, respondeu ele com a segurança dos tempos da «brasa», meia dúzia de anos ao findar os anos 70.

Ao despedir-se dos dois, João C. sentiu que tudo se iria alterar no seu quotidiano de técnico de electrónica e de animador cultural. Era o regresso do sonho. Levantar um Exército Revolucionário... Recordou, então, uma frase de Virginia Woolf escrita no Orlando: «Quem nos rouba o sonho rouba-nos a vida.» Era lentamente a vida a dizer-se de novo num corpo jovem com a alma a exaltar-se num todo poético. Entregou-se, então, com euforia ao desenvolvimento desse Projecto Global que bem poderia tornar-se, dizia ele, na esperança fundamentada do novo que a Esquerda Revolucionária transporta sem o conseguir exteriorizar. Ainda assim, não deixava de relacionar os antigos problemas vividos no outro regime, sabia das novas dificuldades que esse Projecto Global iria encontrar, projecto de esperança cuja ousadia consistia em fomentar uma oposição concertada e violenta, e não isenta do espírito da anarquia, apesar dos muitos ortodoxos leninistas que se lhe juntariam na ânsia dum pouco de poder. Essa euforia não impediu, também, de relacionar o facto da traição e, tal como antigamente, não estava disposto a permitir que, individual ou colectivamente, o traíssem. Na política, é necessário assumirmo-nos como projecto que somos, mesmo no estertor da nossa existência como tal, não permitindo que a covardia nos tome o espírito!, disse por várias vezes, após aquele primeiro encontro no café.

Achava os novos companheiros de percurso demasiado embriagados pelo perfume das rosas de Abril e a imagem incomodava-o, pois o que era necessário ao

novo projecto político era simplesmente dinamismo. Não estava disposto a permitir gestos débeis junto de si para evitar um maior desgaste psicológico nos campos da luta... É que ultrapassar o amorfismo do povo exige um voto de força por cada combatente que não pode fugir ao destino que está a traçar colectivamente. O novo só se edifica assim, desta maneira, e levar o Proletariado a combater o Capital com as mesmas armas que este utiliza é um bico-de-obra, que faz tremer muitos!, disse num pequeno comércio entre camponeses. Era um bico-de-obra mas, para ele, existia uma luz lá no fundo das coisas más a atraí-lo para a aventura. Preocupava-o o facto de os intelectuais continuarem empatusados à espera que os mais corajosos produzissem a evolução nas coisas do quotidiano, uma maneira de estar no mundo pequeno de uma nação que renascia. A intelectualidade sempre se manteve à margem das grandes coisas, contaram-se pelos dedos aqueles que ousaram radicalizar-se na oposição armada contra o fascismo.

Por outro lado, havia uma prensa tentacular nos movimentos sub-reptícios das massas, saturadas das promessas que ninguém prometera, a ressaca de Novembro amolecera os ímpetos que se voltavam outra vez para os relvados e alguns pelados onde uma menina de couro ginga entre as pernas de vinte e duas personagens feitas ídolos, a suportarem a descompressão social e antidesportiva, e a sustentarem as utopias de espíritos infelizes. A prensa vinha do facto de o tempo passar bem entre a igreja e o trabalho e a puta e o lar, que a política foi um ar que se lhe deu! Verdade que tudo não passara de um sonho lindo e bom, que de tão acarinhado passara despercebido a essa massa então vitoriando os arautos de Novembro, com os patrões a tirarem os cravos das lapelas e os lacaios limpando as brutas máquinas de quatro rodas... Yah, quem diria?



*As terras do Norte voltavam ao sossego ancestral com o bispo de Braga repimpado em seu trono.*

*Foi uma época em que João C. deixou de acreditar em muita coisa, colocando uma certa distanciação anormal em tudo, um certo estar naïfe perante alguns prazeres do corpo que antes buscava com intensidade na paixão da luta. Havia um desmoronamento íntimo. Que fazer ante isto, pelo qual não lutei? Por que não vivo a adolescência como esta malta à espera que os outros produzam a mudança?, perguntava ele a si próprio. Dava voltas e voltas pela urbe, sentia-se encurralado, e nada lhe aquecia a alma. Abril trouxera uma grande abertura cultural à província e, aí, ele encontrou sempre uma tábua de salvação deambulando entre o jornalismo, o teatro e o cinema. Detestava as tertúlias do marçal da Esquerda Revolucionária, alapada entre tremoços e cervejas, fazendo política de salão. A ansiedade da busca do novo era uma razão que o bloqueava de todo. Um dia, na companhia dum companheiro de prisão, subiu a um monte, era 1977, as conversas levaram-nos a um rol de interrogações sobre o futuro. Foi um encontro agradável, a fazê-lo saltar da abstracção em que se encontrava. Ai, nada mais me interessa, preciso de esquecer a coisa antiga!, disse ele, repetindo um chavão habitual naquele tempo e nos seus lábios. Dir-se-ia que uns quantos remorsos o incomodavam, mas não era isso. Ele sentia-se traído pelo próprio Povo em que acreditara. Ora, tu sabes que a mudança social demora gerações e gerações!, serenou-o o companheiro, aquele homem de meia-idade e de bigode farfalhudo que conheceu em 1971 naquela primeira reunião de Barcelos, junto ao Cávado. Ambos haviam subido o monte com um objectivo: queimar os papéis que a PIDE tão carinhosamente preencherá sobre ele! Diziam um para o outro que «estas coisas só servem para fazer rir a malta nova», as chamas devoravam os dois processos redu-*

*zidos às cinzas dum tempo perdido, assim o consideraram, luta longínqua e ainda a impregnar o movimento tentacular das gentes perdidas num imenso oceano de interesses vários.*

*Havia em João C. um dupla personalidade. Tinha a particularidade de falar com toda a gente, não se deixando sectarizar por preconceitos de ordem da estupidez política. A par do homem bondoso e poético havia o embrião amadurecido e prestes a tomar parte numa forma de violência concertada a cronómetro. Sempre que olhava o fundo dum chávena de café, o olhar perplexo deixava adivinhar uma conversa de silêncios a exaltar o quente e doce desejo da aventura em que o seu Eu ditava sortes que o fado nunca ditara, e se lançava, qual bicho alado, à procura do éden próprio. Longa conversa, coisa sempre inacabada até ao dia em que o corpo feito pó haveria de ser lançado ao mar do alto dum colina sobrevoada pelas gaiivotas e os odores das paixões idas. «Que o meu corpo vá em cinzas no voo das gaiivotas por quem afinei o tom da minha liberdade!», escreveu nuns versos, sobre a mesa dum café. A ânsia do novo era a motivação principal que o levava de encontro à aventura.*

*O pensamento vagueava como, nas ondas, o barco no seu ir e vir traz sempre algo de novo quando não se imobiliza nas profundezas do mar, encalhe sempre possível no pensar dum ser isolado, vertigem humana, insano acontecimento. Forças estranhas, aliadas da morte, bem o tentavam puxar para a volatilização, mas a sedução do novo dava-lhe defesas seguras quanto ao futuro que vislumbrava num olhar de paixão, sempre que se levantava da mesa dum café, cachimbo fumegando nos lábios, o seu caminhar pelo mundo em longos e lentos passeios pelas noites de néon, abraçando os fantasmas da cacimba, a mãe dos espíritos ainda crentes no rei das trevas, armado cavaleiro da redenção*



por obra e graça de um qualquer OVNI. A tentação da morte era uma força a ganhar vulto dentro de si, mas a determinação de dar corpo àquele projecto político apresentado em 1979 era mais forte que ela, a morte, e na volta ele voltava ao café questionando a estratégia da oposição em armas face ao problema que era o Povo de mãos dadas com a situação capitalista, massa estúpida incapaz de apoiar aqueles que se aventuravam pela irradiação da opressão!

1979 era, ainda, um ano quente. Várias políticas eram ensaiadas para a tomada do Poder e, na estratégia de alguns, o sonho grande do totalitarismo camuflado nos discursos de indole liberal. O vulto de Sá Carneiro tomava forma na senda desse sonho. Tudo era ainda um esboço...

... O Capital regressava em força!

O espectro da nova força política alicerçada na ala liberal do regime salazarista punha em causa a própria Revolução dos Cravos. Ele apercebera-se de tudo. E, nas reuniões de militarização para o Projecto Global, explanava a sua teoria acerca da fome do Poder que arrastava Sá Carneiro. Revoltava-o a posição daqueles que bateram palmas a Salazar e a Caetano e se aproveitavam, agora, da falha ideológica do novo regime para lançarem um golpe fatal. A sombra do velho Spínola era demasiado evidente. «Contra esta força saudosista é necessário opor uma política em armas que tenha a consciência ideológica e um programa de acção coerentes!», disse, por várias vezes, em reuniões efectuadas no Porto.

Os ecos dos plenários anteriores à sua entrada na Organização chegavam-lhe e punham-no em estado de alerta. As coisas não eram tão boas como as tinham pintado os contactos. Bastaram-lhe breves trocas de palavras, em Lisboa, com alguns dirigentes para ficar a saber que, alguns deles, dissidentes do PRP, apenas se

integravam na nova Organização por uma questão de continuidade do leninismo ortodoxo. Nada disto lhe agradou. E, muito menos, a presença de Otelio em algumas reuniões importantes e clandestinas. «Estamos a tentar pôr de pé uma Organização de oposição séria, que exige de nós o máximo de seriedade e de segurança individual e colectiva. A presença do Óscar em reuniões clandestinas é um crime político que poderemos vir a pagar bem caro, no futuro!», atacou ele numa dessas reuniões. Entretanto, a militarização de novos elementos avança bem, mas ele era já um militante preocupado com a falta de consciência entre alguns dos dirigentes clandestinos. Acreditava, no entanto, que os leninistas ortodoxos se tornariam mais flexíveis e se integrariam no novo tipo de luta de classes que a sociedade consumista impunha. Já não eram as manifestações de rua que determinariam baixas no Capital, mas «... a lenta e coordenada militarização dos trabalhadores para erguerem um Exército Revolucionário e clandestino!...», como o disse muita vez, opondo-se à inércia política de muitos dirigentes da FUP habituados ao conforto do ar condicionado.

Finais de 1979. Tudo estava pronto para o lançamento da Componente Clandestina sob a sigla FP25. Mas só em Abril de 1980 petardos de pequena potência lançariam o Manifesto um pouco por todo o país. O quotidiano de João C., e de muitos outros, estava diariamente alterado pelo eclodir da nova aventura.

Como esta aventura que põe no olhar a Lua.

Um romântico em conflito consigo próprio. A angústia a tomá-lo em goles lentos.

No espaço entre a Lua e o seu olhar encarcerado, a imagem da última companheira, aquela que conhecera em 1973 e veio a reencontrar em finais de 1981. Uma bela irlandesa de enormes e melancólicos olhos esver-



deados. Uma imagem constante desde que chegou à prisão.

*O pássaro torna-se, dia a dia, também ele, numa companhia amiga. De vez em quando, pára no parapeito uma toutinegra de penugem linda.*

*Depressa se adapta ao ambiente da prisão.*

— Que é que sente quando faz um assalto? — pergunta-lhe um faxina, no recreio. Tem apenas dezanove anos e está preso por posse de drogas. É um tipo esquelético, mas simpático.

— Depende, sabes... se tu fazes um assalto apenas em busca do dinheiro para a farra, sentes uns calafrios pela espinha abaixo e tremes como varas verdes; se estás imbuído dum espírito político e a acção tem a ver com um colectivo, e vai proporcionar meios para a sua continuação, então, fazes tudo com um certo à-vontade!

— Mas você não sentiu medo, nunca?

— Sempre, meu caro. Todos temos um buraco ao fundo das costas. Penso que nem os loucos escapam ao medo! É tudo uma questão de energia, de dinamismo. Em 1972, quando participei na minha primeira acção armada, estava eufórico. Era o sinal do medo. Tive capacidade para me controlar e seguir em frente. Agora... medo, isso é coisa que tem toda a gente.

— Há malta que diz nunca ter medo!

— Ora, ainda acreditas em contos de chupeta?!

— Não é bem isso! Eu acho que é difícil um gajo não ter medo mas, às vezes, o medo pode levar a matar!?

— É aí que reside a diferença da motivação, quero dizer, enquanto tu pegas numa arma e te propões ir buscar droga ou dinheiro para a adquirir, estás a trabalhar num contra-relógio contra a morte, pois vais de olhos fechados. É uma questão de vício. Se pegas numa arma, depois de considerares perfeitamente todos os

detalhes físicos e psicológicos que envolvem a operação, delineando uma estratégia, então tu vais executar um trabalho pormenorizado e com apoio logístico, e onde cada elemento tem uma função determinada, cada um no seu lugar... Estás a ver? O sangue só é derramado quando a estupidez vence a razão e comanda a arma!

— Yah!

— Há outros casos em que tudo se decide noutra ordem de coisas. Tudo é diferente. Se te propões acariciar um patrão com algumas balas nas pernas, aí, embora tudo esteja estudado ao cronómetro, há factores que podem levar a um mau resultado: não acertar. E podes estar a um metro do alvo! Um trabalho deste género exige pessoas do tipo sangue frio, incapazes de parar com o alvo à vista e fixo, capazes de controlar o medo... de falhar!

— Tem de ser bom.

— Não, nada tem a ver com o ser bom ou ser mau! Apenas tem a ver com a execução a efectuar-se em consciência, com a noção de que se está a fazer algo certo.

— É uma motivação forte...

— Isso!

Sentam-se ambos junto do portão do recreio.

Os guardas olham-nos numa espionagem constantemente descarada. Apontam notas em pequenos blocos.

João C. está sob observação.

— Os guardas não te largam!

— É natural.

— Estão contigo debaixo de olho porque receiam o ataque das FP25 para te virem buscar!

— Ah, se isso fosse assim não podiam fazer nada!

— Também acho.



— Eram apanhados de surpresa. A surpresa é o elemento mais importante numa operação do tipo militar.

Ervas teimosas não se deixam vencer pela pressão do alcatrão. Há tufos que emergem por todo o lado. Uma pequena flor de pétalas amarelas espraia-se pelo terreno entre os tufos verdes. Um pedaço de ternura no centro do inferno.

#### IV

O juiz surge ao fundo do corredor, seguido, de perto, pelos dois polícias «paisanos» até à porta do gabinete. Todos os seus modos se podem interpretar duma só maneira: dar nas vistas. Hoje, ele entra no gabinete com menos espalhafato.

— Deve trazer alguma fígada! — diz João C. para a advogada.

Estão ambos encostados à parede, no corredor.

— Nada de confiar!

É uma mulher de cultura, atenta a todos os movimentos e ditos do cliente. Alta e magra, a frescura das suas expressões não dissimula a passagem dos anos. Ele ficou com a impressão, no primeiro encontro, de que ela tem um não-sei-quê de toque africano. Sabe pouco acerca dela, mas já verificou ser uma mulher eficiente, dinâmica. Sempre gostou de mulheres dinâmicas.

Entram para o gabinete do JIC.

Começou a choviscar, lá fora.

Junto do juiz, uma outra dactilógrafa e o agente que dirige tudo.

Durante alguns minutos, o juiz faz perguntas e o preso preenche duas folhas com uma redacção ditada por ele. É para a peritagem de caligrafia.



- 89 — *Antologia da Historiografia Portuguesa* (vol. I), organização de A. H. de Oliveira Marques.
- 90 — *A Intervenção Americana no Chile*, Armando Uribe.
- 91 — *Crescimento Zero?*, Alfred Sauvy.
- 92 — *Antologia da Historiografia Portuguesa* (vol. II), organização de A. H. de Oliveira Marques.
- 93 — *O Que Eu Sei de Soljenitsine*, Pierre Daix.
- 94 — *Diário de Um Resistente*, Mikis Theodorakis.
- 95 — *Mais além com ...* (entrevistas de L'Express com várias personalidades).
- 96 — *As Democracias Populares* (vol. I — *A Era de Estaline*), François Fejta.
- 97 — *As Democracias Populares* (vol. II — *Depois de Estaline*), François Fejta.
- 98 — *A Empresa na União Soviética*, Erik Egnell e Michel Peissik.
- 99 — *Amanhã, a Espanha*, Santiago Carrillo.
- 100 — *Liberdade e Ordem Social* (conferências e debates do XXI Encontro Internacional de Genebra).
- 101 — *I. T. T. — O Estado Soberano*, Anthony Sampson.
- 102 — *Confesso Que Vivi*, Pablo Neruda.
- 103 — *Relatório Simon*, Pierre Simon.
- 104 — *China, Outro Modo de Viver*, Wilfred Birchert.
- 105 — *Depoimento Inocobado — Memórias*, Vasco da Gama Fernandes.
- 106 — *Cultura e Dimensões Políticas*, Mikis Theodorakis.
- 107 — *Uri Geller — Crónica de Um Enigma*, Anđrija Puharich.
- 108 — *Operação «Otro» — Como e Porque Executámos Carrero Blanco*, Julien Agirre.
- 109 — *História da Repressão Sexual*, Jos Van Hussen.
- 110 — *Situações VI*, Jean-Paul Sartre.
- 111 — *O Berço da Europa — História dos Etruscos*, Werner Keller.
- 112 — *Os Charlatões da Nova Pedagogia*, Lucien Morin.
- 113 — *Situações VII*, Jean-Paul Sartre.
- 114 — *O Conflito China-U. R. S. S.* (vol. I — *Da Aliança ao Conflito*), François Fejta.
- 115 — *O Conflito China-U. R. S. S.* (vol. II — *A China perante Dois Inimigos*), François Fejta.
- 116 — *A Convivialidade*, Ivan Illich.
- 117 — *Sexualidade e Feminidade*, H. Muldworf.
- 118 — *A Liga de Paris e a Disciplina Militar (1927-1928)*, organização de A. H. de Oliveira Marques.
- 119 — *Cristãos e Comunistas*, vários.
- 120 — *A Energia Sexual*, Robert S. de Rupp.
- 121 — *Economia do Bem-Estar e Economia Socialista*, Maurice Dobb.
- 122 — *As Lutas de Classes na U. R. S. S.*, Charles Bettelheim.
- 123 — *A Longa Marcha*, Claude Hudolot.
- 124 — *A Escola e a Repressão dos Nossos Filhos*, vários.
- 125 — *O Estalinismo — História do Fenómeno Estaliniano*, Jean Elieinca.
- 126 — *Os Partidos Comunistas da Europa Ocidental*, Neil McInnes.
- 127 — *Os Poderes do Sobrenatural*, Robert Tocquet.
- 128 — *A Democracia Socialista*, Roy Medvedev.
- 129 — *A Economia do Diabo*, Alfred Sauvy.
- 130 — *O Socialismo do Silêncio*, Pierre Daix.
- 131 — *A Doença Conjugal*, Dr. Gilbert Tordjman.
- 132 — *Pedagogia e Educadores Socialistas*, Emile Chanel.
- 133 — *Fui Traficante de Feras*, Jean-Yves Domalaïn.
- 134 — *Diário — Vol. II (1972-1976)*, João Palma-Ferreira.
- 135 — *Súcia — O Rosto da Social-Democracia*, Guy de Faramond.
- 136 — *A Neurose Cristã*, Dr. Pierre Solignac.
- 137 — *Documentos — Discursos — Mensagens*, Josip Broz Tito.
- 138 — *Nas Trevas da Longa Noite*, Manuel Firmo.
- 139 — *A Economia Obediente*, Georges Sokoloff.
- 140 — *Os Russos*, Hedrick Smith.
- 141 — *Vida Ignorada de Camões*, José Hermano Saraiva.
- 142 — *As Lutas de Classes na U. R. S. S. — 2.º Período: 1923-1930*, Charles Bettelheim.
- 143 — *A Mulher Homossexual*, Maria Lago-Dr.ª Franco Paramelle.
- 144 — *Medicina Liberal ou Nacionalizada?*, Guy-Pierre Cabanel.
- 145 — *O Que É o Mercado Comum*, João Ribeiro Ferraz.
- 146 — *As Vias da Democracia na Sociedade Socialista*, Edvard Kardelj.
- 147 — *A Grafologia — Método de Exploração Psicológica*, Suzanne Bresard.
- 148 — *Acaditei na Manhã*, Pierre Daix.
- 149 — *As Forças Armadas e as Crises Nacionais — A Abrilido de 1961*, Fernando Valença.
- 150 — *Freud — Introdução à Psicanálise*, Octave Mannoni.
- 151 — *Os Sindicatos Americanos — Conflito ou Cumplicidade?*, Jean Pierre Cot e Jean-Pierre Moutier.
- 152 — *Trabalhos Parlamentares*, Vasco da Gama Fernandes.
- 153 — *Um Projecto para Portugal*, Vitorino Magalhães Godinho.
- 154 — *História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal — I. Cronologia*, Carlos da Fonseca.
- 155 — *A U. R. S. S. e Nós*, vários.
- 156 — *Raul Proença e a «Alma Nacional»*, Fernando Pereira Santos.
- 157 — *História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal — II. Os Primeiros Congressos Operários (1865-1894)*, Carlos da Fonseca.
- 158 — *Tudo ou quase sobre Economia*, J. K. Galbraith e Nicole Salinger.
- 159 — *Nasci para Nascer*, Pablo Neruda.
- 160 — *Quando Falar e Escrever Era Perigoso (Antes do 25 de Abril)*, José Magalhães Godinho.
- 161 — *Dois Comunistas na União Soviética ou a U. R. S. S. do Outro Lado do Espelho*, Nina e Jean Kéhayan.
- 162 — *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Iva Delgado.
- 163 — *A Sua Imagem — O Primeiro Clon Humano?*, David M. Rorvik.
- 164 — *Vodka-Cola*, Charles Levinson.
- 165 — *Viver sem Petróleo*, J. A. Grégoire.
- 166 — *Sete Sindicatos*, Gilles Marinnet.
- 167 — *História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal — III. O Operariado e a Igreja Militante*, Carlos da Fonseca.
- 168 — *História do Movimento Operário — IV. Greves e Agitação Operária*, Carlos da Fonseca.
- 169 — *Amanhã, o Capitalismo*, Henri Lepage.
- 170 — *O Mito Cristão e os Manuscritos do Mar Morto*, John M. Allegro.
- 171 — *O Segredo do 25 de Novembro*, José Freire Antunes.
- 172 — *A Informatização da Sociedade*, Simon Nora e Alain Minc.
- 173 — *Os Gestos, Suas Origens e Significados*, Desmond Morris.
- 174 — *O Erro do Ocidente*, Soljenitsine.
- 175 — *A Guerrilha do Remezião*, António do Canto Machado e António Monteiro Cardoso.
- 176 — *A Cadeira de Sidónio ou a Memória do Presidencialismo*, José Freire Antunes.
- 177 — *Os Arabes*, Maxime Rodinson.
- 178 — *Caminhas de Evasão*, Graham Greene.
- 179 — *O Movimento Sindical Português — A Primeira Cisão*, César de Oliveira.
- 180 — *Alternativa Económica e Transformação Social*, Augusto Duarte.
- 181 — *Os Donos de Cuba*, Juan Vives.
- 182 — *Socialismo sem Dogma*, Sofkomayor Cardia.
- 183 — *Liberdade para Escolher*, Milton Friedman e Rose Friedman.
- 184 — *Memória da Reforma Agrária*, António Barreto.
- 185 — *Perante a Guerra — As Realidades*, Cornelius Castoriadis.
- 186 — *Conflitos Sociais nos Campos do Sul de Portugal*, José Pacheco Pereira.
- 187 — *O Direito da Terra*, Maria José Nogueira Pinto.
- 188 — *História da Legião Estrangeira — I*, Georges Biond.
- 189 — *História da Legião Estrangeira — II*, Georges Biond.
- 190 — *Luz sobre a Idade Média*, Regine Pernaud.
- 191 — *«Não Tenham Medo!» — Diálogo com João Paulo VI*, André Frossard.
- 192 — *Falsificações da História*, Marc Ferro.
- 193 — *Memórias Secretíssimas do Marquês de Pombal e Outros Escritos*, Sebastião José de Carvalho e Melo.
- 194 — *De Nazareza da U. R. S. S.*, Edgar Morin.
- 195 — *O Sangue dos Homens*, Jean Bernard.
- 196 — *A Rede do Terror*, Claire Sterling.
- 197 — *Escândalo no Vaticano*, Richard Hamner.
- 198 — *A Alucinação Nuclear*, George F. Kennan.
- 199 — *Carta a Fidel de Castro, ANO: 1984*, Arrabal.
- 200 — *A Sociedade da Abundância*, John Kenneth Galbraith.
- 201 — *Textos e Ensaíos*, João Palma Ferreira.
- 202 — *Camões e Pessoa, Poetas da Utopia*, Jacinto do Prado Coelho.
- 203 — *História do Cativo dos Presos de Estado na Torre de S. Julião da Barra de Lisboa*, João Baptista da Silva Lopes.
- 204 — *Diário da Reforma Agrária*, Teresa Almada.
- 205 — *Revolução e Instituições*, Manuel de Lucena.
- 206 — *A Vida Inteligente no Universo*, Carl Sagan e I. S. Chklovskii.
- 207 — *As Lutas de Classes na U. R. S. S. — 3.º Período: 1930-1941*, Charles Bettelheim.
- 208 — *Escritos Íntimos — I*, Roger Vailland.
- 209 — *Escritos Íntimos — II*, Roger Vailland.
- 210 — *O Cometa de Halley*, Donald Tattersfield.
- 211 — *Geografia da Reforma Agrária*, Maria João da Costa Macedo.
- 212 — *O Sangue e a História*, Jean Bernard.
- 213 — *História Política de Portugal de 1910 a 1926*, Douglas L. Wheeler.
- 214 — *Uma Solução para Portugal*, Diogo Freitas do Amaral.



Tinha combinado com a advogada não dizer nada para além de...

— Gostava de acrescentar, em relação às primeiras declarações, que a arma transportada por mim no momento da detenção nunca foi disparada por mim!...

— Hum... — O juiz não gosta.

A dactilógrafa vai teclando na máquina.

— ... e, também, que confirmo as declarações anteriores desejando, agora, aguardar julgamento.

A sessão dura cerca de meia hora, apenas. Saem para o corredor e João C. despede-se da advogada. Os agentes levam-no para um carro estacionado no parque interior do edifício, mas não arrancam.

Chega lume ao cachimbo.

Que se passa?

Há algo que não lhe está a agradar. Por que esperam os polícias para o levar até Vale de Judeus?

Passados alguns minutos, ouve um agente dizer «Ela já saiu!», enquanto outro o ia buscar.

— Que se passa? — pergunta.

— Venha connosco! — convida um agente.

Sobem de novo até ao 4.º Juízo e João C. é introduzido no gabinete.

Na sua frente, apenas um homem.

O juiz!

Uma mão no bolso e outra segurando o cachimbo, ele aproxima-se da secretária, e o juiz convida-o a sentar-se de novo.

— Faça favor, Sr. Engenheiro.

— Então...

— Eu gostava de falar consigo, a sós!

— O senhor sabe que só aceito, a partir de agora, conversar na presença da minha advogada!

— É uma conversa informal.

— Bem me parecia que você, quando entrou, trazia alguma fisgada!

— Hem!...

O juiz sorri. Acende um cigarro e olha o tempo que faz lá fora. Não parece muito à vontade, o nervosismo fá-lo esmagar o cigarro no cinzeiro, ainda ia a meio.

— Bom, diga-me lá o que deseja!

— Isto é uma conversa informal! — reafirma ele.

— Já ouvi isso! — diz o preso enquanto cruza as pernas e se encosta melhor na cadeira. — Sou todo ouvidos!

— Como sabe, Sr. Engenheiro, pode não ser presente a tribunal se, entretanto, estiver disposto a colaborar com a Justiça, no sentido de proporcionar dados capazes de bloquear, em definitivo, o Projecto Global. Esta conversa já a tive, também, com Otelo. Dei-lhe a conhecer as provas inúmeras que há contra ele e, inclusive, mostrei-lhe aquele rascunho escrito por si onde se descodificava «ECA», Estrutura Clandestina Armada. Isto comprova existir uma ligação íntima entre você, Sr. Engenheiro, e Otelo, para além das notas manuscritas nos cadernos de Otelo. A Organização acabou. Por outro lado, você é um homem que não concorda com a actual linha estratégica da DIMA, a direcção militar das FP25, ou ECA, pelo que seria óptimo desligar-se de todo, ajudando-nos.

— Hum...?

— Se concordar em fazê-lo, terá à sua disposição tudo o que desejar, sendo colocado no estrangeiro, de imediato, se assim o desejar!

— Hum...?

Das várias coisas que passam pela cabeça do político em armas, há um tornado devastador.

«Mas quem pensa este que é? Julgará que vou trair os companheiros para beneficiar do perdão dum regime que combato? Julga que nasci para a política após o 25 de Abril?», pergunta-se.

É um homem marcado por várias traições aquando



da PIDE. Uma estranha força apodera-se de si. Aperta o cachimbo nas mãos.

Olha, friamente, com um sorriso nos lábios, o juiz. Está calmo.

— Pertencço a uma escola que se fez na luta quotidiana contra o fascismo. Traíram-me por duas vezes. Aqueles que se fizeram assim, políticos em armas, não cedem!

O juiz mexe-se na cadeira.

O preso tem um carácter demasiado alegre para a solenidade que emana do magistrado.

— Por que não conversou isto na frente da advogada? Estava com medo que ela me impedisse?

— Não, Sr. Engenheiro. Não, é que nunca sabemos quando os advogados têm ou não ligações com as FP25/FUP!

— Ah, ah, ah...! Ela é demasiado profissional para participar numa fantochada desse género!

O juiz levanta-se.

Entra no gabinete o agente. Um homem sempre bem vestido e simpático, deixando um toque agradável nas conversas. É o tipo do inspector.

— Já deve ter saído a entrevista que dei!

— Ainda não vi nenhum jornal, Sr. Juiz! — responde o agente.

A importância voltava ao olhar do juiz, perfeitamente obcecado pela imagem exterior. Um culto que os gestos largos e ensebados não escondem.

Volta à secretária e senta-se.

— Diga-me, que acha da posição de Otelo?

— Bom, Sr. Juiz, que quer que lhe diga?

— Ele diz que não o conhece!

— Hum...

— Não acha estranho?

— Porquê estranho?

— Você diz que Otelo é um seu amigo!

— Exactamente!

— Bom...

— Aclaremos uma coisa, Sr. Juiz: você e a PJ estão a colocar Otelo como peça fundamental do processo. Estão perfeitamente enganados...

— ... Então...

— A prisão colocou-o no centro duma tragédia grega cujo palco, ele próprio, povoou ainda mais.

— Também lhe disse isso!

— Em política, quando se usam máscaras é porque não se tem a certeza de que o que fazemos está certo ou, então, porque a estratégia adoptada não leva ao Poder. Sabe... Um homem não deve viver quando não permite que o seu próprio espírito se integre num todo humilde. Os militares e os patrões são quase todos assim, homens ávidos do Poder. Quando perdem o apetite, por variadas razões, ficam estáticos e deixam-se afundar com o peso da angústia. É isto que está a acontecer a Otelo. Uma tragédia!

— Que sociedade preconiza você?

— Um regime autogestionário que impeça o desequilíbrio social e económico imposto pelo Capital nas sociedades de consumo e repressão! Se estou nas FP25 é porque esta é uma Organização que pode levar ao Exército Revolucionário que, por sua vez, pode implementar no seio do Proletariado a mola real da revolução.

— É uma utopia!

— Ah, ah, ah...! Extraordinário era se o Sr. Juiz dissesse o contrário!

O juiz levanta-se e volta a perguntar pelo jornal. Está já muito longe da presença do preso. O que lhe importa é ver-se retratado na coluna jornalística.



V

O tempo corre em Vale de Judeus.

Os presos formam a dois para o refeitório. Todos são obrigados a estar na formatura. Um graduado de serviço, braçadeira vermelha, preside ao «conto», e recebe os pedidos e queixas dos reclusos.

A prisão é um forte concebido por militares onde as comodidades mínimas existem. Não há gente amontoadada em camaratas, cada um tem a sua cela.

João C. acabava de puxar a cera do pavimento e lavava as mãos. Tinha limpo e lavado tudo.

Sexta-feira, dezasseis horas.

— Ó Engenheiro! Ó...

— Estou aqui!

— Estão ali uns gajos da FUP! — anuncia-lhe um faxina.

— Obrigado, ó pá!

— Dê-me um bocado do seu tabaco!

— Vem cá! — corresponde ele, dando-lhe um saco de tabaco para cachimbo. Vai fazer um charro. — Ouve, agora não ponhas o tabaco de molho à espera que a água saiba a uísque!

— Ah, ah, ah... — ri-se ele, recordando-se da experiência.

É o faxina que sempre lhe levou jornais à socapa

dos guardas, sob o risco de ir malhar no «manco», a cela disciplinar. Um tripeiro de gema para quem o Gomes e o F. C. do Porto são tudo na vida.

Já esperava a chegada de alguém.

São dois. Um foi para a observação e outro está no mesmo piso que João C., mas incomunicável.

Estão os três separados em tudo. Os guardas impedem quaisquer tipos de aproximação. As ligações fazem-nas através dos faxinas que transportam os recados entre eles. É assim que fica a saber quem são: o Humberto e o César. O velho Humberto mais a sua cabeleira branca, esquelético. E o César, baixo e forte, barba aparada. Uma semana depois, têm já sinais e gestos combinados. Uma e outra vez, o homem do comboio de Sintra serve de intermediário. O árabe da Al Fatah encontra-se num outro pavilhão, e o padre está incomunicável. Um dia, ao ligar o rádio transistorizado para o programa da manhã, ouve uma locutora anunciar a próxima entrega de Liz à PJ, dizendo que o dirigente da FUP concedeu uma entrevista à sua estação. Pela janela, pergunta ao velho Humberto e a César, depois, o que se passa. O velho é quem se mostra mais dentro das razões dizendo que «... a questão é psicológica. Ele tem um emprego e não o quer perder. Como está de baixa médica tem de se apresentar ao serviço...» A explicação não agrada a João C., que responde: «... todos temos uma profissão, só que, ao optarmos por uma organização político-militar, sabemos perfeitamente o que pode ou não acontecer-nos. Não admito que um dirigente tão responsável como ele se entregue! Se assim fosse, eu nunca poderia entrar em operações armadas para garantir a continuidade do meu rico emprego...» E fica sem saber como tais coisas podem acontecer. Sempre se bateu por uma política consciente, desprezando aqueles outros inclinados para as teorias de corredor. Não pode aceitar que o Humberto e o



César aceitem a cedência. No dia seguinte, de manhã, no mesmo programa radiofónico, Liz diz: «... penso que a PJ perdeu já toda a apetência de me prender!» Estas palavras deixam João C. estupefacto e a dar um murro na parede. « Raios! », grita para si. Olha para César, que passeia no recreio. Está de todo. Não quer acreditar no que acabou de ouvir no rádio. É uma bofetada demasiado forte para um homem que sempre acreditou na capacidade de raciocínio dos companheiros, apesar das posições ortodoxas que os levava a emperrarem o Projecto Global. Começa a estar farto. Quase agoniza na asfixia política que a náusea da inconsciência lhe provoca. Cada vez mais se convence daquilo que declarou e defendeu na reunião que culminou o «PDEC»: «... os leninistas ortodoxos são incapazes de se vergarem às novas características da luta de classes e vão camuflando a sua inoperância e inadaptação com a brilhantina de alguns discursos de retórica, entre gabinetes e corredores! Se um dia forem presentes às dificuldades dum choque a partir as fundações que os suportam, deixam-se enterrar na lama!...» E o certo é que ninguém o quis rebater, então. Agora, vê-se sozinho a enfrentar a responsabilidade de defender o Projecto Global, como membro da componente armada. Está angustiado. Olha para os companheiros que, um de cada vez, passeiam no recreio. Os recados continuam nas costas dos guardas.

Quinze dias depois, são chamados à presença dum subchefe.

— Os senhores vão passar ao regime normal!

— Como é isso? — pergunta César.

— Passam a comer no refeitório e têm acesso à TV, das dezanove às vinte e trinta.

— E o recreio? — volta a perguntar César.

— Têm recreio do meio-dia às catorze!

— Assim, somos roubados no tempo! — irrita-se

ele. Tem um temperamento explosivo, as mãos tremem-lhe.

— É o regulamento!

— Quando começamos? — indaga Humberto.

— Amanhã!

— Mas por que não hoje? — César parece ir explodir a todo o momento.

— Acalme-se! — ordena o subchefe. — Acima de mim há mais gente!

Regressam às celas, onde já os esperam as marmittas com o jantar.

João C. não dorme.

A manhã acorda sorridente com os raios do Sol iluminando a parada onde se destaca um campo de futebol. Centenas de homens fardados alinham, a dois, repartindo-se por dois refeitórios.

O homem do comboio de Sintra continua isolado. Agora, vai passear no recreio completamente só. Um calvário que dura há cerca de quinze meses. Tem uma capacidade de encaixe extraordinária, revelando-se um duro, sob todos os aspectos. Torturado fisicamente na PJ e, por várias vezes, espancado em Vale de Judeus, tornou-se um símbolo de resistência. Está a ficar sem cabelo. Um homem envelhece precocemente num ninho de víboras.

Os três passeiam-se no novo recreio, após o almoço. São o alvo das atenções.

— Eu sempre disse que isto acabava mal! — explode o César.

— Tem calma! — O velho é um tipo calmo.

— Se o Liz se entregou, assim, por que raio é que ele não se reivindicou do Projecto Global? Um gajo, quando faz o que ele fez, reivindica-se politicamente!

— Ó João C., ele reivindica-se da FUP!

— Olha, meu caro Humberto, e tu pensas que ele foi preso por pertencer à FUP?! Não! Ele foi preso por



ser membro da Direcção Político-Militar, o órgão máximo do Projecto Global em que também estão o Óscar e as FP25!

— A PJ não sabe isso! — diz César.

— É o que pensas! Julgas então que a PJ é uma cambada de merdas que não vêem um palmo à frente do nariz depois de terem nas mãos os cadernos do Otelo, as actas do «PDEC» e as actas das reuniões da Comissão Política da FUP com discussões de acções armadas! Francamente... É melhor vocês pensarem bem no que andam a fazer, pois andam enganados!

— Ouve, pá, alguém tinha de se dizer das FP25. Esse alguém foste tu! Mas não podes exigir que outros façam o mesmo e, muito menos, os legais! — diz Humberto.

— Reparem, a FUP e o Otelo não vieram dentro por serem legais, mas por se integrarem numa Organização clandestina a que o Estado chama «terrorista»!

— Ora... — atira César, enfasiado.

O clima de despreocupação com que os dois encararam o processo em que estão envolvidos leva João C. a distanciar-se um pouco.

Enveredam por conversas triviais.

Numa manhã de sábado, os corpos ao sol, banhando-se na alegria da luz e do calor.

— Ouve lá, ó pá! O Humberto não esteve no «PDEC», mas tu sim. E sabes que o que se está a passar estava previsto e, nessa reunião, tudo foi discutido. Eu próprio intervim no sentido de alertar para a necessidade que o Estado tinha de nos combater. Os jornais deixavam no ar muitos indícios...

— ... mas não eram coisas viradas para a FUP...

— ... olha, ó César, sabes que mais?! Afirmei mais de uma vez, e ante a oposição do Liz e do Otelo, que a PJ iria bater no ponto mais fraco do projecto, a FUP, uma vez que para tocar nas FP teria de haver, no míni-

mo, um dirigente a falar. Ora, os dois que falaram após o Caso do Jardim Carregal, nem eram dirigentes nem conheciam muito, mas deixaram na PJ pistas sobre as ligações das componentes...

— ... Pois...

— ... assim, quando o Liz se entregou, mais não fez que jogar as pedras da PJ no tabuleiro do Estado!

César senta-se à sombra.

As questões do «PDEC» são pertinentes.

César parece começar a raciocinar de maneira diferente ante a lógica das coisas passadas.

— E mais, ó Cesar! Eu estive com malta do Norte, pouco antes das prisões, a perguntar-lhes se tinham as casas limpas. Resposta: «Tudo limpo.» Viu-se. As provas contra a FUP foram encontradas em casas dos próprios dirigentes!... Como explicas isto?

— Eles atacaram-nos porque somos revolucionários! — exclama ele em gestos curtos e dinâmicos.

Caminham, devagar, ao longo da pista de alcatrão, em torno do campo de futebol.

Humberto é um homem pacato. Ao acender um novo cigarro, pára a olhar César. Ao recomeçar o passeio, diz:

— Ouve lá, o João C. tem razão. As prisões deram-se porque houve demasiados erros por parte da malta. Foi por isso que eu me afastei, e encontro-me agora aqui por estupidez do Otelo!

— E há as actas do «PDEC», apanhadas! — atira o João C., encaminhando-se para a sombra.

Senta-se, encostando as costas a um pilar de cimento.

Fecha os olhos.

*Março de 1984, a tarde fria que a noite começava a envolver tornava a Serra da Estrela um sítio apetecido diante dumas achas no fogão. Aos poucos, com espaços controlados, chegavam os dirigentes e quadros impor-*



tantes do Projecto Global. Ia ter início o mais importante encontro político, entre clandestinos, dos últimos tempos. De 1979 à crise instalada, de que derivou o Processo de Discussão em Curso, um longo caminho fora percorrido entre altos e baixos que determinaram um desvio total nos propósitos iniciais da Organização. Às sete da manhã, estava toda a gente distribuída pelos quartos, dormindo, alguns, na cave que servia de sala de reuniões. Havia um fogão.

Todos se deslocaram para o local em viaturas alugadas, ou emprestadas, e tiveram encontro de contacto na Torre, evitando, assim, que alguma viatura queimada fosse seguida. Às oito e meia, depois do pequeno-almoço servido por uma equipa de apoio, começava o plenário com a indigitação das mesas que iriam presidir aos trabalhos nos diversos pontos da agenda. O plenário tinha o seu quê de sinistro e de conspirativo. Respirava-se um ambiente de aventura, cujo eixo de interesse residia na discussão do Documento de Ruptura. Uma vez mais, os textos mais importantes escritos por João C. eram esquecidos pela burocracia de alguns operacionais imbuídos do espírito militarista. Três dezenas de militantes, incluindo o Óscar, encontravam-se «engarruchados», identificando-se apenas por números saltados de 1 a 90. Mas todos se conheciam pela voz. A questão estava em salvar a identidade das pessoas presentes, em caso de denúncia, ou no caso da perda de alguma acta, posteriormente.

Após uma morna discussão acerca das questões políticas nacionais e o relacionamento com o Projecto Global, todos concordavam que a Organização tinha de voltar ao princípio, mas os homens que apoiavam o Documento de Ruptura, escrito pelo «Andrade», um elemento já então em Moçambique, não estavam dispostos a ceder na sua disposição de dominar totalmente a Organização, nem Goulart nem Liz queriam abdicar

dos dogmas e da burocracia que impuseram na Organização política de massas (OPM), transformando-a num mero gabinete onde debitavam comunicados distantes do calor das lutas operário-camponesas.

João C. atacou frontalmente algumas questões como «... as panelinhas existentes que dirigem a Organização, fazendo incidir a dinâmica do Poder nas mãos de alguns militantes, despojados de toda e qualquer capacidade de direcção, é um problema que não vou deixar em claro. Quando, em 1972, aqui mesmo na Serra da Estrela, me demiti da DIMA, argumentando que o melhor era 'deixá-los poisar', fiz uma opção: deixar que esses opositores mostrassem a sua valia política. Resultado: a incompetência e a burocracia dos apolíticos, servos das armas, gerou algumas panelinhas de interesses vários, que hoje fazem do Projecto Global uma Organização em decadência e muito longe, longe, longe, da possibilidade de gerar um Exército Revolucionário...», e ninguém quis rebater esta afirmação, não ousando a defesa da filosofia errada que dominava a superestrutura da Organização; em jeito de resposta, o Óscar viria a dizer que «... neste conclave, é necessário que a OPM e a ECA se entendam definitivamente. Eu não estou a ver a ECA a trabalhar sem o apoio da OPM, e vice-versa. Podemos, e devemos, chegar a um acordo...». Mas, no segundo dia, o «Canja» adiantava que «... a componente clandestina não pode passar cheques em branco nem ao Óscar nem à OPM por isso, e porque não pode pactuar com os políticos de gabinete, e se somos nós que vamos buscar os dinheiros e aguentamos tudo, então só devemos dar dinheiro à OPM quando ela se decidir a sair à rua!...». Era a fase crucial de toda a questão e o Liz e o Xico Marques vomitavam fogo ante as acusações do Zé Ricardo e do Dani mas, com maior acutilância, do «Anarquinho», estando o Óscar a braços com a difícil missão, não encomendada, de amainar os



ventos maus. As intervenções do César eram extremamente explosivas, caindo numa demagogia fácil e populista. A grande maioria dos participantes mantinha-se calada, na expectativa dum desenlace a todo o momento. Sucediã-se, também, as situações caricatas provocando a hilariedade. João C. não gostou das palavras do «Canja» e inscreveu-se para falar e rebater, começando por dizer: «... já me recusei a participar em acções armadas para impedir a ascensão dessa política de todo-poderosos. Venho duma escola política diferente da vossa, não estou impregnado da ortodoxia soviética e, muito menos, me interessa o Poder! Mas deixem-me dizer umas coisas: primeiro, que não posso aceitar o Documento de Ruptura feito por alguém que dele apenas se quis aproveitar para se pôr a salvo em terras de África, deixando a batata quente nas mãos de quem nunca poderia defendê-lo. Isto é, a malta agrupada em torno do documento apenas quer o domínio da Organização e não o seu alargamento político; por assim dizer, querem manter-se perpétuos na direcção duma franja política hoje desideologizada por apego às armas! Ora, se não estão bem, vão-se embora! Foi o que eu disse naquele plenário do Algarve, no Verão passado, onde me demiti de todas as funções, passando a ser um simples quadro político-militar, na base. Em segundo lugar, passar um cheque em branco é deixar todo o Projecto Global sem instrumentos para prosseguir, e isto aconteceu!!! Pela mão desse grupo de gente que se diz italianizada. Esquecem o país real em que vivemos e que, por culpas nossas, estamos isolados das massas! Em terceiro lugar, quero deixar claro o meu horror aos mitos e, embora saiba que o Óscar é uma figura carismática, não posso aceitar que ele se sirva disso para assumir posições no nosso meio. Ele é um tipo como qualquer um de nós e tem de comportar-se como militante do processo em curso, e não como senhor absoluto. Os

ídolos de barro caem sempre. O mesmo aconteceu com o «guerreiro» feito mito à pressa e à pressa esquecido e defendido por quem nunca o conheceu. E, neste caso, até eu fui acusado de o ter morto, quando estava a milhas desse acontecimento. Como viram, depressa se fazem mitos, como depressa se desfazem, porque a meta é sempre o Poder. Mas, no nosso caso, companheiros, o Poder será sempre uma coisa efémera. É tempo de regressarmos às origens do projecto. Quem não o quiser, adeus...». Mas a discussão, madrugada fora, continuou sem dela resultar uma solução articulada nas diversas posições. Foi na manhã seguinte, após uma violenta discussão que englobou o Liz, o Zé de Belas e o César, com bocas do João C. e do «Anarquinho» que se chegou a um acordo de cavalheiros, embora precário. Havia que aproveitar a Operação 108 Mil para se reestruturar tudo quanto era Organização, levando a discussão a todos os seus pontos mais recuados. Até porque, como o Óscar disse, «... o nosso relacionamento internacional está a registar óptimas melhorias e, a curto prazo, tudo se modificará...», tornando óbvio que a sua figura era, ainda, o pólo central das atenções internacionais. Todos estavam exaustos. Foram demasiadas horas debaixo da humidade e do fumo, e «engarruçados». Um novo esforço ia ser feito para impedir o fim do Projecto Global. Às cinco e meia da manhã, os militantes do Norte deixavam a casa e desciam para a Covilhã. Mais umas horas de viagens. Zé Ricardo, tanto quanto o «Nuno», mostrava-se optimista pelo acordo «... e, acho que tudo vai mudar. Há outra disposição na malta!», mas João C. era a indisposição em pessoa ao dizer: «... é impossível que a estrutura mental dos militaristas mude. Eles só aceitaram o pacto porque sabiam que iriam sair dali para o desemprego político, caso surgisse uma ruptura. Vamos estar constantemente confrontados com eles. É como digo, isto não tem muito tempo de vida. Acho



*que vou fazer uma reflexão sobre tudo e tomar uma decisão apropriada...» O que faz rir o Zé Ricardo, pestanejando sob os óculos pequenos, de aros redondos. Havia entre os militantes a certeza de que, uma vez roído pelo bichinho das armas, ninguém sai. Mas não era verdade. E ele estava decidido. Fora um longo caminho até 1984.*

— Acorda, pá! — Humberto abana-o.

— Hum...!

Ele abre os olhos.

Um guarda apita chamando todos às celas.

— Olha, temos de falar com mais calma e vagar sobre as coisas que aconteceram no «PDEC»! — solicita o velho.

— Está bem — diz, esfregando os olhos com os dedos...

— Tens visita hoje, César!

— Logo à tarde! Tu também, não é?

— Aqui o Engenheiro é que anda sempre só!

— É preferível...

— Em que estavas a pensar? — pergunta César.

— No famoso «PDEC»!

— Agora descansa! — exclama Humberto.

Riem-se. Encaminham-se para o pavilhão.

Sentem as diferenças entre si, mas não estão muito preocupados. O que é preciso é que a polícia e os guardas não tomem conhecimento disto. Seria o «minanço» geral. O que é demasiado fácil.

Não é fácil desmumificar a fé de uns que se sectarizam até na forma de olhar a mudança dos tempos de baixo dos seus narizes, característica da selva humana formada por políticos militarizados, sem conhecerem os espectros social e cultural das gentes que dizem defender. Esta enfermidade atingiu um tal grau que João C. se sente mal.

— Lembras-te das cabalas montadas contra mim?

— Lembro! — diz César.

— Fizeram-no para me denegrir face ao todo da Organização. Ah, os militaristas acusaram-me, inclusive, da morte do «Guerreiro», para fazerem de mim o inimigo interno...

— ... nunca percebi isso...

— ... esqueceram-se de que eu era um gajo com trabalho realizado, com provas dadas. O problema era eu ser um travão a desideologização, pois concordar com o militarismo a dirigir uma linha política traçada para amplos teatros de actuação era destruí-la!

— Até aí... — concorda Humberto.

— ... só que eu nunca julguei possível que essa malta enveredasse para uma situação de emprego político. É o caso, quer vocês queiram ou não! Como é possível que a malta não se dê conta do absurdo que domina alguns de nós? É preciso um travão no culto da personalidade que reina no projecto!

— Pois, isso é verdade! — concorda o velho.

João C. limpa o cachimbo.

— Sabes o que me parece isto? — pergunta ao deitar o tabaco queimado ao lixo.

— Sei lá?! — exclama César.

— As cinzas dum tempo perdido!

— Ai... a vida! — solta o velho Humberto encostado à porta da cela.

João C. olha-o.

O velho é um homem marcado desde o Caso PRP e veio a meter-se na FUP depois de passar pela OUT, Organização que se diluiu para dar força à plataforma de apoio a Oteló. Um imperativo que o Projecto Global exigia. Nos intervalos da política, ia comercializando frutas. Mantinha, como agora, um trabalho agradável com toda a gente.

— Todos somos culpados de tudo! — conclui Humberto dando uma palmada nas costas de César, que lê



um artigo, num semanário, sobre a entrega do Liz e algumas referências a Otelo e João C.

— Os jornalistas têm dado um bom apoio!

— Pois é, César. Acontece que algumas das entrevistas dadas não dizem nada e, em política, a palha não serve os interesses ideológicos! O que é preciso é mostrar um fruto maduro.

— Também é verdade!

Um guarda chama os religiosos para a missa.

As horas esgotam-se numa lentidão impressionante, o Sol a desaparecer lá no fundo.

A noite traz uma Lua brincalhona. Algumas nuvens passam, ligeiras. É o jogo do esconde a dizer das mudanças do tempo.

*Um profundo sono toma João C., enchendo-o da imagem da irlandesa. O velho Cávado beijando o mar. Um tempo de Outono a trazer-lhe a paz interior numa passeata hípica, perto de Ofir. Um passeio na beira-mar, silhueta única num beijo quente ao pôr do Sol, cavalgando uma paixão que os goles de Porto seco mais avivam, qual labareda inesgotável enfrentando o vento norte. O encantamento do mar, noite fora. Duma redondez fabulosa, as dunas despertam o interesse do luar que as acaricia, lhes deposita o aroma da maresia: é um corpo belo o que ela exhibe sentada na areia, camisa de lã desabotoada, farrapo longo e quadriculado até ao meio das pernas. Nada incomoda. Nem a ele. Entre-gam-se à luxúria dum momento carregado de electricidade, perdendo-se em ais, sufocados, no prazer do toque das pequenas ondas nos pés. Meia-noite de beleza, espíritos em louca cavalgada. A neblina a aproximar-se.*

— Hum...

A cinza do nevoeiro tomou a manhã que ele bebe, saudoso já dos raios do Sol.

As aves não estão na janela.

Levanta-se e faz os seus exercícios de manutenção

que duram trinta minutos. Cada vez mais pratica ioga. Não quer apodrecer entre quatro paredes. Está a lavar-se quando ouve o som da chave na fechadura. «Bom dia!» É o guarda que abre as celas para os presos irem ao pequeno-almoço.

A manhã está fresca.

Termina um texto que, desde há algum tempo, vinha escrevendo sobre as condições miseráveis das estruturas prisionais.

A rotina enervá-o.

Do primeiro ao último apitar dos guardas tudo é um baile de máscaras em que os que nunca tiveram nada, lá fora, tentam ser os senhores, os «bacanos», aqui. A pancadaria é o resultado das fronteiras violadas entre os *gangs* formados e fortemente personalizados. Uma micromáfia. O espelho fiel dos subterrâneos das grandes urbes.

Os dois companheiros foram transferidos para Lisboa. Resta-lhe, agora, o árabe da Al Fatah cada vez mais familiarizado com a língua portuguesa.

As semanas passam num tempo sempre igual.

Sucedem-se, em Vale de Judeus, as greves da fome contra a grotesca arbitrariedade das punições. Chegam a cortar a visita de familiares por este ou aquele ser apanhado a fumar, na sala da TV! Principalmente aos presos mais vivos e indispostos com o regime de campo de concentração imposto pelo chefe dos guardas. Também o preso apanhado a fumar nessas condições é isolado até se concluir o inquérito. O rubro da fogueira é atingido quando um jornal da capital publica alguns artigos sobre a cadeia sem ouvir os presos. A tónica dos artigos favorece a administração.

O árabe entra em greve da fome total, como forma de pressionar a marcação do julgamento.

A chefia manda isolar quatro presos por, diz, estarem a dirigir um motim. Esquecem o homem das FP.



Toda a gente sabe porquê. Estavam todos reunidos na sala da TV discutindo o caso das reportagens quando os guardas tentaram fechar a luz. Após o isolamento dos quatro, todos se retiram para as celas, em sinal de protesto. O que lia os artigos entra de imediato em greve da fome contra esta prepotência. João C., que nutre um particular horror à greve da fome, desaconselha-o a tal e envia uma carta ao director enquanto, paralelamente, faz sair da prisão informações sobre os casos mais graves. Os guardas não pactuantes com a situação servem de correio. Os ânimos estão acesos. Lida a carta, o director manda abrir os isolados. É uma pequena vitória. «Eu sou o último a saber o que se passa, e só tenho conhecimento das coisas graves através das cartas dos presos...», diz ele para o homem das FP, mas sem referir quaisquer tipos de actuação para punir os responsáveis pela degradação das relações entre a administração e a população prisional.

Nervoso, amedrontado por poder ser tomado como um alvo preferencial do exterior, o director é um homem perdido.

A assistência social não mexe em nada para alterar a situação de degradação. O padre é somente um informador do chefe.

«A lei, aqui, sou eu!», grita constantemente um subchefe identificado perfeitamente com os métodos medievais da Inquisição.

Há um cabo-verdiano e um guineense em greve da fome, exigindo transferência para uma prisão mais perto dos familiares. Enquanto os restantes presos estão na TV e nos jogos, dois guardas sobem ao Pavilhão A e espancam o cabo-verdiano.

A repulsa é cada vez maior.

Uma bomba explode, em Alcoentre, localidade perto da prisão, tendo como alvo o chefe dos guardas. Um comunicado das FP25 reivindica a acção. A fisionomia

dos guardas muda quase radicalmente. Há uma casa completamente destruída.

1985 é um ano que entra em Vale de Judeus com um mínimo de indicação da mudança necessária.

Numa noite, já João C. se encontrava deitado, o som da chave na fechadura. «157, o Sr. Director quer falar consigo!», diz o guarda. São vinte e duas horas. Vai encontrar o director no gabinete do juiz das Penas. A conversa incide sobre tudo e vai da cultura à política, passando pelas más condições em que vive a população prisional. Não é tocado o caso da bomba. Uma hora e picos depois, entre grande nervosismo, o director pergunta-lhe: «O Sr. Engenheiro acha que eu posso dormir descansado?», deixando-o estupefacto. Ri-se. Não pode fazer outra coisa. Mas compreende-o. Quem tem cu tem medo.

Todos sabiam da razão pela qual o homem das FP nunca era fechado, apesar de estar envolvido em tudo quanto é conspirativo dentro da cadeia.



## NOTA DO EDITOR

*Não temos o hábito de «justificar» a publicação de uma obra. Quem nos conhece, ou se der ao trabalho de analisar o nosso catálogo, sabe que nos guiamos por um único critério: divulgar, junto do público, obras de natureza cultural ou recreativa ou, como no caso vertente, documentos que proporcionem uma reflexão. Informamos, alheios a critérios de gosto pessoal ou político.*

*Ao publicarmos um livro sobre as FP25 não significa que tomamos posição sobre elas ou sobre qualquer dos elementos que a elas se sintam vinculados. E também ao proporcionarmos, ao leitor, material informativo estamos a fornecer-lhe elementos de reflexão. Nem mais, nem menos.*

## SIGNIFICADO DE ALGUMAS SIGLAS

- A. R. A. — Acção Revolucionária Armada
- D. C. C. B. — Direcção Central Contra o Banditismo
- DIMA — Direcção Militar
- D. M. — Direcção de Militarização
- D. P. M. — Direcção Político-Militar
- ECA — Estrutura Clandestina Armada
- E. R. — Exército Revolucionário
- F. U. P. — Força de Unidade Popular
- J. I. C. — Juiz ou Juízo de Instrução Criminal
- L. U. A. R. — Liga de Unidade para a Acção Revolucionária
- O. P. M. — Organização Política de Massas
- O. U. T. — Organização Unitária de Trabalhadores
- P. D. E. C. — Processo de Discussão em Curso
- P. G. — Projecto Global
- P. J. — Polícia Judiciária
- Polimil — Político-militar
- P. R. E. C. — Processo Revolucionário em Curso
- P. R. P. — Partido Revolucionário do Proletariado

## AS CINZAS DUM TEMPO PERDIDO Ascensão e queda das FP-25?



## VI

- Ora viva, Doutora!  
— Olá, como vai?  
— Bem. Há notícias?  
— Tenho aqui o projecto de defesa, com o qual Otelo e os outros estão de acordo, e que os advogados estão a passar, para discussão, a todos os presos. É um documento secreto!  
— Qual é a sua opinião?  
— Um desastre!  
Riem-se.  
Ela traz um chapéu verde que lhe dá um toque de menina colegial.  
— Explique-se!  
— É assim... Com este documento, eles querem dizer que a «ECA» não é o mesmo que FP25 e que a «ECA» será uma Organização em formação, dentro da FUP, para um eventual regresso do fascismo...  
— ... Quê?  
— Ah, ah, ah...  
Ela puxa de um maço de cigarros e tira um.  
— É a proposta mais absurda que ouvi até hoje em casos deste género!  
Ele sente-se dominado pela cólera. Faz tudo para que ela não o note. Mas ela não tira os olhos de si. Tenta ler-lhe as reacções.

— Por outro lado, as FP são uma Organização colocada aqui como uma coisa má, isto é, Otelo e os outros repudiam vivamente a existência de políticos como você! ...

- ... Estou a ver!  
— Você vai levar o documento, lê-o, e traz-mo quando vier depois do almoço!  
Na cela, logo após o almoço, lê atentamente o mais extraordinário documento de demissão colectiva de que alguma vez teve testemunho.  
Parece um homem liquidado.  
Veste o casaco de serrobeco. Sente frio.  
Nunca lhe pareceu possível que a consciência dos políticos em armas descesse tanto.  
Dezasseis horas. Dirige-se de novo para a sala onde ela se encontra. Está a fumar, como sempre.  
— Leu o documento?  
— Para isto ser presente a todos os presos, as FP estão de acordo...  
— Não faço a menor ideia!  
— É este o jogo.  
— Eu tenho de saber o que vou dizer... — avança ela tentando perscrutar novas reacções no constituinte.  
— Sim. Olhe, vai dizer aos outros advogados que eu vou continuar a manter a minha reivindicação política. Entretanto, ainda não recebi resposta do Otelo à carta que lhe enviei com as minhas posições, o que significa estar toda a Organização a marimbar-se para a consciência política! Diga-lhes, ainda, que este documento é uma aberração política... aquele toque de estupidez que qualquer juiz espera para os condenar!  
Ela ri-se.  
— E se você, Doutora, quiser prescindir da minha defesa, pronto, de acordo!  
— Essa agora...!  
— Ah, ah, ah!



— Eu sou a advogada paga por si, tenho de defender os seus pontos de vista no tribunal, sejam eles quais forem! Eu não sou a advogada da Organização... Que absurdo!

— Eu só quero deixar-lhe uma porta aberta.

— Compreendo.

— Que disse você a Otelo, na carta? — quer ela saber.

— Disse-lhe o porquê da minha posição e, da parte dele, esperava uma resposta... uma opinião.

— Hum...

— Hum?

— Ah, ah, ah... Você, hoje, vai explicar-me como é a Organização. Como funciona.

— Curiosidade feminina?

— Se vou defendê-lo como FP tenho de saber como a coisa funciona!

— Estou a ver.

Ela passa-lhe papel e uma esferográfica.

Enquanto escreve as siglas dos organismos, explica a articulação existente entre eles.

— É complicado.

— Não, Doutora, é muito simples!

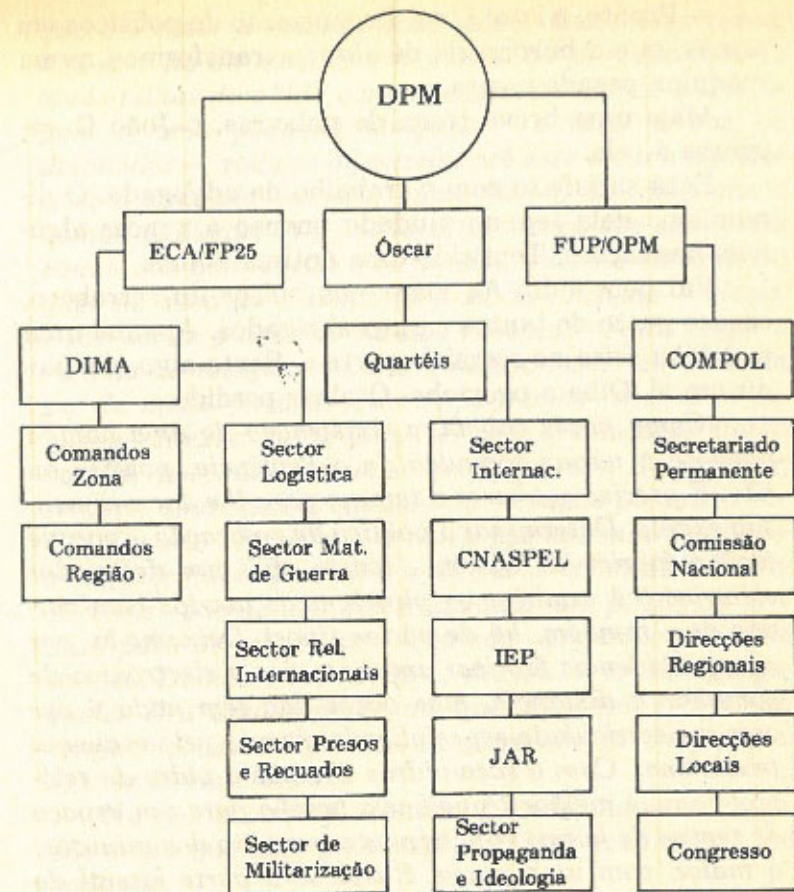
— Como é que caíram nas mãos da PJ?

— Porque as regras de segurança nos nós da articulação dos organismos não foram respeitadas. Eu próprio escrevi um documento... deixe-me ver... «Algumas Questões Para A (Re)Organização», era assim que se chamava, mas nem no «PDEC» foi discutido!

— Hum...

Ele acaba o esquema e mostra-o.

— Ora aqui está! — diz, colocando o papel debaixo do nariz dela.



Nota: Todos os plenários efectuados entre militantes clandestinos, isto é, da ECA/FP25, exige o uso de garruço.

Idem, para os plenários entre clandestinos e legais. Todos os militantes se identificam por números e/ou pseudónimos.

PROJECTO GLOBAL — embrião do EXÉRCITO REVOLUCIONÁRIO



— Pronto, é isto! Uma Organização de políticos em armas, que a burocracia de alguns transformou numa máquina pesada e cara.

Mais uma breve troca de palavras, e João C. regressa à cela.

Está satisfeito com o trabalho da advogada. O dinamismo dela tem-no ajudado imenso a vencer algumas hesitações. Tem sido uma ótima amiga.

Vai pensando. As mãos nos bolsos do serrobeco, casaco gasto de tantos corpos abrigados. Apanha uma pedrinha solta no recreio, aperta-a. Sente algo a explodir em si. Olha a pedrinha. O olhar perdido.

*«Como vocês sabem, a construção de uma bomba obedece a várias tomadas de consciência, política ou não. É preciso conhecer o terreno para lhe dar a dimensão exacta. Determinar a política da colocação... porque fácil é fabricá-la! Olhem... temos aqui um detonador eléctrico (há também os pirotécnicos usados com cordão que, também, há de vários tipos). Deixemo-lo, por agora. Podemos fabricar um mecanismo electrónico de comando à distância, mas vocês não têm nada a ver com a electricidade especializada, vamos pelo esquema tradicional. Com o saca-vidros tiramos o vidro do relógio; como é melhor trabalhar a bomba para um espaço de tempo de horas, eliminamos o ponteiro dos minutos, o maior, com uma pinça. Raspa-se a parte lateral do ponteiro para um melhor contacto com a ponta do alfinete, alfinete que se introduz num buraco pequeno feito no vidro com uma broca fina; convém que a ponta (também raspada) fique sobre o espaço das quinze horas, espaço que cobrimos com um pedaço de fita isoladora para evitar quaisquer problemas de contactos supérfluos; à cabeça chata do alfinete, já raspada e colada ao vidro, solda-se um fio condutor flexível... feito isto, tira-se a pulseira das asas e raspa-se parte de uma delas, aqui, como vêem... Solda-se um outro fio condutor flexível,*

*que vai fazer a massa. Bom, posto isto, meus caros, liga-se o fio da massa ao negativo da pequena bateria (duas pilhas de vóltio e meio) enquanto os fios soltos ligam a uma pequena lâmpada — a fazer a vez do detonador —, roda-se o ponteiro até este tocar o alfinete e, se a lâmpada acender, pum!, façam de conta que a bomba explodiu. Ah, todas estas operações são feitas com luvas para evitar que fiquem, quer no mecanismo quer no saco do transporte final, impressões digitais. Pode dar-se o caso de ela não rebentar! Outra coisa: a escolha do relógio é feita segundo o material. Convém ser de metal ferroso. Hum..., já iremos fazer uma pequena reflexão sobre isto... É que a colocação duma bomba, por mais pequena que seja, tem de reflectir, sempre, uma análise cuidada dos campos polimil<sup>1</sup> e social. Quanto ao produto, é coisa que nós mesmos podemos fazer numa banheira, e chama-se «Goma/2». Toma, abre esse pacotel...», disse, atirando um pouco do produto para as mãos dum comando «engarruçado». Ele tremeu. Deixou-o cair. João C. deixou no ar uma gargalhada. Era uma reunião de trabalho, todos estavam «engarruçados». Os cinco. Alguns não se conheciam. «Toma lá mais este!»*

No recreio, ainda, ele atira a pedrinha para longe. Ele sente que algo pode explodir. Nas suas mãos. Vai andando.

*Dias antes desta reunião, num encontro da Direcção de Militarização, havia sido decidido que «o saudosismo militarista daqueles que empunham a bandeira colonial como forma de protesto pela revolução das mentalidades terá de ser combatido com a determinação política de os obrigar a fixarem-se nas tocas que organizaram — as Associações de Ex-Combatentes —*

<sup>1</sup> Polimil — abreviatura de político-militar. (N. do E.)



com a participação activa dos velhos generais ultras, para quem a Pátria é uma concha de interesses particulares acomodados. Estas tocas não podem sobressair (têm já uma grande abertura), assim, é preciso declarar uma guerra de posições que obrigue tal tropa de choque ideológico paramilitar a recolher-se ao ciclo restrito de adeptos e, numa acção exemplar, pôr a nu público a palermice que vai insuflando este saudosismo».

Foram apontadas as sedes dos ex-Comandos de Faro, Guimarães e Porto como os objectivos a atingir numa acção concertada. Para a zona de Guimarães fora ele mesmo destacado, e aproveitou o ensejo para dar umas lições técnicas a alguns militantes do Porto ainda verdes no assunto. Verdade que há já muitos anos vinha lidando com explosivos, mas nunca havia encontrado gente tão medrosa. «Em que é que estes pensam que andam metidos?», perguntou várias vezes aos seus botões. O que os fazia correr era algo que não compreendia muito bem, era como um vazio instalado. «Esta malta estará mesmo consciente do projecto político?» O dinamizador da operação mostrava-se preocupado, um tanto inquieto. Achou por bem deixar o trabalho do Porto a outro e preparar-se para, só, tratar de tudo o relacionado com a parte operacional a activar em Guimarães.

Era uma noite amena de Outono, ainda o Manifesto estava no espírito das gentes. Passava da meia-noite. No centro da cidade um burburinho de rivalidades partidárias estoirava. Depois de dar corda ao relógio colado ao invólucro de plástico duma cassete (a caixa servindo de depósito de pilhas), ligou as bananas, acomodou tudo, ajeitou melhor o detonador, introduziu a bomba num saco de plástico. Da janela do apartamento, nas traseiras dum hotel, olhou o sítio, quinhentos metros ao fundo. Ficava na saída para Famalicão. Do rádio, a suave música romântica de Brahms enchendo

o espaço alcatifado. Rodou um botão do aparelho e o som tornou-se mais forte. Devagar, sempre devagar, colocou sete munições no carregador que introduziu no punho da pistola Walter 7.65 mm. Num golpe rápido, puxou a culatra atrás e deixou-a correr à frente acompanhada do toque leve dos dedos — a bala alojara-se na câmara. Pôs a patilha em segurança e enfiou a arma no cinto, abotoando parte do blusão. Rodou de novo o botão, e, na volta, o som suave da música no espaço. Fora uma precaução quase mecânica. À noite os sons multiplicam-se pelos fantasmas de cada um... «Hum, as paredes não guardam segredos», murmura sorrindo. Vestia umas calças de ganga, um blusão de couro preto, botas de sola com tacão médio. Ao deixar o apartamento ajustou melhor as luvas (de condutor), a boina, e o lenço irlandês que pôs em torno do pescoço. Preferiu não utilizar o elevador, desceu as escadas. Um ventozinho agradável percorria a noite. Caminhava devagar. No saco de plástico, a bomba pronta para deflagrar duas horas depois.

Em dez minutos acercou-se do local, estava junto do alvo perfeitamente identificável. Do centro da cidade-berço da Nação, ecoava o burburinho das disputas entre as claques partidárias. Todas as atenções do burgo aí estavam concentradas. Aproximou-se lentamente, como um homem meio ébrio que regressa a casa depois da farra, levou a mão ao interior do blusão e colocou a patilha na posição de fogo. Um carro passava a alta velocidade pela artéria, todo ele guinchando, voltando segundos depois. «Algum menino-bem», rosou ele entre dentes. Estava a uns cinquenta metros do edifício, uma pequena vivenda. O mastro da bandeira, nu. A pequena porta de ferro não lhe pareceu bem oleada, teve de a transpor... e atirar-se de imediato para cima da relva que circundava o edifício: o louco do carro voltava a fazer gincana na artéria. «Ufa...», suspirou o guerrilheiro,



por pouco os faróis apanhavam-no em cheio. Atirou-se de costas para a relva, a bomba entre as mãos, sobre o peito. Ajoelhou-se, desabotoou o blusão. Muito calmo, deixou passar o par de namorados. Deitou-se de novo. Ouvia o som dos beijos, os ais abafados junto do portão. Breves segundos. Eles continuaram, riam-se de alegria, perdidos na noite. Deixou-os distanciarem-se um pouco e subiu a escada lateral de acesso à porta da sede: acomodou o saco de plástico junto dela depois de verificar se tudo estava bem no mecanismo eléctrico. Olhou em redor e desceu. Transpôs a porta de ferro e caminhou devagar, a mão na arma a colocar a patilha na posição de segurança. Junto da esquina tirou as luvas. Entretanto, em Faro, alguém punha uma bomba idêntica junto duma porta e, no Porto, outro alguém quase morria de tremuras e, em vez de colocar a bomba na entrada do Castelo do Queijo (a outra sede), foi deixá-la numa parte lateral batida pelas ondas do mar. Tudo estava a ser executado como ele planeava no encontro da Direcção de Militarização, apenas falhava o Porto por não ter sido escolhido um operacional capaz, um homem incapaz de colocar uma bomba nas fragas batidas pelo mar. Ainda à esquina, chegou lume ao cachimbo. Sabia-lhe bem sentir a madeira quente entre os dedos. Olhou para trás. Viu bem a porta que iria pelos ares. Os saudosistas iriam berrar histericamente, iriam deixar no ar o seu grito que tanta violência gerou em África. Retomou o caminho para o apartamento. No pátio, não ligou a luz temporizada, subiu pelas escadas até ao terceiro andar e entrou em casa. O som de um rock 'n' roll antigo enchia o ambiente, era a batida dos Creedence Clearwater Revival martelando, um luminoso background. «Vamos lá a ver se os outros não falham», pensava ele, enquanto poisava a pistola no sofá. Despiu-se. Nu, acaba o Porto que deixara num cálice, junto duns papéis com poemas rabiscados e dum

número de O Povo de Guimarães. Na alcatifa, entre as pernas da mesa, alguns acetatos das filmagens duma animação, o cinema sempre presente. Acariciou a câmara montada num tripé. «Tudo é uma fita, só não a vê quem não quer», murmura ele enquanto olhava o sítio, lá longe. A madrugada assentava arraiais deixando um ar de frescura em tudo. Vestiu o pijama. Uma hora e picos depois, em três pontos diferentes do país dos brandos costumes, três bombas explodiam atirando com duas portas dentro; as ondas do mar engoliam a terceira. Lá longe, um estrondo e um clarão levaram-no a olhar o relógio. «Tudo bem.» Sorriu interiormente. Atirou o cachimbo para cima do sofá, o olhar preso ao arco descrito.

O mesmo olhar de hoje na contemplação da pedrinha que cai no recreio. A certeza de estar a cumprir um rumo, a certeza duma vida. Nas suas mãos, algo a explodir. Deixa o recreio.

Sorri. Tem razões para estar satisfeito.

A vida a correr.



## VII

Os jornais, e todos os meios audiovisuais, continuam a chamar a atenção para a prisão de Otelo.

A população não percebe o que se passa.

*João C. recorda o velho pastor da Moira Encantada, em Barcelos. As palavras dele acerca do Povo martelam-lhe agora: «... o que é preciso é a gente das fábricas e dos campos aprender a ler e a escrever e, quando houver maior saber, então, olhe, aí eu já acredito que o Povo faça miséria nas famílias abastadas que mandam em tudo!»*

Não ignora o jovem político em armas que o problema se coloca de forma diferente à luz do 25 de Abril, mas sabe ser verdade o que lhe disse o pastor de Barcelos; o que importa agora é dar novos instrumentos ao Povo. Os *mass-media* continuam a galvanizar as massas em torno de *slogans* puxados à potência partidária. Não há o cuidado de se formar uma opinião pública liberal. Tudo se faz no sentido de sectarizar ainda mais o Povo. O velho tinha razão.

A população continua longe dos grandes acontecimentos nacionais.

João C. passeia no recreio.

— Então... Tu lutas por quê? — pergunta o padre que tentou matar o papa.

— Tenho em mente um regime melhor, luto pelas ideias que sou capaz de congeminar em mim.

— E o Povo?

— Não posso responder pelo Povo, nem ele se mostra interessado em lutar por uma sociedade melhor. Está convencido de que o voto lhe chega para ter uma vida melhor!

— Ah!

— Eu não me demito das ideias que tenho!

As conversas com o padre, oriundo duma família abastada e franquista, têm curtos períodos.

— Porquê matar o papa?

— Ele é o bastião do comunismo e o chefe da Mafia! — exclama ele com altivez. E deixa João C. só. — Tu também és um comunista! — grita, enquanto se afasta.

João C. ri-se.

O noticiário da rádio anuncia a presença de parlamentares europeus, de visita a Otelo. Os jornais fazem eco das afirmações duma jurista francesa, sobre as condições da Instrução Criminal.

21 de Fevereiro de 1985.

Pela última vez, em Vale de Judeus, ele ouve o som da chave na porta da cela. «Levante-se, vai ser transferido!», diz um guarda graduado.

Veste a roupa civil. Sente-se outro. Prepara o saco da viagem. É metido numa «ramona» pequena.

A viagem demora cerca de uma hora. A carrinha pára, depois de subir bastante. Através dos espaços das ventanas ele lê: «Estabelecimento Prisional de Monsanto». Está em Lisboa.

É enviado para o Sector C, com o n.º 12 729, a aguardar julgamento.

A diferença é enorme. Um paraíso em relação a Vale de Judeus.

Enquanto dispõe as suas coisas na Cela 2, o noti-



ciário da rádio anuncia: «... preso, em Braga, um casal presumivelmente ligado às FP25» e relaciona logo o casal com «o Dani e a Lara!, só podem ser eles!», murmurando. Sente-se mal.

Os presos circulam livremente nos sectores.

O estabelecimento é pequeno para tantos reclusos. Alguns dormem acamados no chão.

Não há fardas.

A liberdade de movimentos é tudo.

O acesso diário à imprensa dá-lhe a dimensão quase exacta do exterior. Tudo está na mesma. A população continua a fechar os olhos aos problemas políticos.

Uma semana depois de dar entrada em Monsanto, a advogada traz-lhe uma notícia má: «O Dani não se reivindicou de nada.» Ele ferve. «Isto é o demissionismo completo da Organização. Nada mais posso fazer que desligar-me de tudo e do Projecto Global», diz para ela. Mas não diz o que lhe passa pela cabeça. Não a quer no centro do fogo.

João C. sente a traição colectiva face a um homem conscientemente empenhado numa política de futuro.

Uma vez mais, decide do seu futuro, do seu próprio destino, seguindo o que de mais forte lhe enche o espírito.

## VIII

— Olá, pá!

— Estás bem, ó Engenheiro...?

— Vou indo.

João C. olha o jovem.

Cai sobre a placa o sol. Onze horas da manhã. Um jacto sobrevoa todo o recinto, que treme. Lá em cima, os trens de aterragem saltando da fuselagem. A pista é já ali. O leve tremor do recinto faz abrir os olhos ao jovem sentado na placa com as costas contra a parede aquecida pelo sol. O corpo não lhe treme por passar um jacto mas pelo receio de poder ser apanhado com o charro de haxe entre os dedos. Ainda não tem vinte anos. O cabelo crescido, loiro, sobre os ombros, dá-lhe um ar de farrapo humano esquecido na berma duma qualquer estrada. Veste calças de ganga e uma blusa feita duma camisa verde-tropa.

Ao abrir os olhos semicerrados, encontra o movimento frenético dos que se recreiam andando dum extremo ao outro da placa de cimento, sobre a cozinha. Mais em cima, gente fardada e armada observa. No rosto, as marcas da pancadaria com que os polícias o mimaram por resistir à captura. Apanhado em cheio com estupefacientes vários e as feridas, não cicatrizadas, do elixir injectado numa tarde invernosa. O mar batia forte lá na costa.



O movimento dos passos traz-lhe à mente a visão da cidade grande com os cauteleiros vendendo a taluda, os gritos dos homens dos jornais entre a massa anônima. E muita polícia à paisana.

«Oh! Tudo menos fardas!», afirmou para si no dia em que a tropa o chamou para recrutamento. «Não sei o mancebo que lhes vai fazer brilhar as botas...», decidira, então.

Num encontro entre universitários, recebe o baptismo da erva, com uns charros de liamba. Deixa o emprego que possui em part-time e gasta todas as economias entre os bailes de nudistas em casas de gente-bem. E o vício cada vez mais forte da droga.

João C. observa-o. Senta-se ao lado dele e fecha os olhos.

Ele encosta-se melhor à parede.

— Está-se bem aqui!

— Tens razão, ó Engenheiro... — Fala mastigando as palavras. Mais uma puxaça e volta a fechar os olhos.

Aos poucos, entrega o corpo à modorra dum estar obsoleto, e encontra no corpo macho uma fuga à morte que sente, sem desejar forças para a afastar. Na noite em que se deixa penetrar recebe, também, o baptismo da droga dura. O ácido obceca-o. Frequenta, então, algumas esquinas, esquinas «snobes» da cidade grande. É já um entre eles. Um mês e pico depois desta odisséia, a bonita namorada vem encontrá-lo. Está transfigurado. Ela não acredita no que vê. O bar onde o encontra é um espaço que se torna pequeno para abarcar toda a angústia que a domina. Mas é uma mulher de coragem. Todos a vêem levantar-se, ativa, os olhos em lágrimas, e caminhar lentamente para fora desse espaço com a imagem dum paixão quebrada e o rosto do homem que, não a recusando, prefere o sado-masiquismo da aliança entre o homossexual e o estupefaciente. É uma mulher ainda muito jovem que carrega o sonho

desfeito do primeiro amor. Que futuro lhe reserva este obsidente trauma? «Oh, que coisa!», é o comentário que o ex-companheiro faz observando o traseiro ondulante que se afasta. Suspira. Bebe mais um trago de uísque. As economias estão a chegar ao fim. Vai oferecer o corpo, massa onde um dos buracos se torna lasso na fricção das carnes e, humedecido com saliva ou esperma, se deixa penetrar por um sexo erecto esfaimado de conquista.

Depois dum caminhada sinuosa, de meia hora, prime o botão da câmpinha dum residência luxuosa, nos arredores da cidade grande. Ao portão, vem recebê-lo um tipo de meia-idade cheio de maneiras curvilíneas, num andar de boneca bem na hora do chá. Dois tragos de uísque e um charro parecem ter deixado o jovem prostrado. Tem um olhar ébrio. «Vem querido, vem... a festa vai começar... Oh!», enlaça-o o outro enquanto a voz entoada num chocalhar de sorrisos. Beijam-se ao de leve, nos lábios. Através das vidraças da espaçosa varanda, o som de Paco de Lucia numa harmonia de cordas a encontrar o ambiente todo-presente. Vários homens formam pares romanticamente deitados sobre sofás e peludas alcatifas. Farta vai a festa. Duas mulheres jovens, ternamente enlaçadas, deusas num império de antimachos, «snifam» coca. Esbeltas, na sua branca nudez, emprestam a este ninho de amores um toque de classe. «Vem querido, vem, vamos tomar um banho de imersão com o novo perfume que me chegou do Japão... Ai, o Japão!», convida-o o velho para a casa de banho. Ajuda-o a despir-se. «Ai, meu velho, esta festa vai fazer-me bem...», exclama ele, mergulhando o corpo na espuma da imensa banheira. O outro também. Deixam-se estar calados, olhos nos olhos. Um outro traz-lhes um charro. A água perfumada a amolecer-lhes os corpos. «Divirtam-se...», despede-se o que trouxe o charro. As duas mulheres sorriem ao passarem na por-



ta. Após o charro de haxe, acariciam-se, os sexos como mísseis apontando a alvos previamente seleccionados, as mãos empunhando-os em delicados gestos; o jovem a colocar-se de gatas com a cabeça poisada sobre as mãos, no mármore, o outro esfregando-lhe as nádegas e levando de vez em quando uma mão, por entre as coxas, ao pénis. Um ai sufocado. «Oh, querido...», solta o velho ao introduzir o sexo no ânus dele, segurando-lhe as ancas. «Hum... Foi assim, uma vez, no Japão... Era uma mulher com um cu espantoso!», sussurra ele. No rosto do jovem uma máscara de dor e de prazer. O masoquismo levado ao ponto de ebulição. Os olhos semicerrados.

O tempo só volta atrás na imaginação.

— A tua história é um romance, pá!

— Achas, ó Engenheiro?

— Ah, ah, ah...!

Continuam ambos de olhos semicerrados, sob o sol escaldante.

Lá em cima, os guardas, de metralhadora, observando. Próximo, o movimento dos passos frenéticos dos presos sobre a placa.

No rosto do jovem, ainda, uma máscara de dor.

É a morte a assobiar. O velho amante comprara os serviços dum guarda que transporta o haxe e a coca para dentro. Cerra os lábios com força.

— Até já, pá! — João C. levanta-se.

— Yah...

Ele atira fora o pouco que resta do charro. Algo o incomoda, lhe altera os traços do rosto. Pela primeira vez em cinco meses de cativo, a imagem dela: a bonita namorada está a encharcá-lo de saudades. Olha em redor do fosso de humidade que habita com outros. «Como ela é bonita... Que fiz eu?», pergunta-se. Um pesadelo começa a tomá-lo. Abana a cabeça, os dedos finos enterrados na farta cabeleira. O corpo magro a

erguer-se, a caminhar lentamente entre os passos dos outros. Uma força enorme começa a tomar-lhe as entranhas, fartas da bestialidade do corpo vendido. Senta-se de novo, na placa. Escreve umas linhas num pequeno bloco que traz num bolso da camisa. E mais linhas, mais: é o testemunho dum homem perdido dirigido à mulher que amara. «Interrogo-me sobre esta ânsia que agora me domina. É-me imprescindível recordar-te. É ainda o amor?», escreve ele. Durante a noite passa o rascunho para papel de carta. A prosa segue na manhã seguinte pelas mãos do mesmo guarda que lhe traz a mercadoria. «Ela vai responder-me?», é a interrogação que, durante as horas seguintes, coloca a si próprio. Domina-o completamente a ânsia de a reaver. Não dorme, como costuma fazer durante a tarde. A interrogação percorre-o como um relógio de cuco... tiquetaque, tiquetaque. Surpreende-se no facto de não acender nenhum charro nem «snifar» coca. Algo mais forte o alimenta: a esperança. Bonito... A meio da manhã, põe no caixote do lixo o haxe e a cocaína. Já não ouve o assoviar da morte que o vinha asfixiando. Acto de tremenda coragem a emergir no charco miserável que compõe a população prisional.

Depois do almoço, caminha lentamente pela placa. Está vento. Cortou a barba de uma semana e vestiu uma camisola de lã que a mãe lhe deixou na primeira e única visita. A família divorciou-se do homem que julgava perdido. Mas nem sempre a morte leva por diante seus intentos. Um vento forte varre o fosso a par do roncar dos reactores dum jacto. O jovem caminha só. Está ansioso. «Dentro de uma semana, se ela quiser, pode vir aqui...», leva-a ele no pensamento. Sente-se um outro homem.

— Eh, pá! Estão a chamar-te para a visita! Vê se te despachas... — É João C., prevenindo-o. Ri-se. Está a par dos problemas do companheiro.



Visita! É o grito, a palavra mágica que o faz tremer. «Quem será? Não pode ser ela!?!», grita para si. Suam-lhe as mãos. Abandona a placa e penetra no fosso. Sob as escadas de pedra até uma plataforma onde as visitas aguardam. As visitas por um lado, os presos por outro, vão dar ao mesmo sítio. Uma sala no interior do fosso. Sente o corpo suado, todo suado. Vê-a. Ela, linda como sempre, espera-o. Olhos nos olhos. Uma eternidade de desejos refreados neste espaço, cavalos loucos enjaulados a encetar uma nova corrida. O abraço. O beijo que os une de novo.

Lá fora, na placa, João C. passeia.

Continuam os passos frenéticos sob o olhar dos homens fardados e armados. Não têm coragem para lhes cortar o Sol.

João C. sorri, está contente.

Pouco depois abandona a placa. Nuvens densas começam a encobrir o Sol.

Regressa à cela. O tempo vai passando entre uns poemas e a leitura dos jornais.

Está acamado no chão.

Os passos soam na madrugada de ventos e aguaceiros, tempo primaveril traiçoeiro carregando de sombras a noite fria. Apura o ouvido. Cada vez mais próximos, os passos soam intensamente. As paredes choram e a cal transforma-se em pedaços pendentes à espera de mais um assomo de humidade que os faça cair. A pedra negra e martirizada de tanta mágoa, tanto segredo, a desnudar-se. Penetra o espaço uma luz difusa e ténue vinda de um tubo fluorescente, reflexos duma civilização moderna onde a justiça não encontra pé. Tranquilos e certos são os passos que ora se quedam num silêncio perturbador, junto à porta da cela. A gata de pêlo branco-cinza, a dormir junto dele, levanta as orelhas, a porta range. João C., que suavemente roncava sobre

o colchão no chão húmido, levanta a cabeça e lança um olhar de espanto à silhueta que surge na entrada, a porta entreaberta. Estremunhado, acaricia a gata, observa o olhar que ele, o intruso, põe num dos companheiros da cela, que acordara com o ruído. São três os homens que partilham o espaço. Dois em camas duplas, sobrepostas, e um no chão. Uma corrente de ar mais forte entra na cela e limpa o ambiente carregado dum misto de respiração humana e de humidade. Ao abrir-se a porta, bocados de cal caem sobre João C., que sacode a cabeça. Nesse instante, a troca de olhares entre o intruso e o da cama inferior é um mar de anseios. Já não cheira a nada no pequeno espaço da cela, apenas o eléctrico estar dos dois homens se nota nesse outro espaço que a luz fluorescente, indirecta, tenuemente anima. Sorriem os dois. O intruso fecha a porta devagar, enquanto o outro abre as roupas da cama, e estende o corpo nu esperando o amante.

— Merda! — grita o de cima cobrindo-se todo.

— Oi... — saúda-o, delicado, o intruso. — Hum, *darling*. *How I like you!* — murmura ao aconchegar-se ao corpo nu.

A gata solta um miar, mas logo volta à primeira forma, o focinho entre as patas, depois do afago de João C.

— Só me faltava aturar estas fufas! — volta a falar, entre as roupas, o de cima.

Depois de serenar a gata, acende o cachimbo deixando no ar um perfume de fumos azulados que lhe turvam a visão dos gestos delicados trocados entre os outros. Esfrega os olhos. O som cáldo dos beijos que o vento sibilante não apaga. Mal fechada, a porta entreabre-se e uma nesga de luz mais intensa poisa no par deleitado entre gemidos surdos.

— Yah, que bom... — suspira o outro, que se levanta para melhor fechar a porta carcomida e rangente.



1.ª edição, Novembro de 1985  
2.ª edição, Novembro de 1985

Capa: estúdios P. E. A.

© J. C. Macedo, 1985

Direitos reservados por  
Publicações Europa-América, Lda.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida na presente forma por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial

Editor: Francisco Lyon de Castro

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.  
Apartado 8  
2726 MEM MARTINS CODEX  
PORTUGAL

Edição n.º 4217/4045

Execução técnica:  
Gráfica Europam, Lda.  
Mem Martins

J. C. MACEDO

# AS CINZAS DUM TEMPO PERDIDO

Ascensão e queda das FP-25?



Nº 9029

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



O corpo nu recorta-se na nesga de luz, sexo semi-erecto e pendente, os cabelos em desalinho. Um fio em volta do pescoço segura um pequeno crucifixo de prata. Ao regressar ao leito geme num «Ai...» de encantamento pela delícia do reencontro com o quente abraçar dos corpos que se lambem numa penetração de luxúria sentida até ao êxtase dum grunhido mútuo, sincopado. O animal vencendo a razão entre o ranger dos ferros que suportam as camas sobrepostas.

— Merda! — volta a gritar o de cima.

— *Easy boy, easy!* — sossega-o o intruso. É um britânico que não dispensa a pontualidade dos seus acordos e serviços.

É um chá de sensualidades, servido com todos os instrumentos aos quais se junta, desta vez, o tabaco aromático do cachimbo.

Uma festa a dois desdobra no descontentamento de um entre as roupas, fechado, e o espanto de outro, visivelmente satisfeito com a poesia bestial deste encontro de sexos iguais numa madrugada primaveril.

Aos poucos, os grunhidos elevam o tom, num ritmo fantástico.

— ... estou a vir-me! — grita o português respirando profundamente.

— *Yah, my boy...* — murmura o amante.

E, de repente, caem os dois nos braços um do outro, esgotados.

A gata, de focinho no ar, solta um miar terno, de acordo com o momento. De entre os assistentes, ela é um habitual da *party*.

— 'inda um dia vos rego com um balde d'água fria! Estupores invertidos... — ameaça o de cima.

João C. sorri. Volta a chegar fogo ao tabaco do cachimbo. Acaricia a gata. Liga o tijolo cantante transistorizado. Em tempo de culto, ouve-se uma bela melodia

de Haendel. O britânico levanta-se e veste o pijama verde-escuro.

— *Oh, I'm happy!* — suspira, satisfeito.

Assobia baixinho e ergue o polegar na direcção de João C., cachimbo nos lábios.

— *Sweet night, dear!*

— *Hum, I think yes...* — responde, apercebendo-se de algo a raspar na porta.

A gata levanta as orelhas, o olhar electrizado. Levanta-se e dirige-se para a porta que o britânico abre. O gato espêra-a!

— *Oh, sweet life!* — deixa ele no ar.

João C. deixa escapar uma fumaça. Fica pensativo. A vida é um circo. O brilho do olhar da gata é a lanterna da luxúria que vai conduzir o gato a um jogo de momentos deliciosamente animais. «A vida é um circo e, num grunhido de sexos humedecidos pelo prazer, qual a diferença entre animais?» Esta verdade martela-o, no canto da cela. Não o repugna o testemunho dos segredos da vida nocturna e subterrânea, mas prefere a doce maresia feminina.

— *Good night, darling...!* — despede-se o britânico do português.

Em fundo, ainda Haendel animando esta pequena orgia de gestos e gostos.

Apesar do pensamento, a vida é uma selva que cada elemento faz brotar na ânsia dum momento sublime.

Com a mão fecha a porta.

O encontro de dois sexos iguais para uma orgia íntima, a gozar as sensações do prazer dos corpos húmidos, é um desses mistérios onde a bestialidade e a poesia se combinam.

Os corpos saciados emprestam seus odores a este tempo de culto para uns e de anarquia corporal para outros.



Passos suaves reencontram a madrugada.

— Apesar de toda a bestialidade do acto, estes homens são capazes de uma enorme ternura, corpos infantis dando-se na vontade de recriarem um espaço próprio! — raciocina João C. em voz baixa.

— Estás a rezar, ó pá? Pergunta-me se estou bem, ah! — O amante português olha-o.

— Ah... Deves estar bem! Olha, ai a vida... — resmunga ao ouvir as unhas, de novo, na porta.

Abre a porta.

Num miar brando, a gata entra na cela indo agachar-se junto da cabeceira dele. Acaricia-lhe o lombo enquanto fecha a porta. Ela já não traz o olhar eléctrico que levava para o idílico encontro, junto das grades de ferro carcomido. Está satisfeita, não vai tardar em cair num sono profundo. Deve andar mais uma lá por fora, que a barafunda dos miaus continua.

— Ufa, ninguém dirá, ao conhecer isto, que há diferenças animais!

— Cala-te! — berra o de cima.

— Que é, filho, estás entesado?... — provoca-o de baixo.

— Ah, ah, ah...! — ri-se João C. com vontade.

O miar dos gatos continua.

O tom irreal da luz artificial esbatida nas paredes chorosas, as sombras duma vida nocturna ecoando no som delicado dos passos que se afastam.

A madrugada anuncia a boa nova e o regresso da magia dos corpos na Primavera.

## IX

Balbuçiante, a Primavera vai aparecendo, transportando uma alegria duramente conquistada entre os deuses do mau tempo.

Na cela, João C. escreve um rascunho onde assinala todas as operações em que participou enquanto membro político-militar das FP25. Enviou já uma carta a amigos, confidenciando-lhes a sua amargura pela forma como se comportam os seus antigos companheiros.

Olha as paredes cheias de fotos de artistas do cinema. Tem, sobre a mesa, o último número do *Cahiers du Cinéma* e uma colectânea de contos modernos portugueses, edição de um amigo.

A humidade deixa na parede pequenos tufos esbranquiçados.

Recorda-se de alguns pontos do documento que enviou para todos os presos do Caso FP25: «... Quero deixar bem claro que não sou um herói para as bandas desenhadas do regime pseudodemocrático nem pretendo, como alguns de vós, o meu nome nos órgãos de comunicação social. Desejo apenas a minha tranquilidade de político face à traição daqueles com quem eu partilhei alguns anos preciosos da minha juventude, numa luta que, ora o sei, apenas serviu interesses pessoais de alguns, envolvendo muitos inocentes. É verdade. E até



alguns dos que comigo trabalharam directamente se escondem, agora, sob um lençinho de púlicos políticos aterrorizados com o espectro da sigla FP25... Sempre fui um tipo orgulhoso da minha acção e não voltarei atrás, nunca o fiz, na posição tomada. Compreendam no mínimo que a única defesa possível e honrosa seria a admissão pública do PG. Não tenho culpa de que a covardia vos tenha cegado politicamente! ... Sinto-me perfeitamente desligado de todo o processo conjunto e profundamente traído naquilo que de maior valor há num político, a consciência...» Um documento muito duro para aqueles que apenas vivem a política de um modo superficial.

Continua o rascunho.

Domina-o a ânsia e o intuito de esbofetear os políticos que agora deram em cachorrinhos, à espera dos afaços do Estado que os meteu a ferros... Sente uma nova vida a invadi-lo, lentamente. «Esta camisa de forças não me impede de sentir sob os pés um mundo a levantar-se, qual amor germinando entre tímidos olhares...», murmura.

O seu interesse reside, agora, em recuperar o fôlego e deixar poisar definitivamente as cinzas dum tempo perdido, partindo em busca dum elo novo a ligá-lo à vida.

Sabe que vai perder amigos, mas também sabe que, esses, são amigos de pura conveniência política. «Esta malta não tem o mínimo de dignidade política. O demissionismo que defendem demonstra que não passam duns escroques!», diz num tom baixo olhando a teia de aranha baloiçando com a corrente de ar.

Que futurismo político embebeda, hoje, o jovem de Barcelos?... Ele continua a ser o poeta do desejo e da liberdade. Insatisfeito, como sempre. O contacto com as realidades cruas da humanidade do submundo é mais uma parte da sua vida a realizar-se. Consegue viver pa-

ra lá da interioridade opressiva da masmorra. É uma ilha de força.

A nova aragem é a utopia que o traz vivo.

Termina o rascunho e passa-o a limpo, com a caneta de tinta permanente. A eterna companheira do bolso interior.

Vem-lhe à mente, enquanto se levanta e espreguiça, um conto da Katherine Mansfield lido há muitos anos. O bizarro e o fantástico sempre o fascinaram nos momentos mais diversos. E nunca o mundo lhe pareceu tão belo... e, não sabe bem porquê, a escrita dela deixava-o assim num beco encantador, tão eloquente é o traço leve e sedutor do seu mostrar as entranhas das coisas. «Hum...», suspira. A leitura, hoje, vai para os escritos de Raul Brandão e de J. L. Borges, entre a fantasia que o som de Stravinsky, vindo dum tijolo cantante, deixa na masmorra.

Volta a sentar-se, e acrescenta ao relatório da actividade o esquema do Projecto Global. Tudo fica registado.

— 12 729?... Advogada! — anuncia-lhe o faxina.

— Já vou!

Entra no fosso e sobe até ao gradão.

Ela fuma, esperando.

— Olá, Doutora!

— Viva, como vai?

— Bem. Há novidades?

— De Otelo não há resposta, ainda.

— E o documento? Já foi entregue?

— Entreguei-o na reunião de advogados a um contacto, penso eu, da Organização. É ele que nos traz directivas e documentos.

— Eles vão impedir a distribuição aos presos!

— Palpita-me que sim — diz ela, convencida. Aparta uns *dossiers*. — A PJ esteve cá?

— Fui almoçar com o inspector e o agente!



— Viva o luxo!...

— A Doutora vai fazer-me o favor de dizer lá aos outros advogados que não tenham esperanças numa mudança de posição da minha parte.

— Eles sabem isso. Já o disse.

— Ótimo.

— Um dia, venho cá para fazermos um rascunho da defesa que vou apresentar em Tribunal. A propósito: continua a escrever?

— Sim, uns poemas.

— Deixo-lhe, para se entreter, as posições de Oteló no processo — diz, entregando-lhe um *dossier*.

— Oi...

— É bom que esteja a par de tudo...!

— Eu já li alguma coisa disto, para mim ele é o principal delator do processo!

— Leia! O conhecimento superficial não basta. Ah, também tenho aqui, para si, as declarações do indivíduo do Porto que o acusa.

— Bonito...

Riem-se.

Apertam as mãos e ele retira-se.

Não houve medos nem há sombras carregadas, é simplesmente um homem só a descer o fosso até à cela.

Senta-se na beira da cama. Já dorme sobre a rede. A humidade do chão deixou-o carregado de dores. Pensa na advogada. Pressente que ela já desconfia dos seus propósitos. «Depois se verá...», diz, sorrindo para a biqueira do sapato. Está cheio duma esperança renovadora que lhe traz um sorriso aos lábios.

A vida continua num falar murmurado.

Vai até à placa e caminha, silencioso, entre os outros. Há um sol quente. Senta-se. Um pouco distanciando, o companheiro da farta cabeleira loira acena-lhe. Parece estar tudo bem. Pega num lápis e começa a escrever, num papel,

*Olhar profundo a ajeitar-se numa dinâmica apreendida no desejo de ser árvore a amadurecer os frutos de vária semente, cântico dum espírito enfurecido consigo mesmo, tinta permanente no dealbar dum corpo a imprimir-se nos canais da vida. Eis-me!, grita o corpo emergindo da planície verde num tempo insólito, e não há aqui que pasmar que os passos galgam uma acção assim, d'espírito a mexer o quente hálito dum céu carregado a todo o momento. Na linda folha caindo num voo de suave rasto vai a frase e o possível verso brilhando nos olhos vidrados de tão profunda acção exalando a humidade, e a ânsia, na vastidão dos canais onde o desejo de viver faz do corpo a toupeira necessária. Raiz a entroncar a árvore. Querer sem prazo de entrega! Um espírito a levantar-se num levitar que tranca, um a um, os canais da sub-reptícia vivência, aquela forçosa entrega do corpo a um mundo em putrefacção! grito lento a elevar-se contra o húmus ora asfíxiado neste levitar em crescendo que o deixa resignado ante um corpo que foi toupeira, mas continuou em remanescente equilíbrio solar. Tinta permanente num processo d'ocultação que quase o destruiu. Verdade. É agora a árvore bonita na planície verde ajeitando-se num dinâmico e profundo olhar!*

compenetrando-se das novas realidades que lhe passam pelas mãos.



«Viver segundo a nossa condição é exercer o poder da esperança, numa luta contínua para sermos nós próprios», pensa, ao olhar o grande pássaro de metal que mostra, devagar, as patas descendo para a pista num equilíbrio de modernos feitos.

## X

Um sol de trovoada cai sobre a Praia do Rei, na outra margem.

O areal deserto.

Três homens conversam, à mesa.

Amplamente envidraçado, o restaurante oferece aos olhos uma vasta área da praia. Vários navios, ao largo, esperam oportunidade para entrar na barra.

— Tem havido uma espécie de pacto de cavalheiros entre as FP e a PJ, o que permite a não existência da violência, de parte a parte...

— Certo, Sr. Engenheiro. E espero que assim continue! — concorda o inspector com ele.

— Pode haver precipitações...

— ... só uma coisa de loucos! — atalha o agente, rápido. — Repare, se matam um polícia têm, de imediato, como aconteceu no Caso PRP, toda a corporação psicologicamente mobilizada.

— Do mesmo modo que se, por maldade, matássemos um membro do Projecto Global, toda a Organização se viraria contra nós, em atentados selectivos. É óptimo que o bom senso prevaleça! — sublinha o inspector.

O agente parte a extremidade duma ampola e deita, num copo com água lisa, a vitamina.



Enquanto esperam pelo almoço, o inspector e João C. comem, com gosto, o queijo e as azeitonas entre uns tragos de vinho branco maduro.

— Hum... Está bom! — opina o inspector.

João C. sorri.

Reside nele o receio duma eventual onda de acções violentas sem ligação política específica, a levar a cabo pelas FP, no sentido de mostrarem que ainda mexem. Não lhe agrada a situação de expectativa.

*A agonia dum bloco político, militarizado, é um campo de explosões psicológicas. De sobrevivências materiais. Ninguém quer assumir a responsabilidade da derrota sustentada nos erros próprios nem, tão-pouco, expor os seus fracos. A capa ideológica cai aos primeiros sinais do desespero colectivo; aqueles mais politizados cobrem-se com o manto da absurda ingenuidade e do pudor; os menos politizados, esses, caem no derrotismo catastrófico, agarrando-se ao instrumento bélico como uma trincheira de salvação. Compreender os mecanismos humanos que levam às atitudes mais desastrosas, no campo político, é ir ao fosso da verdade social que faz a ideologia. Quando um proletário diz que o burguês é a meta a atingir na qualidade da vida, ou o burguês se defende da proletarização, todo o mundo concorda que é necessário encontrar um traço unificador. E, no entanto, bem lá no fundo, um e outro sabem não serem compatíveis as condições sociais em que vivem — a luta de classes é, e será, o problema da política geral. É aqui, em torno desta questão, que se avolumam as grandes contradições. Pois que o aglutinar do proletário e do burguês, num projecto político comum, nunca passou dum esquema de feérica mobilização de massas, e quando um e outro se propõem transformar-se em políticos de armas nas mãos, então, a luta de cada um (re)acende-se, torna-se psicologicamente latente em cada acto mínimo, e o proletário (por-*

*que mais lesto no gatilho) age como um animal enfurecido colocando o parceiro da coligação social como um inimigo interno, e mais perigoso, que os adversários naturais que sustentam o Capital desenfreado, estúpido. A ideologia é sempre um problema social, e esse projecto comum cedo ou tarde reventará, por se tornar num campo de batalhas pessoais e de tráfico de influências entre os diversos sectores; a crise de identidade do projecto comum torna-se no eixo de tudo, e o sonho começará a cair enquanto as boas intenções se esfumam em lindos discursos de «tapa buraco». O espectro da ambiguidade alapa-se, o derrotismo desmobiliza o bloco até aos mais duros. Os ratos, salpicados das lágrimas de alguns crocodilos, refugiam-se com terríveis guinchos de desespero na solução autonómica. Lá vai a barca da frustração... Outros passam as fronteiras. O mal é daqueles que não salta(ra)m a tempo. A capa ideológica aos pés. A mente a não funcionar. Um animal ferido de morte torna-se demasiado feroz para descortinar outra saída que não a força bruta. O desequilíbrio acentuar-se-á com a proximidade do estertor orgânico. As teorias filosóficas, assimiladas empiricamente, a deixarem de ter quaisquer valores de preponderância no comportamento político dos mais empenhados numa guerrilha urbana militarizada e de espalhafato social. É já o animal moribundo. Cada carácter em sua explosão. Como no conto da Mansfield, este animal, ser humano por excelência, é incapaz de decifrar a razão pela qual a vida lhe dá vontade de chorar! Um mundo em ebulição.*

«Tudo pode ser um desastre», pensa João C.

Bebe mais um trago de vinho.

— Está muito pensativo — observa o inspector.

— Estou a pensar que as FP25 devem estar a enfrentar uma agonia terrível e desgastante!

— Sim, é possível — opina o agente.

— O melhor, para todos, e evitando problemas de



maior, como você o diz, seria o grupo dos operacionais entregar-se. A Organização está já desarticulada...

— ... pois, mas o Sr. Inspector sabe, como eu, que o raciocínio actual não é frio, está bloqueado pelo orgulho!

— Sim, tem razão, Sr. Engenheiro!

— Depois, olhe, digo isto porque sou um tipo orgulhoso do que faço, mas levanto muita vez os olhos do meu umbigo. É a diferença entre mim e eles.

Entregou já ao inspector a lista das acções em que participara, adicionada de uma declaração política; o testemunho dum perfeito conhecedor do território social que pisava enquanto político em armas.

O almoço decorre num ambiente morno, agradável.

Chegam alguns estrangeiros com ar de quem está em casa. É a influência dos raios da Primavera. E dos dólares!

Continuam a conversar sobre a hipótese duma escalada de violência. Relacionam as acções do «terrorismo internacional» que se sucedem um pouco por toda a parte. Existe, entre eles (e mais da parte de João C.), a convicção da não existência duma conexão da euro-rede às FP25 e não deixam de considerar que o «paraíso africano» está longe. É do conhecimento geral que os países lusófonos apoiam a Esquerda Revolucionária. Ainda uma ligação romântica. E como pólo central, Otelo. Ninguém desconhece o facto. Um porta-voz das FP expressou a um semanário influente que «... os nossos contactos não se limitam a Organizações que praticam a luta armada. Também temos ligações com partidos legais e com outros no Poder em alguns países», recordava João C. entre mais uns goles de vinho branco maduro.

Na sala, mais portugueses que estrangeiros.

Os navios ao largo.

O murmurar das conversas é um frufu de ondas alternadas, em fundo.

Ninguém diria que, entre aqueles três homens, se decidia o futuro próximo de um.

Os olhos dele no mar, como um rio à procura da coisa nova.

Março é um mês de transição.



## XI

*A liberdade é um conjunto de lágrimas quentes a brilharem no olhar, qual maresia transparente num pensar marcado por uma geração, cujo romantismo suporta a paixão vivificante. A liberdade é esse passeio íntimo duma lágrima rolando pela face dum ser que nasce a cada nova experiência, cerimonial de amor e de prazer.*

*Angustiante fantasma absorve o amorfismo do pensar progressista que, em Novembro, viu Abril assombrado.*

*A mudança sonhada encontrou entraves alicerçados na longa e lenta archotada que o monte atravessa, de capela em capela, onde os fiéis deixam a alma cheia do ardífero saudosista; coisas do absurdo e da ignorância continuados, geração em geração, das gentes flage-ladas ante os atropelos laborais e sociais que as atingem em cheio.*

*A mudança adiada, o país ainda em ceroulas à espera da moda nova.*

*Os românticos empantufados escondem-se em inúmeras manifestações de esterilidade política. Vêm o Capital e a NATO cada vez mais dominadores; a possibilidade de armas nucleares escalam as Lages, em troca dos dólares e do material bélico, obsoleto, dos*

*EUA. Gritam contra tudo por um projecto verde, em marchas pacifistas, e levantam o dedo contra as FP25. Mas raramente abandonam o quente estar em frente da lareira. A pequena burguesia urbana vê-se obrigada, nos anos 80, a engomar cada vez mais os colarinhos, e a polir as pratas dos punhos. O «homem-que-se-faz-por-si-próprio» é o novo tipo que começa a minar os preconceitos desta classe burguesa, levando-a a aderir, porque esfaimada do estatuto social, à teia liberal que o Capital habilmente lhe lança na multifacetada sociedade de consumo. A entrada na CEE acaba com as últimas resistências de índole moral. Aderem ao projecto de uma pátria una, pela porta do cavalo. É a negociação de toda e qualquer ideologia. É a pátria una e independente, pela negativa. Sorvendo usque, com gelo, entre dois passos de dança anglo-saxónica, reintegram-se na sociedade os empantufados românticos.*

*Apenas os ultras, os políticos em armas, românticos dos quatro costados, sonham com a mudança possível.*

*A utopia, ainda.*

*Quando, em 1980, os militantes ligados ao Projecto Global impunham determinadas exigências aos Independentes, numa reunião do 7.º da Braancamp, dizia João C. que «... a política é, antes de mais, um acto cultural definidor da razão da luta e da vida que desenvolvemos e, quando assim não o é, ou não agimos neste sentido, estamos a trair-nos!». E, com estas palavras, acabava a primeira fase da FUP, a plataforma eleitoral de apoio a Otelo formada por diversas tendências da Esquerda Revolucionária. Ele dava, em nome do Projecto Global, a machadada final num acordo social e político em que acreditava. Preferiu, dessa vez, apoiar uma decisão errada; a decisão que veio a colocar os ortodoxos leninistas da OUT à frente do processo. Numa*



*análise posterior, na DIMA, viria a considerar a acção como «... o erro estratégico que nos põe, a nós, orgulhosamente armados e sós, ante toda uma franja social de grande impacte na moderna economia de serviços. Decidir da ruptura política foi fácil; difícil... é conceber um programa de actuação não sectário e libertador dos fantasmas do PREC. Algo está errado. Porque, assim, estamos a começar a destruir as hipóteses do levantamento, a longo prazo, do Exército Revolucionário...». Falava com o à-vontade dum ser habituado a nascer em cada nova experiência.*

*Todo o humano carrega as suas sombras, como um grito escavando os corredores da existência.*

Junho de 1984.

O sol cai a pino quando ele chega junto da companheira. Há nela um não-sabe-quê que o põe alarmado. Senta-se, num pequeno banco.

— A FUP está toda dentro, toda de cana! — diz ela, perturbada.

— Devem ter começado a caça às bruxas! — conclui ele.

Deixam o centro do Porto e rumam para Matosinhos, «a cidade-iate», como ele lhe chama. Seguem até ao Cabo do Mundo.

Enquanto ele dá uma olhadela à *Cinema*, revista dos cineclubes, ela não deixa de o observar. Alguma coisa lhe diz que tudo está a mudar.

— Devias ir comigo até à Irlanda! — atira.

Ele sorri. Acaricia a barba curta e põe os óculos escuros junto do cachimbo. Estão a uma mesa pequena. O mar em frente. As ondas num cântico de paixão que as gaivotas aplaudem.

— Há muito que eu esperava este momento...

Ela vê que ele não lhe quer responder.

— A polícia sabia que Otelo tem muito a ver com a Esquerda Revolucionária radical. Bastava ouvi-lo! —

atira ela. — Vocês tornaram-se demasiado ultras para que a polícia não deixasse de actuar... Por outro lado, isto é importante, querido, a vossa luta é exclusivamente Anticapital, o que vos confere apenas o estatuto de grupo. Não digo que a luta não esteja certa, só que o Povo não vê além do ordenado...

— Pois...! — exclama. Ele fecha uma mão sobre o guardanapo.

— Ainda te move a utopia! — sorri ela.

— O sonho é a força da vida. Quando perdemos esta capacidade de sonhar... já escrevi isto em algum lado... perdemos o prazer da aventura, da conquista.

Fazem silêncio sobre o tema, enquanto almoçam.

Depois do cálice de *Porto*, um curto passeio pela areia fina e seca. Está quente.

Regressam ao carro e dirigem-se para a mui nobre e invicta cidade, enquanto, pelo auto-rádio, ficam a saber que Otelo já fora visitado pela PJ.

— Há uns anos, imaginei uma cena assim, e toda a malta a esperava nestes tempos difíceis do socialismo empresarial e privado!

Sente a mão dela a acariciar-lhe a nuca. Os lábios no ombro, sobre a camisa fina. Gesto meigo. Coisa bonita.

— Sabes, acho que deves pensar um pouco em ti...

— ... hum! Estou a preparar a minha saída, como político em armas, mas tudo é um processo lento como lenta é a agonia do projecto em que me envolvi! — adianta ele.

Ela desconhecia esta posição. Fica perplexa. Deixa ficar o rosto, sorridente, no ombro dele.

Estacionam o carro no Passeio Alegre. Caminham pelo jardim, silêncios compreensivos.

Uma motora entra no Douro com centelhas luzidas num rasto de maresia. É dura a faina para tão



pouca paga. As mulheres de Afurada com o coração nos olhos e a nova geração pelas mãos.

A criança, embevecida, conseguiu introduzir a pequena bola no buraco que escavara na terra. Exímia praticante de golfe, a irlandesa sorri.

Tem motivos de sobra para estar alegre.

Vê-o a acender o tabaco do cachimbo em gestos que, de tão lentos, lhe parecem um sinal da preguiça. Mas não, são os gestos de um homem que lhe tem dedicado uma feérica vivência. Um homem para quem o tempo é um espaço de gozo.

Ela sabe, pressente, que está no fim a carreira do guerrilheiro dos olhos azuis.

Nele há algo de diferente, como se tivesse chegado ao limiar dum fado, e a prisão de Otelo lhe seja psicologicamente adjacente.

Ambos não escondem a emoção do momento.

Não sendo um ultra, João C. apostou sempre no seu estatuto de político em armas, assumindo-se como um romântico activo horrorizado com a proximidade de quaisquer pantufas. Espanta-o, ainda, um fantasma: por que não se levanta o Povo contra a injustiça e a opressão?

## XII

Passo lento, ele avança pelo corredor até aos lavabos do Sector C. Leva, num balde, peças de roupa para lavar. Ainda ensonado, assobia uma balada do Zeca.

Chove torrencialmente na manhã de Primavera.

Os gatos afastam-se para lhe dar passagem. Restos de espinhas de peixe um pouco por todo o lado. A humidade tresanda. Ele sorri, sem deixar de vincar no rosto uma certa preocupação. Ontem, dois presos caparam um gato que havia mordido a gata. O sado-masquismo sexual, oprimido, a vingar-se no inocente bicho.

— Ó pá, estás bom? — cumprimenta-o outro preso a ajeitar a roupa. Na mão, um rolo de papel higiénico.

— Vou andando.

— Há uma entrevista do teu camarada...

— ... aos franceses?

— ... Hum?...

— Já sei! — confirma secamente. E continua a caminhar. — Estou farto de ouvir as pessoas a falar e a não dizerem nada de nada... — murmura, enquanto poisa o balde.

Roda o manípulo da torneira. A água corre.

Arregaça as mangas da camisola de lã.

A chuva a bater, lá fora, sobre a placa de cimento. Um espectro de águas em contínuo movimento por ca-



Cadernos do autor:

- *Traço Poético*, 1983
- *Cinéfilo* (poemas), 1983
- *Quotidiano* (prosa poética em jeito de auto-retrato), 1983
- *Íntimos Pareceres* (poemas), 1984
- *Um Olhar sobre Nós* (contos), 1984
- *Encontros* (poemas), 1984

UMAS PALAVRAS

*Introduzir em mim o universo fantástico e, por vezes, absurdo do campo psicológico (e social) que faz um político em armas, foi tarefa facilitada pelas condições sociopolíticas e económicas em que jazia o regime fascista. Aliei à aventura o facto de repudiar a guerra que, em África, chacinava inocentes por um império caído.*

*Nascia em mim essa ânsia do novo na exaltação duma oposição a viver um desafio monstro. Entreguei-me a esse estágio do relacionamento humano com todas as minhas forças.*

*Eram os verdes anos.*

*Antes de mim, e falando apenas da República, já os anarco-sindicalistas se haviam batido, em armas, e venho a encontrar alguns dos velhos dos anos 40 quando iniciava os primeiros passos na difícil arte da oposição política; e também os comunistas o fizeram, criando, para o efeito, um braço armado dentro do mais rigoroso eixo Partido-Estrutura Clandestina. Para os anarco-sindicalistas e os comunistas, a base humana foi sempre o Proletariado, mas os anos 60 trariam a pequena-burguesia urbana para este campo da luta, e mesmo alguns dos dissidentes de entre os comunistas vieram a integrar (ou fundar) Organizações político-militares combatendo o Estado Novo.*



da grosso pingo que cai. E o frio que faz!... Um gato, todo encharcado, sacode-se junto da sanita, salpicando-o.

— Chuta!... — Tenta afastar o animal. — Está bem, já sei que tens direito a estar aqui, como eu! — exclama, vendo que o animal apenas se afasta para junto da janela. Aninha-se entre as grades. — Ainda dou comigo em doido... agora até falo com gatos! — diz, gesticulando. — Ah, ah, ah...

Senta-se no bordo da bacia de cimento revestido a tijolo. Olha a chuva, por entre as grades.

Quantos portugueses olham as brumas, para além da chuva, cantando a angústia do órfão político?

A água a correr entre os dedos, fria e cristalina. Estranha forma esta de se deixar levar.

*«Assim o mar ceifou muitos dos meus antepassados lançados na aventura esplendorosa de ver e possuir novos mundos. Deixavam-se eles ir nas correntes várias que chocalham na imensidão verde. Esta água que sinto entre meus dedos não é o mar galgando-me, é água correndo numa torneira, mas convenço-me da sua imensidão e eis-me numa casca de noz pelas correntes várias que o sonho me proporciona. A ânsia de alcançar o cabo do mundo e, de lá, lançar um olhar sobre tudo. Que bom é viver os caminhos marítimos redescobridores o sal e as baladas dos medos, a vista dos adamatores e as da ternura bebidas no corpo quente e são dum nativa de olhos feiticeiros! E, em tudo, o baile da casca de noz sobre as ondas revoltadas de alegria por tão altivo mancebo de olhos a brotarem de desejo! Um trago de aguardente junto da lamparina que mal se nota na proa, entre o denso nevoeiro, depois, o cachimbo fumegando na calmaria das águas sem ventos, sob um Sol escaldante, e a água potável a chegar ao fim. Oh, triste sina a minha! Por que me meti nestas andanças? Três dias sem ventos e com água racionada fazem-me*

*vermelho de fúria ante os deuses castigadores. Ergo os punhos numa ameaça velada. Oh, os deuses dão-se por vencidos pela minha audácia! A noz ginga de novo no assobiar dos ventos cada vez mais fortes, as velas içadas e o leme bem seguro, eis-me na rota com o pensamento no cabo do mundo; quereria de lá enviar uma mensagem de paz e de amor aos povos e uma praga aos insanos bélicos. Que disse eu?... Os ventos sopram de todos os lados e as ondas passam por cima de mim como se eu nada fosse. Ai, que esta bodega se vai partir ao meio! Encho-me de força contra as vagas de tudo com determinação; no olhar, o desejo prenhe da aventura de chegar ao fim, de viver o martírio provado pelos meus antepassados e, também, esses doces momentos (Terra à vista!), em que todas as dificuldades eram esquecidas pela proximidade dum corpo de mulher brava. Oh!, ninguém me faz voltar atrás!, nem a estupidez dos que andam a subornar o mar e os ventos, com a ajuda desses deuses vaporosos, para me derrubarem e me impedirem de dizer da odisseia marítima, de beber, nos versos do épico luso de olho à banda, o meu próprio olhar, sim, que tudo é uma história a cumprir-se cada vez mais para dentro da costa e eu tenho o direito de nela me assumir como parte integrante, de ser o guerreiro marujo apostado em não deixar afundar o império dos sentidos que me faz poesia. Ó ternas ondas que altas vos lançais!, vos entrego este corpo e esta noz sem me vender de todo aos teus designios vorazes... Já a madrugada canta o encoberto deixando-o na mitologia lusa para posterior utilização. Quem diria? As velas içadas e o leme buscando o rumo com a quilha a cortar as águas frias. Páginas tantas, um baquebaque no meu coração: «As Índias e os Brasis à tua mercê, ó meu!», diz uma nuvem passageira. Não, não escolho nada, que o que eu quero é chegar ao cabo do mundo. E deixo-me ir ao sabor das correntes contando as constelações na*



*mira dum desígnio divino. Chiça!, que raio fiz eu aos deuses para receber, de cada vez que os evoco, uma carga de água?! Algo anda mal nos reinos azul-celeste, os mesmos que não ajudaram os meus antepassados, infelizes marujos naufragados longe das costas, por desejarem uma vida melhor e o mundo conhecer. Chiça!, que tenho de me acautelar, não vá o mar traiçoeiro, subornado, envolver-me em funestas vagas com os ventos numa orgia de lentos assobios a traficarem-me a alma, essa coisa de que tantos falam mas que eu nunca vi ao fechar os olhos! Hum, eu tomo café para me manter a dormir e outros fazem-no para manterem os olhos abertos. Adiante. Vejo-me agora a remar vigorosamente porque tornou a calmaria aos mares; esqueci-me de ler, com atenção, tudo sobre estes pontos quentes na carta; remo semanas a fio percorrendo os mares numa volta ao mundo decalcada da rota desses lusos lisos e de heroicidade louca, e de novo os ventos a cantarem-me coisas lindas da terra que não avisto. Oh!, longe está o cabo do mundo! Até que ia eu pescando calmamente, à linha, depois de acabar com as bananas que trouxera do império, quando as ondas ensaiaram um baile espectacular compondo vários quadros. Chiça!, o que um homem passa para vir a dar consigo mesmo a muitas milhas do solo pátrio! Algumas ondas elaborando um quadro que me é muito caro: um olhar criança a emergir de entre as vagas bestiais clamando a justiça para a paz que tarda no reconhecer o embuste do encoberto, que alguém disse andar a vaguear sem rumo entre as brumas lusas. Sorrio. Oh!, longe está o cabo do mundo! O baile das ondas faz-me reconsiderar a posição inicial e resolvo voltar atrás, à costa pátria, depois de viver, cantando, esta glória marinheira. É que se me fez luz no pensamento. O cabo do mundo sou eu, mais o pensar que faço artilhar de muitas velas e lamparinas, armando-o dum império valioso, sempre que assim o*

*deseje. Ai, a vida não é nada sem a aventura de sermos a mãe dos nossos desejos!»*

— Eh!, passa-se alguma coisa, ó meu? — pergunta alguém, que fecha a torneira. A bacia transbordava.

Ele olha-o sem saber que dizer.

— Estou farto de ver malucos! — despede-se o intruso, voltando as costas a abanar a cabeça. — É, com certeza, dó tempo...

Ele levanta-se e abre, de novo, a torneira.

— Hum, o cabo do mundo sou eu! — solta. Olha a água a correr entre os dedos.

O campo das ilusões continua a abrir caminhos nas entranhas de João C., cada vez mais absorto em tudo. Deixa que as imagens do fantástico o tomem. Sente-se atraído para as formas leves a dissimularem conteúdos pesados. «Sempre fui assim. Porquê mudar?», pensa. Mudar é um conceito que lhe diz do progresso. Fazê-lo abdicar do curso deste ritmo é matá-lo. As ilusões são um fruto da vida feita das coisas que se completam no mais belo significado da existência: o amor. E um ser é uma coisa entre as coisas.

— O cabo do mundo sou eu! — exclama, com um sorriso, preparando a roupa para a meter na água.



### XIII

As águas a amainar no meio da manhã.

Ao entrar na cela de um companheiro das campanhas de apoio às candidaturas presidenciais de Otelo, sente-se bem. Ele aguarda julgamento por uma questão de cheques. Coisa leve.

É um tipo forte, baixo, os óculos sobressaindo no rosto quase oval. A simpatia é um traço vulgar nos gestos e nas falas deste homem inadaptado, por completo, à condição de preso.

— Isto dá cabo dum homem, ó João!

— Temos de aguentar...

— ... tu estiveste em condições piores...

— ... sim, vale de Judeus é um inferno de diabos concentrados na esperança de lançar fogo, a todo o momento, ao ser humano.

— Hum!

— Ali, a dignidade humana é uma história à margem do resto do mundo!

Saem para o recreio.

Ainda as águas, ameaçando em densas nuvens.

Caminham no «redondo», como minúsculos seres passeando na aba dum chapéu de coco. Vista de cima, a prisão é um autêntico chapéu. Ao centro, o fosso.

— Sabes... — diz João C., mãos nos bolsos. — Ain-

da não percebi muito bem a posição da Organização. Parece estar a querer que eu dê em «chibo»! Sem o querer, a minha reivindicação está a ser, tenho a certeza, a arma que uns estão a apontar a outros!

— Pois, essa de a Organização não pagar à advogada e seres tu a pagar o processo deixa muito a desejar! Mas o que me preocupa mais é o facto de não haver um assumir de posições políticas por todos os que estão presos...

— ... eh! Dir-se-ia que tudo é um sonho mau...

— ... e, no entanto, a prisão é uma realidade. Isto é muito duro! Eu acho que o Otelo se devia assumir politicamente...

Param no centro da placa.

Olham-se.

— Que te leva a dizer isso?

— Olha, ó João, ao que se sabe, as declarações dele no JIC deixam muito a desejar. Assim, eu acho que a posição que tomaste de defender em Tribunal a tua identidade política não é mais que estar, consciente, num processo!

— Sim? — Dá-lhe uma palmada nas costas. Ri-se. E voltam a andar. — Olha que muita gente deve estar em pulgas só por saber que o vou fazer! Afinal, até agora, esperei que a Organização me explicasse o porquê da entrega do Liz, e outros porquês! Mas nunca se dignaram os camaradas a abrir a boca. Que raio! Eu deixei em aberto todas as possibilidades de diálogo... O próprio Otelo nada disse sobre a carta que lhe enviei, há alguns meses. Esquecem que, à luz dum processo político, todos somos iguais e todos temos de procurar a melhor maneira de nos safarmos sem prejudicar a Organização... — Recusa um cigarro que ele lhe oferece estendendo o maço. Nada substitui o cachimbo nas ocasiões de reflexão. — E quando a Organização nos abandona? Que fazer? Uns optam por denunciar, eu



limito-me a afastar-me de tudo, ponho ponto final na minha carreira de político em armas, e assumo esse passado como uma etapa mais da aprendizagem no relacionamento humano. Por que não se assumem os outros? Por medo. Têm medo de dizer não, de dizer quem são! Medo da opinião pública, medo da família. Já se esqueceram de que pegaram em armas para levar por diante um projecto popular. Que caiu por culpa de todos. Eu assumo a derrota. E agora?

Os traços do rosto alteram-se. O companheiro começa a preocupar-se seriamente.

— É bom estar a conversar contigo, sabes. A única pessoa que me tem ajudado tem sido a advogada. E os meus pais, lá longe. Tenho discutido aquilo que é defensável com ela. Sabes, se todos se assumissem como presos políticos definidos, como suportes do Projecto Global, penso eu, não ela..., haveria a possibilidade de quase impor uma amnistia a curto prazo!

— É isso! Também pensei nisso.

— Ando cá a pensar que eles gostam é da prisão. Eles gostam é das grades! — remata com um sorriso.

Bocejando, o Sol rompe a mordaça das nuvens.

— Ah!...

Ouve-se um clamor de unanimidade por esta aparição dum amigo de sempre.

Encostam-se à parede, junto duma grade, a olhar os outros que vagueiam, solitários numa multidão de ânsias e de frustrações perfeitamente vincadas.

— 12 729?... Advogada! — chama um faxina.

Olha o companheiro.

— Venho já.

Como alguém perfeito conhecedor dos cantos da casa, ele avança para o fosso. Chapinha neste e naquele charco. Restos duma noite chuvosa. Águas paradas que reflectem a timidez do Sol.

Dezenas de visitantes amontoam-se, passando, aos

poucos, para a sala que lhes é destinada. Um som metálico e agudo, irritante vibração, enche, a espaços curtos e desordenados, o corredor de acesso à sala dos advogados. As mulheres estão a ser revistadas. Há guardas que passam por entre os advogados, em funções, entrando e saindo das sanitas situadas na sala.

Meia dúzia de mesas.

O som do aparelho, a irritar. Ao lado.

Ao entrar na sala, ele fecha a porta atrás de si. Veste calças de ganga e casaco de lã de pequenos quadradinhos, tipo escocês. Nunca leva o cachimbo para os encontros com ela. Detesta os fumos em espaços menores.

Ela está logo ali, à entrada. Fumando.

— Olá!

— Ora viva. Então, como vai?

— Bem, Doutora.

— Hum...

— Então, que novidades?

— Olhe, está toda a gente à querer mandar-lhe cartas de amor. Sim. Eu explico! — diz ao encarar o sorriso irónico dele, encostado à parede. O rosto apoiado no punho. — Como o documento que você escreveu aos presos nem aos advogados chegou, eu fui obrigada a dizer, na última reunião dos excelentíssimos, que você não abdica da sua posição política como preso ligado ao Projecto Global. Bom! Foi o delírio. Um disse-me que você era já «a segunda edição do Barradas, à procura do perdão» e, outra, que o melhor seria eu «abandonar o patrocínio da defesa». Ah, ah... Não acha incrível, isto? — Ele ri-se. Sente o absurdo das contradições. — Como posso eu abandonar o cliente quando tenho de apoiar, como técnica, e só como técnica!, o tipo de defesa que ele próprio tem de gizar?

— Estão a dar razão aos comentários do JIC!

— Pois. Quando lhes disse que «abdicar da defesa



dum preso político, por este querer defender esse estatuto reivindicando-se da Organização a que pertence, ao contrário de outros, é, no fundo, aceitar a tese do JIC e enveredar por uma defesa partidária». Silêncio. Tudo era de cortar à faca — (ela conta isto com emoção) —, tudo se quedou no silêncio. Para eles, agora, o problema está em saber se você está «a falar» ou se «vai falar». Mas estão convencidos de que o JIC tem andado a conversar consigo!

— Bastava-lhes ler o documento que enviei a todos para ficarem sossegados. A minha posição é clara, está lá! O que eles não aceitam, como parte da Organização, também, é o facto de eu não alinhar no demissionismo colectivo e exigir uma clarificação política, pública, de todos os responsáveis do Projecto Global! Eu não sou um escroque, sou um homem que pensa e que sabe onde está! E, adiante... — conclui com um gesto largo das mãos.

Ela acende outro cigarro.

Riem-se.

Agora, João C. sabe que ela não desconfia, mas que tem a certeza de haver um jogo em acção.

— Pode ter a certeza de que vou até ao fim... Terá todo o meu apoio técnico no Tribunal. Não tenho receio de formar a defesa de alguém que se assume com um passado, bom ou mau! — Os gestos num apoio eficaz, não apenas adorno, à voz. O fumo formando uma barreira entre os dois.

Ela sente-o.

E deste jogo quer mantê-la afastada até à proximidade do Tribunal.

«O afastamento dela é importante. Dele depende, também, a minha segurança, a minha integridade física. Não ser um caixão para a cova, por lapso meu. Sim. Haverá sempre alguém disposto a varrer-me com uma melodia de assobios em compasso de metralha. A ago-

nia pode levar à criação dos monstros, à insensibilidade política. Eu vou ser o alvo, a salvação das infelizes declarações de Otelo. Dos documentos que ele possuía em casa. Vou ser apontado como o culpado de tudo. O alvo fixo. O alvo... Hum, é certo que a minha segurança passa pelo afastamento dela.»

É um instante de reflexão.

— Está tão pensativo...

— Estou um pouco cansado. A humidade tem-me marcado o corpo todo.

— Tem de fazer exercícios!

— Vou recomeçar com o ioga e o *cross*.

— Bom, vou-me. Ah!, esquecia-me de lhe dizer que eles, os advogados, estão a pensar que eu o induzi «a falar»!

— Ah, ah, ah...

— Ah, ah... Isto está um pouco explosivo!

Vê-a levantar-se.

A apagar o cigarro no cinzeiro.

Quando, há algum tempo, escreveu um texto sobre o livro *Famintos*, de Luis Romano, editado por um amigo, nunca imaginou vir a ter como advogada uma cabo-verdiana. A irmã. Rose, é bem um nome de perfumes africanos.

— Até à próxima!

— Adeusinho! — Ela afasta-se.

À porta, uma pequena multidão de mulheres, mal alinhadas, para a revista que antecede as visitas.

O guarda abre o «gradão».

Desce ao fosso. Um barulho de muitas vozes em conversas é o som de fundo. Atravessa a ponte até ao Sector C e pára junto do companheiro, na porta.

No caminho, um guarda de Vale de Judeus cumprimenta-o e diz-lhe:

— O seu amigo foi «cortado» mas deixou um outro em estado grave, no hospital!



Uma notícia má.

O homem que dizem do comboio de Sintra sempre foi alguém com quem pôde disfrutar de momentos calmos.

A notícia deixa-o triste.

— Que é que está mal? — pergunta o companheiro, continuando: — Não pareces contente. Vamos beber um café?

— Não é má ideia!

À entrada do corredor das celas, na primeira, a cela do fiscal, funciona um bar. Café instantâneo. É um momento de paraíso para todos. Principalmente para aqueles que passaram por Vale de Judeus. Aqui, podem recriar a imaginação.

Bebem o café junto das grades do janelão.

— E novidades, João?

— Olha, sabes que o JIC foi falar com o «Dani», ao Porto, e fez a proposta que já havia feito a Otelo e a mim?

— Ai sim...?

— O que me espanta não é o facto em si, é sim a atitude dele, depois de estar afastado do processo!

— É um tipo ambicioso...

— ... um tipo destes, para atingir o pico da fama e garantir uma posição de «quero, posso e mando» é capaz de tudo! Olha-o agora, durante o julgamento do árabe da Al Fatah. Não tem nada a ver com aquilo, mas estava lá. E também a TV e a Rádio...! Sabes, todos os caminhos vão dar ao Poder. — Encosta-se às grades. — Mas é estranha a forma como ele vê, pelo menos foi assim que falou comigo!, a Justiça: um advogado que defende um político em armas é um técnico pago para defender o «terrorismo», isto é, o campo político e ideológico não lhe interessa. O que está em causa é o Poder e as suas estruturas. É um tipo sem moral. Se um patrão recebe dinheiros do Estado para viabili-

zação da unidade fabril e, em vez disso, os coloca no estrangeiro, isso não é «terrorismo». Ah, pois, é o jogo do Poder. Percebes a teoria? Concluindo, meu caro, acabámos todos a jogar com todos e contra todos... Esta minha experiência, mais a do tempo em que conheci a PIDE, ensinou-me, em definitivo, que a vida é uma selva...

— É um problema!... — interrompe o fiscal, voz grossa feita de cinquenta anos a matar o bicho. Um preso com um largo cadastro.

— ... e penso que, hoje, garantir o amor é um acto de extrema coragem! — remata.

Enfia os braços por entre as grades e aperta-as. Um abraçar de forças opostas.

— Bom, é a Justiça que temos! — desabafa o companheiro afastando-se para a cela.

Ele continua onde está.

Os braços apertando as grades.

As pesadas nuvens a assentar arraias contra a vontade de um Sol eufórico.

Um tempo abafado. A ameaça de trovoada. A população já estava desabituada das águas de Abril. Nos últimos anos, o tempo seco tem começado com a Primavera. Custa, uma nova habituação.

Tudo lhe é particularmente familiar.

*Parece ter vivido uma eternidade com este universo enredado onde os nós são uma simbiose de encontros vários, a morte sempre à espreita. Também ela eterna.*

*«Um político em armas é um ser que se basta, alguém cuja força interior é capaz duma estratégia de adaptação ao mais torpe obstáculo: a consciência da loucura ao dizer não à morte, através dum campo psicológico frio, cronometrado; e de viver a poesia dos momentos em que o guerreiro, o Outro, se faz à luta.»*

Fecha os olhos.



Apoia o rosto na barra de ferro devastado ao longo dos tempos.

Quantos, aqui, se curvaram em repouso?

As horas, lentas.

Na manhã do dia seguinte, levanta-se com a vontade de sempre. Sempre se levantou com a boa disposição. E depois, os exercícios.

— Eia, pá. Estás bem?

— Olá. Nem tudo corre de feição, mas aguento. Que remédio! — responde, enquanto fecha a porta da cela. E mira o companheiro.

Ele é um tipo de vinte anos, com um aspecto físico impressionante. Um atleta. Vê-o todos os dias correndo em torno do fosso.

Passa um pouco de água pelo rosto e pelo pescoço.

— Na tua manutenção diária?

— Sim, pá. Olha, prefiro o meu ioga e o desentorpecimento muscular a essas corridas sem controle que te vejo fazer, em volta do fosso! — atira, olhando-o por cima da toalha húmida e esburacada.

Ele senta-se na borda da cama. Cruza as pernas. Pega no isqueiro que está em cima da mesa móvel e discar a pedra: uma chama queima o charro.

— Ó meu, tu não sabes o que é bom, o que é um charro após uma corrida. Ah, um gajo fica cá com uma pedrada... e uma fome...

— És um louco!

— Yah, graças a Deus!

— Dizes que és incapaz de pegar numa arma mas, se ficasses sem mercadoria, ainda te veria aí de faca na mão... É isso. Só isso. Por que te enganas a ti próprio? — questiona-o João C. sentando-se na cadeira.

Ele absorve a droga.

Vive a longa e penosa espera do veredicto final dois meses depois de ter aniquilado a companheira.

É um corpo nervoso.

— Sabes, ó pá, não há nada que chegue ao supremo sonho. Sabes o que é o supremo sonho?... Isto! — exclama, mostrando-lhe o charro, que devora em longas puxaças. — Isto é mil... mil?... Não. Dez mil vezes, sim, dez mil, cem mil vezes melhor que uma foda. Verdade! É melhor fumar isto que aturar essas meninas púdicadas sempre a moer-nos a mona só porque passámos a noite com outras. Isto é melhor, dá-nos calma, leva-nos ao paraíso!

— Estou farto de falar com toxicómanos, e farto de ouvir as mesmas razões: todos fogem de alguma coisa. Tu és um deles! — remata.

Encosta o corpo nos ferros da cama e saboreia mais aquele «paraíso».

Os olhos vidrados.

«Será que me responde em consciência?», questiona-se João C.

Os olhos, verdes, a tomarem uma coloração estranha, como se ele estivesse a viver uma outra dimensão.

— Estou atento! Diz... — anuncia-lhe. A voz pesada, travada.

Está distante. Ele sente-o distante.

Encosta-se à parede húmida.

*Recorda aquele mês quente em que sentiu os olhos injectados de uma coisa nova.*

*O mês de Julho chegava ao fim, a irlandesa havia embarcado para Dublin. Iria ter com ela se nada houvesse de importante, se nada o impedisse. Havia sempre imprevistos. «Não te esqueças, se eu for preso, de arranjares um companheiro melhor», disse-lhe em jeito de recado. O mês ia quente. Muita era a gente em férias. A vila vivia pacatamente mais um dia, quando lá chegou. Era a preparação final de mais um trabalho político-operacional. «Este trabalho tem, para mim, um significado especial, vou fechar um ciclo pessoal, aqui. Vou acabar onde comecei», dizia para consigo enquan-*



to observava um rascunho onde desenhara os percursos alternativos para a fuga. Alguns companheiros ficaram intrigados com a sua teimosia relacionada com o bisar dessa operação de recuperação de fundos, e mais nada lhes despertou a atenção.

A equipa estava já formada. Depois de tomarem um pequeno-almoço na vila, todos se dirigiram, em dois carros, para o litoral. Minutos depois, junto do rio, o Ave, ele expunha as dificuldades técnicas da primeira vez em que aquele banco fora assaltado, e decidiram não utilizar uma equipa de segurança junto ao posto da Guarda Fiscal, uma vez que «... as modificações físicas do centro da vila impedem uma aproximação imediata de quaisquer ousados», como dissera, e outro ractificaria ao dizer «acho que tens razão e não há necessidade de uma equipa suplementar». Outro diria: «Tu conheces tudo aqui e tens tudo cronometrado, és tu que tens de dizer como é.» Foi assim que, de seguida, ele explicou o modo de funcionar dos trabalhadores do banco, onde estava a chave da «burra». Ficou com a missão de tratar dela enquanto a única mulher da equipa trataria das caixas. «Uma mulher numa operação é sempre um perigo, não porque seja inferior ao homem, mas porque ao cheirar o perigo se torna, por norma, histérica», observou para os seus botões enquanto a mirava. Estava farto de ver mulheres para quem a política não passava de um imenso leito de leituras anatómicas. Decidiram que um elemento ficaria à porta, outro seria o «volante» (com uma pistola-metralhadora) e um outro ficaria no carro com uma granada e outra p-m<sup>1</sup>. A função do «volante» consistia em coordenar a clientela e os entrados, impedir a saída fosse de quem fosse. Era uma equipa de cinco, ao seu gosto. Já tinha cronometrado os per-

<sup>1</sup> P-m: pistola-metralhadora. (N. do E.)

curso de fuga até aos carros de apoio. Os carros próprios. Faltava «fazer» um carro de quatro portas, de linhas normais, bom arranque; foi «feito» no dia seguinte, calmamente, com a introdução da «vassourinha» na porta e, depois, na ignição. Nenhum carro japonês ou inglês resiste à «vassourinha». O proprietário tomava banhos de Sol na praia, a poucos metros da operação. A mais difícil operação a que todo o político em armas se sujeita, por ser aquela que mais riscos comporta: a cara descoberta, o campo aberto, os alarmes em pleno dia. Só os mais calmos, frios, se sujeitam a esta prova.

Quinze minutos depois, era colocada uma nova matrícula no carro que viria a ser estacionado a um quilómetro do objectivo. Uma vez mais, tudo lhe corria de feição. Tudo ia bem. Os olhos brilhando. Todos o sabiam dissidente à espera da oportunidade para abalar, ninguém o imaginava já afastado de todo. E, muito menos, que preparara essa operação com esmerado cuidado. Muitos toques delicados que não foram detectados por uma razão: nunca se submeteu à rotina das operações. Os outros estavam bêbados dela. Não notaram nada. E já se decidira. Três dias depois, numa manhã de sol em que tudo se lhe deparava como um cerimonial luxuoso, ele apareceu aos outros. Tudo estava pronto. Ninguém do grupo suspeitava de que havia ali alguém fora do jogo, alguém que jogava a última cartada.

O carro operacional aproximava-se do objectivo. A cem metros, quatro abandonaram-no e seguiram a pé. O condutor colocava-o em posição de fuga a uns cinquenta metros. O João C. vestia umas calças de ganga com um casaco azul, pusera uma gravata, uns óculos de aros doirados. Ninguém diria que ali, dentro do fato, ia um assaltante. Os outros vestiam como gente vulgar. Nunca se incomodavam com o aspecto, fazendo-se notar por isso mesmo. Após a rotineira, mas cautelosa, aproximação ao objectivo, entraram. Dois a dois, com



um espaço de dez a vinte segundos. Tudo bem. A um sinal do «volante» enfiaram os «garruchos» do tipo passa-montanhas. João C. preferiu uma meia de vidro por causa dos olhos azuis. Ele dirigiu-se ao primeiro caixa exigindo: «Bring the key, please!»<sup>1</sup> Todos ficaram no ar. Todo o grupo. A rapariga ficou desnorreada. «Não percebo nada, porra!», dirigiu-se-lhe ela. Ele riu-se. O primeiro caixa chamou o gerente do banco e João C. dirigiu-lhe uma ameaça velada: «If you dont open this strong door, I shoot you!»<sup>2</sup>, enquanto acalmava os outros funcionários: «No move!», e chegava a pistola ao ouvido do gerente. A calma suficiente para introduzir a bala na câmara, o som mágico duma Firebird 9mm, menina de metal cantante. A determinação dum operacional é importante para evitar sangue. Um factor psicológico de peso.

O ambiente era morno entre os clientes. Dos funcionários, apenas o gerente tentava apanhar, dos operacionais, as linhas e os tiques. Tudo calmo. Ao ouvir a bala a entrar na câmara, o gerente abriu, lesto, a porta-forte. Depois de limpar a «burra», João C. esperou que a rapariga terminasse o trabalho de sacar a massa das caixas. Seria de aguardar mais um pouco. «Mais um tempinho e não tardam os reforços», pensava ele. Perto do banco estacionara uma carrinha transportadora de valores. No tempo exacto, alguém transportava para o interior um saco com mais uns milhões de escudos. Fora muito tempo de observação. Tudo batera certo. O «volante» encostou os dois seguranças à parede e intimidou o mais esperto: «Está quieto, se não queres que te cosa!» Ao passa o balcão, João C. olhou-o, o homem virou a cara, estava branco de medo. «Thanks for your attention

<sup>1</sup> «Traga a chave, por favor.» (N. do E.)

<sup>2</sup> «Se não abrir esta porta, abato-o.» (N. do E.)

and have a good day!»<sup>1</sup>, gritou ele à saída. O «volante» levava uma p-m à vista, ninguém a via. Ninguém vê nada em ocasiões tais. Tudo era um filme. E era a segunda vez. A fuga foi um passeio veloz até aos carros de apoio. Os que iam atrás acomodaram os dinheiros e as roupas usadas num saco. Tudo corria bem. Coisa limpa, tapete de luxo por onde o guerrilheiro dos olhos azuis deixava mais uma etapa da sua vida. No caminho, tirara a gravata. Sorria. Tinha razões para isso. Nunca tivera problemas em operações guisadas por si. Antes de se dirigir para o seu carro, despediu-se de todos com um «até ao dia vinte e um». Enquanto conduzia, por detrás dos óculos escuros, sentiu um brilho diferente nos olhos. Mas não se sentia a fugir de nada. Apenas a pôr os pontos nos ii quanto a um arrependimento sincero. Não estava apenas farto, estava arrependido de ter contribuído para o nascimento dum covil de chacais. Completara um ciclo pessoal. E era tudo. Sabia que a irlandesa não passava, então, duma miragem. Era já uma miragem lindíssima. A vida continuava. Não iria ter com ela. «Todos têm direito à vida, à aventura», pensava ele. Sentia os olhos vidrados, desbravando um novo caminho. Era o ponto final.

Sente o corpo frio. Desencosta-se da parede.

— Em que pensas?

— Bom...

— Não é a primeira vez! Diz-me: de que andas tu a fugir? — interroga-o, deitando fora o que resta do charro de haxe.

João C. levanta-se.

Ele já o apanhara a falar com os botões, deixando água correr, nos lavabos.

<sup>1</sup> «Obrigado pela vossa atenção e desejo-vos um bom dia.» (N. do E.)



Incomoda-o aquele brilho nos olhos dele.

— De que foge um tipo como tu?... — questiona-se ele. A mão apoiando o rosto.

— Apenas pago a estupidez de ter acreditado numa filosofia que não era uma filosofia, numa política que não era uma política — diz ao sentar-se de novo.

O outro levanta-se.

Forte e alto, faz-se notar pelo bigode farto, loiro.

— Queres um charro?

— Hem...! És um louco, pá!

— Ouve, eu não percebo nada de políticas. Se não andas a fugir de nada, que fazes aqui?! Eu fujo de um crime imbecil, estou quase bêbado, mas ainda aguento..., raios!, e tu? — Gesticula rematando com o indicador apontado ao companheiro. — E, já agora, que é isso dos chacais?

João C. cruza as pernas, mira a biqueira gasta dum sapatilha, encosta-se de novo à parede. Sem se incomodar com os flocos esbranquiçados do bolor.

Está com um ar de desencanto.

— ...Chiu. É bom que não percebas de políticas para que uns poucos se façam ídolos e te subam pelas costas, sem os veres...

— ... Raios!... — A expressão dele é um misto de do-lência e de espanto.

— Certo. Isso que tu acabaste de ouvir. Sabes, tudo é possível em política...

— ... Até as FP25!

— Já lá vou. Tens razão. Até as FP25!... E porquê? É que nem tudo o que é luzidio é ouro. É verdade. Fartei-me de ouvir lindos discursos no ante e no após-Abril, e sempre fugi deles. E, no entanto, meu caro, tu nunca chegarás a perceber o que foi o ante-Abril e muito menos o PREC! Deixei-me ir nessas ondas que, após Novembro, me absorveram o espírito ansioso da coisa nova. Não necessariamente o político novo. A política é

sempre igual, tudo difere na cultura que a suporta. E eu, que já tinha alguma experiência, esqueci-me de olhar para esse lado. Achei tudo muito bonito, que seria possível juntar a malta da Esquerda, e zás, rua fora com a bandeira da revolução urgente. Não vi, desde logo... ou não quis? Sim, eu não quis ver... o conjunto heterogéneo de oportunistas que estava por detrás dos lindos discursos. Sabes, organizar e pegar em armas nem sempre tem a ver com o «terrorismo», pois ele há o direito inalienável de o Povo se libertar da opressão. Percorri ruas e bécos organizando e armando, sempre na esperança de ver o Povo a correr para um novo tipo de vida, um Estado novo. E que é que eu via desfilar ante mim? Ó meu..., era sempre a mesma meia dúzia de badamecos que, antes de mais, iam gozando os proveitos financeiros dos assaltos a bancos, impondo regras mafiosas como «eu tenho armas, dinheiro, você obedece ou eu corto-lhe a mesada, 'tá bem...», e não deixavam de o dizer enquanto se alimentavam do bom e do melhor. Exageravam. Exageraram! Chegava a ser deprimente o absurdo do apoliticismo a que tudo chegara. Chegara? Não... Penso que tudo aquilo era fruto duma vivência antiga. Haviam sido habituados a ver comer, a serem mandados. Quando se apanharam com a liberdade de acção, transformaram-se em agentes da libertinagem, em nome do Povo. Formaram um covil.

— Estou a ver!

— O covil dos chacais. Eu sempre gostei de vestir bem, de comer bem. Tive sempre os meus rendimentos extra-Organização, para além da mesada que recebia, como todos. Bom, acho que estás a começar a perceber... E sempre que algum mais ousado se aproximava, perigosamente, do covil, olha, só não o despedaçavam se não pudessem. Sabes, não fazas era cara de esquisito, cara de quem não percebe nada. Embora eu compreenda que estás longe de tudo isto, não te é difi-



*Se os anarco-sindicalistas e os comunistas tinham os Sovietes como imagem de marca, a pequena-burguesia urbana, aliada aos anarquistas, buscava em Rosa Luxemburgo o traço político onde Che Guevara já bebera. E é na acção internacionalista deste último que começa a ruptura dos intelectuais ainda ligados ao ortodoxismo soviético; estava lançada, nos princípios dos anos 70, a linha de orientação para o futuro político em armas.*

*Uma Organização político-militar e popular pressupõe uma base de apoio político e, por que não?, logístico, de âmbito internacional, e assim nasceu o espírito internacionalista na Oposição portuguesa, antes habitando a estreita margem soviética que, obviamente, lhe impunha a sua doutrina oportunista e cega. Os comunistas deixavam assim de interessar aos políticos em armas, por não se inserirem politicamente neste campo da luta, isto é, aos comunistas apenas interessa(va) o Poder e, com ele, a destruição da liberdade individual; ora a pequena-burguesia urbana, massa instruída e desejosa de viver a liberdade de facto, nunca cairia na ratoeira soviética, agarrando-se à fé nessa liberdade sem ditadores. É o que sucede após o golpe militar de 1974, o acto que veio retardar (impedir, melhor dizendo) a queda definitiva do edifício salazarista. Por isto, o espectro do regime continuou. A força psicológica que fez muitos políticos em armas, antes desta data histórica, voltava a manifestar-se. Principalmente entre os sobreviventes (aqueles que não se empantufaram) da época de 1969 a 1974. Tudo voltava ao ponto zero.*

*As campanhas festivas dum capitão d'Abri!l, Otelu, suscitaram um regresso em força dos protagonistas da guerrilha urbana do período caetanista, e o romantismo revolucionário renascia nas mentes perturbadas pela sociedade de consumo. Era o ponto zero. A possibilidade dum ditadura voltava aos espíritos das gentes da*

*Esquerda Libertária. Os liberais capitalistas mais não eram que lobos esfaimados do Poder. O grande Capital administra(va), os militares a obedecer, o Povo a apertar o cinto cada vez mais. Que fazer? Que fazer ante o demissionismo dos comunistas e a apatia popular? O grande Capital ordenara já as primeiras prisões dos membros da última Organização político-militar do tempo caetanista. Que fazer? A angústia percorria o pensamento dos revolucionários. O sonho dum República liberal e virada para o progresso social parecia ameaçado. Os sindicatos, meras correias de transmissão dos fervores partidários, deixa(va)m o Proletariado sem defesas ante um patronato sequioso da exploração desenfreada e estúpida. O regime autogestionário, que poderia implementar o Poder Popular na Europa do Sul, parecia uma miragem. Cada vez mais uma miragem.*

*1979, ano zero.*

*Gentes vindas de várias franjas político-ideológicas, com predominância para os ortodoxos leninistas, e uma corrente de luxemburguistas, discutem o lançamento dum Organização político-militar do tipo novo. Definindo-se, no todo, como uma área de políticos em armas, desejosos do Poder Popular através da criação dum Exército Revolucionário a implementar (segundo uma militarização, progressiva, dos trabalhadores), esta massa não tinha por objectivo, de imediato, o Estado.*

*Depois da época caetanista, esta Organização do tipo novo (várias componentes estanques e alinhadas num Projecto Global) veio ao encontro das minhas necessidades psicológicas. Era a defesa da República, a que pertenceu, que estava em causa. Como eu, muitos. E, também, os oportunistas e os sequiosos do Poder e os marginais feitos políticos por engano. Ao adoptar a posição firme de político em armas com uma meta per-*



cil perceber. Imagina que saís da prisão, andas fugido, ou estás revoltado contra o sistema; imagina que alguém te contacta para uma Organização revolucionária. Tu vais. Que perdes? Nada. Com tal cadastro social passarias a ser um «bem-vindo» com acesso ao covil, um homem de mão. Só terias de ser um «revolucionário» a assaltar bancos para a «revolução», em nome do Povo. Desgraçados dos jovens que caíram nesse covil! Alguns estão presos, não sabem como tudo aconteceu. Outros «morreram pelo Povo». Quando os chacais se degladiarem nada restará, apenas um amontoado de gentes chorosas atrás das grades... Acho que percebeste!

— ...Hum. Estou a ouvir... E tu?

— Eu, como vês, não fujo de nada!

— Hum? — Ele senta-se na borda da cama olhando-o, curioso.

Parecem dois bêbados, à procura duma luz.

— Estás enganado. Eu não fujo de nada. Vou apenas passando e parando no tempo, de vez em quando, para me esclarecer melhor. Quando entrei para as FP, fi-lo em consciência política, esperando fazer algo de bom para este país em que acredito. Sempre tive necessidade de acreditar no campo pátrio para me sentir bem na política. E imagina no que me fui eu meter: numa rua sem saída povoada de gentes famintas do Poder! E eu não posso pensar que tudo isso foi um sonho mau, porque tenho de abrir a porta duma cela, duma masmorra, todos os dias!

— Nunca me cheirou bem, isso das FP! — Ele abana a cabeça.

— Pois.

— Coitada dessa malta nova!

— Não são inocentes, de todo...

— Ó meu, vai um charro?

Ele levanta-se, e começa a preparar o charro.

— Que diz a tua advogada?

— Oh, que há-de ela dizer? Este processo, para ela, é mais um instrumento judicial. Só a minha reivindicação o torna político. Foi o que lhe disse ainda ontem, quando cá esteve.

Olha para João C. com interesse. Acaricia o bigode. Os gestos muito lentos.

— Mas ela vem cá muitas vezes?!

— Sim, as necessárias.

— A instrução já acabou. Ou não?

— Sim, já acabou.

— Hum... — Sorri, olhando a foto duma artista se-minua sobre um carro desportivo.

— Que estás a insinuar?

— Nada. Não é nada, ó meu!

Estão ambos sentados na borda da cama.

— Vai um charro?

Não lhe respondeu.

Sente-se farto das perguntas, mas agrada-lhe manter o fio da conversa. Percebeu que ele queria levá-lo para a habitual discussão da mulher-objecto, das meninas-mais-que-bem. E não estava interessado no estupefaciente. Se começasse viria a acabar como ele. Já o percebeu.

Ninguém percebeu ainda como o «puto» tem aguentado as corridas, tal é a quantidade de haxe e de heroína que consome. Todos esperam ver aquele corpo forte a rebentar, a cair por terra. Já alguém lhe disse: «Ninguém vence a heroína.» Mas, em vez de o fazer recuar no índice de consumo, fê-lo continuar. No dia em que chegou ao «chapéu» puseram-no no fosso. «Pedrou-se» durante a noite e acordou em roupa interior. Os ratos haviam-lhe rondado o império apetecido. Boa roupa, bons sapatos. Um tipo fixe. Até droga oferecera. Alimentou bem os ratos. E continuou. Talvez por isso, nunca foi parar ao «manco». Seria o desastre. Um dia



João C. disse-lhe: «Se fores parar ao 'manco', ó meu, é o teu fim. Suicidas-te.» Ambos sabiam isso. Ambos recusam essa realidade. Até porque toda a gente gosta de o ver por ali.

— Meu, pla última vez, vai uma de fumo?

Olham-se.

Lado a lado.

— Deixa-me dizer-te uma coisa. — continuou ele, os dedos acomodando melhor a mortalha. — Já me disseste que o assalto a um banco, o êxito, depende muito da frieza da acção e, sobretudo, do tempo cronometrado. Nunca mais de dois minutos e meio pra não dar asas à bófia. Pois bem, ouve cá, eu pra fumar um charro tive de aprender; é preciso estudar uma táctica, sei lá... tirar o azimute, apalpar o tempo. Puxa-se sete vezes, a fundo, tudo cronometrado, meu. Na sétima, se se souber, a «pedra»!

— Yah...

— Ah, ah, ah... É verdade... quando eu entrei disseste-me... deixa-me ver... que... pois, que nem tudo te estava a correr de feição. Estás assim tão só?

— Nada de especial. Ela, a advogada, deixou-me algumas pistas sobre o processo. Há muita coisa mal. Muita coisa comprometedora.

— Ah, a bófia não dorme!

Ele acende o charro.

— Yah!

— Tu levas dois minutos e picos para arrecadares uma fortuna, davam-te uma mesada, e a bófia toda uma vida em cima de ti. Olha... hum, estou a ficar cansado, meu... Onde ia eu? Ah, e que ganhaste com essa brilhante carreira de político em armas, como dizes? Foste ao cu da política, levaram-te ao fim da rua e não gostaste da visão. He... sitaste, tornaste-te num chagal porreiro. Ó meu, como é que um gajo como tu, que faz um poema lindo para a mãe, se deixou enrabar assim

por esses merdas? Sabes o que penso do Otelo? Sabes? Com um charro tinha-os posto lá todos no Campo Pequeno, e pronto. Nem havia hoje isso das FP25 nem tu estavas aqui, no «chapéu»! Agora aguenta-te à cana. E tens a sorte de ter uma advogada que até te traz tabaco. Vês?... Lá por teres ido ao cu da política és... és... raios!... és um gajo como outro qualquer. Eu é que sei que és fixe e vejo as di...feren...ças! Ah, dois minutos e picos... Ah, ah, ahhh... eu prefiro contar sete puxaças!

Deixa-se cair na cama. Estende-se.

— Pois é, o cu da política...

— Yah! — solta ele fechando os olhos enquanto vai puxando a quarta.

Deixam-se estar.

Durante mais de uma hora não falam.

Sentem a presença um do outro. Quanto basta.

A manhã a passar, chuvosa.

Na lassidão dos corpos, duas vidas completando-se na angústia dum tempo aprisionado.

João C. não percebe como pôde ele matar a companheira, apesar da droga ou do álcool, e ele não deixa de manifestar a alegria de ver «a bófia atrás das FP como nos filmes». Para ele, tudo é um filme programado. Não dá resposta às preocupações de João C. porque nem ele percebe «como podem essas coisas acontecer». Mas acontecem. Apesar da sonolência e da fome que ora o atormenta, ele continua a interrogar-se acerca do companheiro de prisão, há algo que ainda não percebeu.

— Oi... — solta, apoiando-se nos cotovelos.

— Ainda não morreste?!

— Não sejas mau, pá. Olha... Ui!... Boa «pedrada». Diz-me uma coisa: que é que te ia perguntar...

— Não vou aturar-te, hem!

— Só uma coisa...

— Duas.

— O teu arrependimento em relação às FP não tem



nada a ver com a prisão mas, como direi..., mas com a tua vivência das coisas da política que te levaram até lá. Antes de seres preso já estavas de fora. Então, ó pá, por que raio é que não falas com o juiz e dás o piro?

— Quero ir a Tribunal!

— És um animal orgulhoso... — comenta a rir-se. E deixa cair a cabeça na almofada.

— Sim, eu mesmo. Bom, vou dar uma volta pelo corredor. Daqui a pouco chamam-nos para o almoço. Vá, levanta-te!

— Continua a chover?

— Yah...

Ele ergue-se a custo. Estica-se todo nas pontas dos pés. É um poço de força.

— Sabes que tenho um tio padre? Dizia-me ele que sempre foi anti-Salazar, que «em política é preciso ter a noção exacta do tempo de saída». Acho que o teu tempo está na hora exacta. Aproveita-o!

— Hum.

— É dele, desse tempo, que tu andas a fugir. Estás a ver? Com toda esta con... con... merda!... esta conversa cheguei ao teu grande problema, à tua fuga. Eu vou continuar a fugir toda a vida mas tu, meu velho, nada te liga aos chacais, a frase é tua!, nada te liga a isso. Ainda tens muito a percorrer. Dá o piro. És melhor na Cultura!... O orgulho de... de nada te valerá. O melhor é veres a vida longe desta merda. Gostas demasiado da Pátria, voltas daqui a uns anos. Eu não sei nada da vida, não chego aos teus calcanhares, só tenho um canudo da universidade. Ai... ó meu, não te percas a defender algo que não apoias. Deixa de fugir, vive! — remata, apertando os lábios, o punho cerrado. — Até ma... ma... mais logo!

— Certo.

A chuva cai, mansa, para lá das grades. É uma Primavera um tanto triste. A passada voando baixo.

Poisando aqui e ali para debicar numa bola de pão, daquelas que os presos fazem amassando o pão nas palmas das mãos para atirarem uns aos outros. Ficam sempre um pouco por todo o lado, as bolas. A água a desfazê-las.

Já tinha escutado coisas duras. No entanto, naquele momento, João C. sentara-se na cadeira enquanto o via sair. Entrelaçou as mãos. Um pouco abatido. Pela primeira vez alguém lhe dizia a verdade que há muito encontrara. E como era duro ouvi-la na boca de outro, como era duro ver um quadro já representado ser inventariado, minuciosamente, nos gestos de outro. Ele sentiu, ao escutá-lo, algo de si a ser transferido.

Miragem esfumada como um bater de asas perfeitamente sincronizado nesse tempo que é o da sobrevivência.

O «puto» não sentia verdadeiramente o que dissera, mas algo lhe dizia que pusera o dedo na ferida, em algo de importância vital para o companheiro.

Saíra da cela com um ar triunfal.

Ao cruzar as pernas, João C. tomava, ou começava a tomar, o peso da responsabilidade dessa verdade que o fez pôr a nu o Projecto Global. Fora um combate terível, íntimo; a dura prova dum homem confrontado ainda com alguns fantasmas criadores da ilusão da amizade para lá das fronteiras do absurdo.

Alguém bate com força o batente da porta da entrada do sector e grita: «Tacho!»

Ele levanta-se, fecha a cela e sai.



#### XIV

«É, meu amigo, é para pensar. Pensa em ti. Os teus amigos cá estarão à tua espera. Meditei nesta carta. Mando-a, não a mando. Por fim, a consciência disse para ta enviar», lê João C. as linhas dactilografadas de um amigo de longa data. A leitura fá-lo recordar o que lhe escrevera: «Sinto-me um horror, vilmente traído. Lá estarei no Tribunal... só, mas eu! Como é que eu acreditei nesta malta é coisa para pensar até ao fim da minha vida.»

Mete a carta no envelope e junta-o aos outros.

Sente a falta dos amigos com quem desenvolvia trabalhos de Cultura. Mesmo assim, eram contactos esporádicos. E «que bom era estar com a malta, a viver os poucos recursos da nossa acção, a aventura social em cada novo acto, a incompreensão dos amorfos ante a nossa força de vontade».

Está sentado na borda da cama.

*Não esquece a pachorra habitual das gentes evoluindo no esquema urbano atravessado pelo bucólico duma junta de bois puxando um carro de rodas enormes, calçadas pelo ferro temperado na forja da aldeia. Uma forma de viver buscada no prazer de ver crescer a cidade sem que esta perca as tradições que a fazem pólo turístico. Intrínseco valor este que nunca abandonou*

*os mais agarrados à terra e, mesmo entre os que arribam aos grandes centros urbanos, poucos são aqueles que não são tomados pela nostalgia desse valor. O Minho é assim, uma porção de terra pela qual se dá tudo para a ver sempre na mesma, o que dificulta a evolução urbanística e a descentralização dos poderes. Se um rasgo de futurismo se eleva entre a pachorra da gente, logo é abafado pelas forças tidas como vivas, mas crimosamente conservadoras, capazes de se mexerem no pó que as sustenta para gritarem os males do futurismo, envenenando os jovens numa catequese atrofadora. É este insano charme que bloqueia grande parte da sociedade minhota: neste espectro se encontra a chave psicológica que faz accionar os mecanismos humanos do emigrante, sempre a investir na terra apesar dos coices que o Estado lhe dá, através dos impostos, fontes alimentadoras do ostracismo político e económico. Aqui se vê que os conservadores não têm tipo marcado, eles são um toque de classe no Portugal de sempre. Difícil o medrar da terra quando as coisas são assim e os ditadores foram substituídos por pequenos comilões ávidos de tudo, cuja imponência ganham nas urnas eleitorais face à estupidez das gentes ignorantes e afeitas às ordens do cura e dos licenciados, a quem prestam vassalagem de chapéus nas mãos e foguetes estoirando para além das torres dos templos. Porquê fugir desta pachorra? Um Povo é como é e só muda quando apenas a luz indirecta lhe oculta os medos, e se vê encostado à parede fria duma realidade social, os filhos pedindo de comer. A imbecilidade deixa rugas profundas no tecido humano que se confunde pela cacimba com a nesga, aqui e acolá, deixada em aberto. Pontas dum iceberg de niilismo, uma vez que o amorfo estar destas gentes nem a ordem estabelecida aproveita. Ocupar o tempo duma forma criadora?, é coisa que, para além das vindimas, não é matéria constituída que se*



possa conjugar com o espírito barroco destas gentes. Viver tudo isto era, para João C., um aprender diário das vicissitudes duma geração diferente.

*«Que bom é viver a província!»*

Levanta-se. Pega numa maçã, das que a mãe lhe enviou anteontem, pelo correio.

Introvertido, habituou-se a assimilar um orgulho que o empurra, por vezes, para situações caricatas. O bizarro é uma ordem de coisas que se alojou na maneira de ser deste jovem.

*«Se não estou a viver na província, é por culpa minha. Fui preso porque me deixei ficar depois de abandonar tudo. A culpa do presente é sempre nossa. Ao descobrir que o meu trabalho de político em armas estava a servir interesses de Poder, e ao arrependerm-me de ter dado a mão e a consciência a uma estratégia espraçada até um certo populismo (que cego eu fui!), esqueci-me de olhar para mim. Não é necessário olhar para nós? Lá porque sou orgulhoso, quem não o é ante o que faz? Preocupe-me sempre em demasia com os outros. Nunca recusei o meu apoio a ninguém. Agora, a província que tanto amo está longe. Muito longe de mim.»*

Está encostado à divisória de cimento, entre o lavatório e as camas.

Olha o caroço da maçã.

E as paredes, bolorentas.

*«A vida é o bizarro. Nada há de mais belo que, entre o sangue e a miséria e a grandeza opressiva do ditador, cantar a alegria dum olhar criança carregado de lágrimas.»*

Pega na revista dos cineclubes e lê algumas coisas da Sétima Arte que se faz em Portugal. E a morte de Truffaut. Um mar de angústias e de esforços inglórios que tão bem conhece da sua actividade de militante cultural.

Não consegue ler mais.

Na mente, a carta do amigo das horas de glória da Cultura. As «semanas» de Cinema e da BD. Puxa pelo envelope. «... não sejas herói. Mas também não sejas mártir. Outros estarão num gozo tremendo», lê. Não é coisa em que não tenha pensado antes e depois da prisão.

Conforta-o saber que os amigos não se vão embora como os ventos esporádicos em tempo ameno.



XV

*E agora?*

*Um tempo de mudança no horizonte.*

*Quando um ser é chamado a declarar-se ante a sociedade, fá-lo, habitualmente, tomando a arte própria como padrão. A hipocrisia leva alguns a dizer que não, que o Eu não integra essa parte de nós, o Outro, a dizer-se.*

*João C. sempre se viu confrontado com esta questão. Ao investir todo o Eu na luta política e social e cultural, ele não deixou margens para Outro se manifestar. Era o que ele pensava.*

*Hoje, não se sente tão seguro disso.*

*Cada vez mais se vê enredado numa dualidade de pareceres. De um lado, o bizarro e o naïfe. De outro lado, o poeta em luta abraçado a um querer ideológico. Em todos os campos, contudo, a anarquia consciente dum homem para quem os valores do solo pátrio têm grande significado. Sempre que a velha e linda Barcelos lhe vem ao pensamento, todo ele é ternura sorvendo a magia fascinante do encontro. Um homem que sabe ter abraços amigos por todo o lado e, no entanto, um homem só. A viver a amargura do mau tempo e a alegria do cântico envolvente dos pareceres em luta: o nervo da aventura, a solidão e a maresia das paixões, a fa-*

*bricar nele o robot e o sensível. Em cada campo, um poder concentrado.*

*O extremo, nas suas posições, é o vector dum pensamento vincado desde sempre pela oposição às meias-tintas, ao doce olhar o tempo esperando o milagre do trabalho dos outros. Assumir uma posição é assumir a vida, é rumar pelo descobrimento da razão, tanta vez por sinuosos caminhos alcatifados de inúmeros obstáculos. E porque estes obstáculos existem, ele não se deixa vergar pelo cómodo estar.*

*É um homem de acção.*

*E quem diria ser este homem o mesmo das actividades infantis em pacatas manifestações culturais?*

*Quando foi preso, ninguém acreditou.*

*Começou, aí, a duvidar de si próprio. «Quem estão a prender? O guerrilheiro ou o animador cultural? O perigoso homem armado ou o tímido das passeatas entre os néons das noites urbanas?», pergunta-se, desde então.*

*Ambos os campos servem o interesse dos justiceiros do Estado burguês. Neles, João C. impunha-se como um radical, não admitindo a dúvida acerca do seu trabalho Anticapital. As armas fazem parte dum estádio de acção avançado que ele soube jogar, confrontando-se, ele próprio, com a Cultura. Para o Estado burguês, ele é um homem perigoso, assume a dignidade da luta que originava nos campos perfeitamente definidos.*

*«E por que sou um homem só quando defendo a ideia revolucionada da partilha dos bens?», esta questão coloca-a ele desde sempre.*

*Olha a teia da aranha.*

*Brilha, junto do casquilho da lâmpada.*

*Sorri.*

*— A tua estratégia, minha querida, é admirável. Levas tempos a dominar os nós da teia, sobrevives, e dás de trombas com a plenitude da arte de representar*



a vida. Hum, todos nós representámos. Nós, os bichos! — Poisa o cachimbo sobre o cobertor e aproxima-se mais da teia. A aranha, imperturbável. — Por que é que nunca me deu para representar neste palco horrível? Em vez de ajudar, e de oferecer os meus préstimos a todo o momento, podia entrar numa de egoísmo. Se os outros têm problemas, pronto, que os resolvam! Mas, sabes... minha querida, não me sentiria bem a recusar o meu apoio quando tenho possibilidade de dar a mão. Até aqui, na prisão! Quantos já ajudei a sair da lama? Eu sei que há dois tipos de João C. em mim. Bom. Sei e não sei. Sabes como é... na verdade, nunca soube bem qual o guerrilheiro e qual o cultural. Mas sei, isso sim, que uns são apenas homens em armas sem se importarem com a identidade cultural! Oh, bichos perigosos capazes de tudo para provarem sangue. Eu não. O sangue é demasiado caro a todos nós, para o desperdiçarmos. E tu? — Levanta um dedo e toca na teia.

A aranha faz um movimento brusco, em defesa.

Os fios colados ao dedo.

Estes monólogos com a aranha, ou com os olhos postos numa ponta das grades do janelão, são um escape à solidão, mantêm-no vivo.

A maior parte do tempo percorre os cantos da cela. Anteontem, ao reler uma entrevista concedida por membros das FP25 a um jornal, não resistiu a entrar no diálogo... «Pergunta de onde nos vem a legitimidade para praticarmos em nome dos trabalhadores e, em resposta, o meu companheiro disse-lhe que dos próprios trabalhadores, que até hoje não a condenaram. Agora, deixe-me dizer-lhe isto: há um certo cunho complementar nas acções das FP em relação ao eixo da marcha operária e, embora saibamos que somos poucos e isolados, também sabemos que os trabalhadores não condenam nem apoiam essas acções. O que eles querem,

quanto a mim, é folclore político. É isto que tem de ser dito e que pousos se atrevem a dizer. O Povo português habituou-se durante anos e anos a curvar-se ao trabalho dos outros, sem abrir a boca. Agora, que o pode fazer, fá-lo para se sentir bem e sempre longe das possibilidades do confronto. Nesta geração não haverá revolução de massas! Eis por que as FP25 surgem, surgiriam (se tivesse havido desvios de orientação política), como uma franja política aglutinadora dos interesses das classes mais desfavorecidas. A complementaridade a que me referi já existiu. Hoje, apesar das acções de propaganda contra pontos da NATO e dos EUA, tudo não passa de fogo de vista para a comunicação social. Esta entrevista, sabe, é um jogo que visa colocar a sigla nos «picos» da audiência. Ainda não tinha dado por isso, pois não? Você vai ser o instrumento principal do jogo, vai ser a máscara de uma coisa que já não existe sob estatuto político. Perdeu-o quando contactou consigo!...» Riu-se, ao finalizar a tirada. Nunca havia pensado que os militaristas teriam de se socorrer dos jornais para saírem da miséria ideológica em que chafurda(va)m. «Não são ninguém, os militaristas», considera constantemente. Os cantos da cela, as grades do janelão que o digam.

A aranha assustada?

Dois bichos disputam o tempo. Sim, é o tempo da vida que está em disputa.

Ela já se habituou aos monólogos. Já lhe conhece os tiques, salta na teia na alegria de lhe reconhecer o bafo à distância. As patas amolando-se na unha do dedo.

Não, a aranha não está assustada.

Senta-se na borda da cama. Liga o tijolo cantante. Um ruído parasita dificulta a audição. Desliga-o. Talvez sejam as pilhas gastas.



— ... Entre! — exclama ao ouvir bater, nós dos dedos, na porta.

É o companheiro da farta cabeleira loira. O dos estupefacientes. Da namorada bonita. Está recomposto dos males que causou a si próprio. É outro.

— Eia, pá. Tu desculpa esta intromissão!

— Diz.

— Estive a falar com um gajo que está aqui à espera de julgamento, e veio de Vale de Judeus. Ele diz que tu és contra a greve da fome. Porquê? Não é a única arma que temos, aqui dentro?

Oferece-lhe a cadeira.

Ele senta-se, cruzando as pernas, e faz um charro colocando um pouco de tabaco de cachimbo na mortalha.

— A condição humana é assim, sabes..., a ideia fluindo em cada um. Em todos os capazes de se dizerem sem quaisquer medos. — Fala pausadamente, mastiga. — Para ti, e outros, a greve da fome é um acto heroico. De resistência. Para mim, é uma merda! Não faças essa cara de anjinho!

— Explica-te, sim.

— E adiante. Um ser só deve pôr a vida em risco, consciente, quando sabe que se pode salvar. Eu respeito a vida, a minha e a dos outros. Matei duas vezes, logo após o 25 de Abril. Era gente que não respeitou a minha integridade, denunciando-me à PIDE. Um dia, virás a saber, e daí não sei, que em política não há piedade! Continuando... Quem é que, nas prisões, faz greve da fome? Os marginais cadastrados e os políticos. Não é verdade? Pois é. Bom, os primeiros, com canas até vinte anos e mais, sabem que não perdem nada com isso; os segundos entram neste tipo de luta quando já não pensam e a sua força já não é política. É assim. Olha, o Bobby Sands e os outros irlandeses ofereceram-se em sacrifício político à morte. Para quê? Será que o

IRA ganhou? Os ingleses cederam? Não. As batalhas ganham-se com gente viva! A greve da fome só a aceito entre religiosos sequiosos do outro mundo. Aí, sim. Olha a malta da FUP: fizeram greves dizendo que iam sempre até ao fim, e aí estão bem vivos. A greve da fome é uma farsa. E, como te disse já, a vida ganha-se com a vida!

— Aqui, estamos isolados.

— O que eu dizia, em Vale de Judeus, era isto: querem fazer alguma coisa para melhorar as condições de prisão!? Está bem. Organizemos motins, de forma a que tenham repercussões exteriores com comunicados de imprensa a todo o momento. Ah... meu caro, os cadastrados o que querem é ser os «bacanos», cada um quer ser o chefe da matilha. E os políticos que entram em greves da fome são aqueles que já perderam a noção da luta, gentes incapazes de assumir essa violência enquanto cidadãos livres! É verdade. Na prisão, toda a gente quer ter um quinhão do Poder.

— Pois...

— ... deixa-me dizer-te outra coisa: se um dia te meteres numa greve da fome, vai até ao fim. Não te deixes trair!

— Eh, pá, acho que tens razão.

— Muitos há que defendem as greves da fome até às últimas consequências e, no entanto, o Estado dá-lhes um rebufado, pronto, encontram sempre razões para partirem o raio da luta pelo meio!

— Hum, estou a perceber.

— Vamos beber um café?

— Ótimo.

Saem para o corredor.

João C. mostra-se saturado. Teve violentas discussões sobre este tipo de luta, afirmando-se, sempre, contrário. Dos plenários de operacionais ao PDEC, opôs-se sempre àquilo que considera «a possível perda dum



elemento precioso para a luta». O seu horror a tudo isto começou quando teve conhecimento pormenorizado da história de Ghandi, dos seus jejuns políticos. «Não foram os jejuns políticos que modificaram a Índia, foram a fome e a miséria dos povos sob o colonialismo britânico. O pacifismo não faz de nenhum Povo ganhador de guerras», disse ele ao «Anarquinho» num intervalo do PDEC. Encontrou nos defensores da greve da fome a estupidez personificada, o toque apolítico por detrás do verniz ideológico. Aceitou agora discutir o assunto porque tinha na frente um homem com a idade daquele jovem, que a PIDE queria ver nesse tipo de luta. Olhando o companheiro, ele não desejaria vê-lo a fazer figura de parvo. Nunca se solidarizou à morte na mente de ninguém.

Bebem o café, calmamente.

— Sabes, acho que percebi o que disseste!

— Sim?...

— Obrigado pelo café! Até logo.

— Até logo!

Regressa à cela.

Há dois dias que está sem par. Sente-se bem assim, isolado.

Ele e a amiga.

Olha-a.

É uma situação espectacular esta a que se dá totalmente. Viver o convívio dos bichos. Ficou furioso quando o homossexual esmagou, com a vassoura, uma outra amiga enredada por cima do lavatório. Enquanto jogavam às damas, pôs-lhe o problema. Nunca mais se entenderam. Zarpou. Agora está só. Com ela. Goza o espectáculo da vida em mais esta dimensão.

Apetece-lhe perguntar: «E tu, não fazes greve da fome?», mas guarda a interrogação.

*Aproxima o rosto da teia. Aquele micromundo fascina-o. Encontra nele semelhanças extraordinárias*

*com o humano. A sobrevivência é comum. «Como te pintaria mestre Caçola? ... Se calhar, a brincar com uma boneca ou à frente dum mistério rodeada de pequenos seres sem importância!», comenta, olhando-a. O valor que atribui a todo o mundo animal não é diferente do valor com que costuma mimosear a sua espécie. «Sou um animal com um tempo de vida limitado. Sobrevivo, e preocupo-me.» É um homem para quem o quotidiano deve ser uma festa e uma luta. Tudo o que encontra nos lentos ziguezagues da aranha.*

*Há bichos que se não confrontam com os ritmos da mudança. Para eles, o Outro não é uma ameaça, nem uma companhia. Não há duplicidade. Um bicho é um bicho.*

A aranha move-se. Na sua estratégia implacável e continuada.

Ele olha-a com um sorriso nos lábios. Não a vê, o pensamento em busca de outros campos, um outro horizonte.

— E agora!? — grita, esticando o corpo.



XVI

Vinte e quatro de Abril de 1985.

Alguns militantes da Esquerda Revolucionária preparam-se para uma vigília defronte do Forte de Caxias.

O estratega do golpe militar que derrubou o fascismo está numa cela visível do exterior. Onze anos depois.

Fosso de Monsanto, cinco minutos para as vinte e quatro horas. Um preso político, escreve

*línguas  
de fogo, num insano  
momento  
de nós*

*quem está aí?*

*o ranger das portas  
antes cerradas,  
os ratos numa fuga  
a sós*

*quem está aí?*

*perfumes adormecidos  
provam, na madrugada fria,  
um cáldo beijo  
de nós*

os olhos nos gatafunhos que já não vê.

No pi-pi de quartzo, são zero horas do dia vinte e cinco de Abril. Onze anos depois.

Forte de Caxias, Otelo responde aos sinais dos manifestantes em vigília.

É uma noite diferente.

*Olhar para trás, com o pensamento esquecido das injustiças de hoje, não é o propósito de João C., que, há onze anos, emergia na madrugada fria como uma bandeira do novo. Sabia que muito estava já modificado pelo golpe iniciado, muita coisa iria modificar Portugal, mas, quando nessa madrugada saiu de casa, silencioso, sabia também que o regime capitalista não morria. Sente-o, agora, na carne. Sim. Na carne. Que o pensamento é difícil de aprisionar.*

Monsanto, três horas da manhã.

*Todo o ser marcado por uma data importante a vive elevando-a ao terraço do narciso. Esse espelho de sempre, e de todos, capaz de bloquear a acção.*

*Os monólogos de João C. são parte integrante desse Outro que o domina nestes momentos. Contudo, esse Outro ainda não conseguiu quebrar as barreiras defensivas que lhe protegem o centro das decisões. João C. não pertence aos vencidos da vida, o clube dos recém-chegados ao apoliticismo, essa corja mais papista que o papa.*

«Recordar é bom, mas não sobrevivo com isso...»

Chega lume ao tabaco, puxa. Um pequeno braseiro na caldeira do cachimbo.

Lá fora, estoiram foguetes um pouco por todo o Portugal. Vive-se a alegria do inconsciente. A festa do escape. O mal menor a alimentar o equilíbrio entre as



feitamente definida criei, em torno de mim, inimigos ferozes. Só hoje o sei.

1979, ano zero... para mim!

Três anos depois, eu próprio verificava que ninguém estava interessado na criação do Exército Revolucionário. Estavam interessados em sobreviver politicamente. As suas necessidades psicológicas eram outras. Para eles, a política não é(ra) um acto cultural, acima de tudo. Não se diferencia(va)m, em nada, dos ortodoxos leninistas que sustentam a miopia dum Partido Comunista: o Poder a todo o custo. Trabalhei sempre pela minha liberdade e, com esta acção, a de um todo, impedindo-me de usufruir das benesses materiais deste tipo de luta política. Ao olhar para trás, verifico que havia(mos) criado um covil de chacais. Hoje, sei-o, tudo é possível em política. Tudo. Como estas gentes que, ora, ante uma dificuldade maior, são incapazes de se assumir politicamente, de se lançar nas chamas da fogueira introspectiva faz, de facto, um político em armas.

Dos anarco-sindicalistas aos guerrilheiros urbanos de hoje, quão difíceis a luta política e a relação humana se tornaram!

Quando nos deixámos levar por uma corrente, que se pensa da mudança, emprestámos-lhe o nosso todo, procurando, assim, viver a aventura da coisa nova. Foi o que aconteceu comigo. Isto é coisa que pode acontecer a qualquer, aos mais e aos menos ingénuos. A todos.

Ao regressar, em 1979, a esse estádio do político em armas, eu levantava a bandeira da instabilidade socio-política que percorria toda a Esquerda, sem me deixar aliciar pelos ultras; estes, homens e mulheres incapazes de uma flexibilidade social a permitir um diálogo político entre as várias facções da Esquerda, levaram-me ao isolamento quase permanente. Percorri a Organização — o Projecto Global das Componentes Legal e Clan-

destina — num passeio voluntário, ávido, também eu, dessa aventura do novo que me tomava o espírito. Muitos anos depois. E já então os chacais me faziam vacilar ante as punhaladas que o espírito revolucionário, e cívico, da Organização ia sofrendo de um modo sub-reptício. Havia sintomas, sim, mas eu tinha de viver, de provar o fel da situação para poder contar a mim próprio o como e o porquê do descalabro. Esperando, sempre, que os outros aclarassem as suas posições, me dissessem por que estavam nesta difícil arte da oposição ao grande Capital... E nunca lhes ouvi as razões de fundo. Nem a mais importante das reuniões do Projecto Global, em 1984, culminando todo um processo de discussão em curso (PDEC), me deixou alternativas.

Eles não defendiam nada. Apenas a sobrevivência. Apercebi-me, então, do verdadeiro combate que me esperava: defender o espírito revolucionário do todo, combater os chacais. Mas havia gente boa. Gente que sabia não interessar já, ao país, este tipo de Organização. Que tudo teria de ser repensado. O Povo está(va) demasiado distanciado da aventura política dum oposição em armas. E essa gente estava dominada pelo medo de ser considerada traidora ao projecto. Alguns não tinham alternativa de sobrevivência, isto é, acabado o jogo político, restava-lhes a marginalidade das noites. A questão da traição nunca me incomodou, foi coisa que nunca me criou fantasmas. «Um ser só é corpo inteiro quando em consciência», esta uma máxima que me acompanha desde o primeiro dia em que eu premi o gatilho dum arma de fogo. Bom... tal gente ia ficando, traindo-se. A pior coisa que pode acontecer a um humano é precisamente isto, ver-se a apodrecer nas mãos de outros!... E, como consequência, entregavam-se às mãos dos possuidores do Poder, neste caso os possuidores das armas dirigindo a Organização.

Esta gente (no fundo, gente boa) a que me refiro, vi-



castas. Toda a gente a fugir das chamas do confronto necessário. Os foguetes no ar.

São quatro horas da manhã.

As costas nos ferros da cama.

«..., e a verdade é que a luta de hoje é bem mais difícil que a de ontem. É mais fria. Mais desapojada. O regime já não é um baralho de meia dúzia de famílias e alguns polícias torcionários, com uma tropa a viver do fundo perdido. O insulto ao Povo é mais dilatado. Ele não dá por isso enquanto a fome não lhe matar os filhos! Por isso, não vê nem apoia aqueles que lutam pela liberdade. Sim, tudo é mais difícil. Mais frio. A hipocrisia do Poder é a verdade com que vivem os incautos e os chulos dos aparelhos partidários. Chuta... é mais digna a luta com as armas na mão!... Com a madrugada de Abril veio tudo, até os que eram agentes da PIDE são democráticos cidadãos a inserir, provavelmente, no Serviço de Informações. Chuta... opiniões de Estado! Os recursos financeiros, paga-os o Povo...»

Ajeita-se na cama. Os olhos fechados.

Puxa. O braseiro reaviva-se no cachimbo.

«..., há um saco azul em todos os regimes. Os lobos esfaimados não o largam. É uma civilização de mercado bruto esta, a do Ocidente. Os saudosistas regem-na com a mestria dos velhos tempos, a ponta da espada fazendo-os cavaleiros em defesa da Ordem estabelecida. A luta é difícil para aqueles que se lhes opõem. Antes de Abril, todos sabiam qual o objectivo, hoje..., os mercadores são largas faixas que, sem ética definida, se diluem num conclave de interesse único: continuar o Capital. Tudo se tornou mais difícil. A revolução de massas já não é possível, apenas o golpe de força resulta. É que o Povo está perfeitamente identificado com a Burguesia, serve-lhe de laçao em amplas estruturas sindicais, sem se aperceber de que o consumismo lhe vai amordaçando os filhos. É o regresso à feira medie-

val numa forma estilizada. Tudo é frio. Como fria é a luta continuada entre tantos obstáculos levantados!»

Cinco horas da manhã. 25 de Abril de 1985.

Um preso político poisa o cachimbo, bebe um gole de água mineral pelo gargalo de uma garrafa de plástico, e deixa-se ir em vale de lençóis.

É uma noite diferente.



## XVII

*Na solidão que se alimenta constrói-se um mundo muito próprio. Caminhar sempre só é dar-se aos outros e às causas em que se acredita sem olhar, muito sério, para dentro do umbigo. Acorda-se, por vezes, com um golpe tremendo.*

*Um dia, ao entrar numa pastelaria próxima da casa dos pais, João C. ouviu, dentro duma habitual lhaneza do dono, o seguinte: «O seu avô, de Barcelos, morreu!» Ficou incapaz de raciocinar. Pela primeira vez, um vulcão intenso a agitar-se do lado de dentro do umbigo. «Como podem morrer as pessoas que amamos?», foi a única questão que conseguiu pôr a si mesmo. Estivera com ele, pouco antes, a viver numa aldeia carregada de intenso nevão como há muito se não via no Norte. Ele, o avô, não se recordava de nada parecido. Foi a última Primavera a despontar após uns dias de alegria carnavalesca. Apesar das labaredas que lhe queimavam as entranhas, controlava a emoção à flor da pele. Nem ao funeral esteve presente. Sempre odiou a hipocrisia dos farrapos negros. «O luto é um sentimento, não é moda!», justificou-se para a irmã mais nova. Andou durante muito tempo desvairado, sem atinar com nada de aproveitável. Apenas a imagem do avô a olhar o vale coberto por um manto branco. Ficou mais só. Incapaz de conceber uma vida melhor sem as gentes que lhe po-*

*voaram a meninice. Deu consigo, por várias vezes, a falar com os botões num diálogo de absurdos pareceres sobre a utilidade da vida. Nem as rajadas de metralhadora, que sentiu assobiar tão perto de si, lhe provocaram uma reflexão tão íntima! «A vida / É a espera lenta da morte», escreveu num poema intitulado Eternidade e que viria a publicar numa pequena colectânea para amigos. Tudo se modificou para pior. Fechou-se ainda mais, impondo uma barreira ao exterior. Apenas um elo: a irlandesa. De resto, João C. continuou a desprezar o umbigo, dando-se facilmente à vida com os outros. Mas como conseguia ele aquela solidão entre os outros? Todos o viam só, todos lhe respeitavam essa concepção de vida. E ninguém compreendia. E ele? Estaria certo? Desde aquele dia em que lhe anunciaram a morte do avô, a vida pareceu-lhe um absurdo. Na sua solidão, a certeza de que a morte vai ter de lutar muito contra a alegria ainda residente. É um paradoxo de que sempre se deu conta. É um fio da vida difícil de quebrar. Porque a solidão é um acto consciente de reflexão.*

*A vida entre a população prisional veio fortalecer o seu parecer sobre o absurdo das coisas.*

*Nem sempre a vida é um erro. Para evitar que assim seja, é preciso um ser imbuído do espírito combativo, capaz de dizer olá ao Sol, sem preconceitos; capaz do amor.*

Batem na porta da cela.

— Abra! — exclama.

— Desculpa. Gostava de falar contigo sobre algumas coisas que andam cá na mona.

É o da farta cabeleira loira, indeciso e curioso.

— Ufa, agora não me largas?!

— Ah...

— Está bem. Ora diz lá ao que vens...

— Tu achas possível que as FP25 façam alguma coisa para mudar esta merda?



João C., deitado ainda, senta-se na cama. Começava a sonhar com algo. Já não se recorda. Estica os braços.

— Eia, pá. Espera aí! Que horas são?

— Dez.

— Hum?... Bom. Chiça, é cada pergunta!

— Anda lá...

— Tem calma. E senta-te aí! E nada de fumos a esta hora... — diz para o companheiro, que se ajeita na cadeira e guarda o tabaco que tirara do bolso. — Se as FP25... Tu és doido, pá. Mas tu ainda não viste que as FP25 são uma Organização pequena e que funciona na base duma meta a atingir isto é, funcionava... Essa meta chamava-se Exército Revolucionário...

— ...Ah!, vi uns autocolantes!

— Hum. Adiante. Como vês, até autocolantes havia! E voltemos à vaca fria. As FP25 eram uma Organização em estado embrionário e se não avançou para um estágio seguinte, que era a militarização em grande escala, e cívica, foi porque cometeu muitos erros. Alguns deles custaram a vida a militantes. Sabes um dos piores erros que surge na guerrilha urbana é colocar armas nas mãos de gente sem o mínimo de cultura e para quem isso funciona como um emprego de muitas regalias. Encontrei alguma desta gente no meu passeio de político em armas através das FP25. É bom que saibas uma coisa: quando se diz Anticapital tem de se caminhar por aí. É o que eu faço. Acontece que há quem se diga Anticapital vivendo, de olhos vendados, tudo quanto o Capital lhe põe nas mãos. Uma coisa é o assumir a moderna tecnologia, outra é transportar para a luta política revolucionária a situação do humano emparedado entre a miséria moral e a ânsia do Poder! Isto aconteceu nesta Organização. Não foi isto que a fez cair mas ajudou. Óbvio que esses eram poucos. Um ninho de víboras começa assim... encostam-se à instrumentalização burocrática dos poderes, exibem as ar-

mas e transformam-se nos senhores da Organização. É a política paralela, a mafia. Entre 1980 e 84, foi a ascensão, o mito e a queda das FP25. O adeus ao lindo propósito do Exército Revolucionário!

Sai da cama. Começa a executar alguns exercícios de aquecimento para os abdominais.

— Então, agora, é tudo *bluff*?

O jovem não quer acreditar no que ouve. Não compreende como pode uma coisa tão conhecida acabar assim.

— Tu... o dizes! — exclama João C. no meio dos exercícios.

— Então, achas que nada pára esta merda?

Saltita em bicos de pé.

Olha-o.

— Bom, não me parece que a revolução de massas seja possível. Pelo menos, nesta geração. A de Abril. Olhando para ti, não acredito que a tua seja capaz! — diz, pondo-lhe uma mão no ombro. — Não, não acredito.

— Que merda!

— Olha, esta merda de que falas só existe porque toda a gente se dá com a situação. Os que têm medo de levantar a mão contra ela refugiam-se na audição dos telegramas e nos estupefacientes. Estão sempre à espera dos outros. Eu nunca esperei por ninguém, fui sempre eu mesmo na busca da minha liberdade. A única coisa que até hoje encontrei de bom, em Otelo, foi o facto de ele ter sido o único oficial do MFA a tirar as mãos dos bolsos e ir para a frente, quando todos se recolhiam. É que, quando buscamos a nossa liberdade, estamos a lutar por um todo!

Recomeça a saltitar.

— Yah, vais explicar-me uma coisa. Tenho estado a observar-te...

— ...já tinha notado isso...



— ... é que vejo-te sempre só, sempre metido contigo! Como é que um gajo como tu, ó Engenheiro, sendo tão introvertido, consegue conciliar-se com o guerrilheiro e com o homem sempre em diálogo com os outros?

Olha-o de novo.

Pára os exercícios.

— Se calhar, sabes, há um Outro, ou vários Outros em mim. Apesar de ser um gajo metido para dentro de mim, nunca deixei de olhar em meu redor. A solidão é-me necessária para uma reflexão cuidada. Um político em armas não pode descuidar-se com a situação social do país. Ora, eu sou um homem do Povo. Acontece, apenas, que não acredito que esse Povo seja capaz de sair à rua, lutando. A luta que encetei, vai para quinze anos, é a minha luta pela dignidade humana consubstanciada na liberdade de cada um. Isto pode levar um gajo a cair no narcisismo, no entanto, se na solidão necessária buscarmos formas de relacionamento entre Eu os os Outros, olha, acontece o que vês em mim: um farapo que ainda pensa! E dá a mão.

— Gostava de ter essa força!

— Todos temos uma força.

— Sim?

— Alguns não a sabem utilizar. É isso!

— Sabes, não sei ainda como me meti na droga e no homossexualismo. Não sei o que me deu!

— Sabes, sabes... tiveste medo da vida! — Não faças essa cara de anjinho! Sabes muito bem ao que me refiro. Ela não está grávida? Ouve, pensas que foges à vida? Não. Ninguém lhe foge. Hum... e ela é uma mulher de coragem. Entre vós, há mais um. Agora, terão de lutar por ele. Meu caro, é a lei da sobrevivência animal. Quem pensas tu que és?! — remata apontando-lhe o indicador.

— Olha, só agora começo a viver a vida!

— É triste apreendê-la entre as grades!

— A vida é um romance...

— Isso é o que tu dizes. Mas não estás certo! É que a vida não é o romance que sonhas. O teu problema é não lutares pela tua liberdade. Quando assumimos uma luta, estamos a encetar uma paixão, por vezes violenta. Deixa as FP25 em paz, e olha para ti. Ainda não viste que chegas tarde?

João C. recomeça os exercícios. Aquecimento do topo à base num ritmo cadenciado.

O jovem de farta cabeleira loira senta-se na borda da cama. Faz um esforço enorme para não acender um cigarro. Observa o companheiro aplicado na manutenção física. Não se reconhece naquele tipo de homem. Nunca lhe passou pela cabeça que a vida fosse um osso tão duro de roer, e a política, a merda que vê. Tinha um emprego seguro e uma mesada compensadora. E, mais que isso, uma companheira disposta a tudo. Não fora o companheiro, teimoso, a fazê-lo ver o lado miserável da marginalidade inconsciente, e tê-la-ia perdido. Sente-se no dever de o ajudar, agora. Já pressentiu que ele vai recusar quaisquer ajudas, violentamente. Um homem capaz de tudo para ajudar os outros sem a procura da troca. Vê-o, muitas vezes, a tomar notas. «Escreverá um livro?» Está decidido a não lhe perguntar nada sobre isso. Sente que ele ficaria ofendido. É demasiado metido com ele mesmo, e nunca o viu meter-se na vida dos outros. «Como é que um gajo assim está preso?», pergunta-se por vezes. Mas é a verdade. Fala com ele e é junto dele que tem resolvido parte dos problemas que o afligem. Sobre a mesa, junto à máquina, está uma folha dactilografada. Pega nela e lê: «Sonhos, meu menino, sonhos.» Poisa-a no mesmo sítio.

Terminados os abdominais, João C. pergunta:

— Que estavas a ler?

— Desculpa, hem! Foi curiosidade minha.



— Hum... Que estivesse a ler? — volta a perguntar, enquanto saltita rem bicos de pé.

— As palavras dum pastor.

— Ah, o velho pastor de Barcelos!

— Quem era? Isto não é uma ficção? — Olha-o com maior curiosidade. — É um livro?

Ele respira fundo, um exercício vulgar.

Está todo suado.

— A vida, meu caro, é uma ficção. Esse velho esteve na guerra civil espanhola e, com ele, aprendi a relacionar as coisas da política. As filosofias em jogo. Enfim... todo ele era uma enciclopédia.

— Que queria ele dizer com essa de «sonhos, meu menino, sonhos»?...

— Ao contrário daquilo que tu estás a pensar, é uma frase que não se aplica a ti. És um amorfo para a dinâmica que ela encerra! Foi uma frase que ele me atirou logo após a minha primeira reunião clandestina, junto do rio Cávado, perto da azenha. Esse sonho é a luta que encetei pela minha liberdade. E continuo.

— Percebo.

— Que é que tu percebes?

— Isso. A tua luta. Fazes-me ter inveja dessa força.

— Tudo menos apodrecer entre os animais. Não quero ser comido vivo! — acaba ele com uma gargalhada.

— Isto é, de facto, uma ficção!

Riem-se. — Vive. Agarra a vida, meu caro amigo! No lavatório, deixa correr a água fria. Vai refrescar o corpo suado.

Depois da ginástica, é sempre um tipo bem disposto. Alguém a gozar o prazer dum corpo calmo.

— Bom. Até logo, pá! — despede-se o companheiro.

— Até logo!

Sai da cela a abanar a cabeça com os olhos no cor-

po nu, atlético, de João C. Para ele, todo o João C. é um conjunto bizarro.

A água corre, no lavatório.

*«Quando esfrego o corpo com a água e o sabonete, sou Eu ou o Outro?... Ah, ah, ah... Raio de vida esta que me faz boiar em tanta ambiguidade! Hum..., de uma coisa estou certo, o Eu é cada vez mais a unidade da minha solidão», murmura. A espuma do sabonete um pouco por toda o corpo.*

*Caminhar sempre só parece ser o destino deste homem farto de esperar. Ele acha que merecia melhor sorte. O seu inconformismo ante tudo ainda não o satisfaz.*

Ele continua sem perceber o silêncio de Otelo face à carta que lhe enviou. Sabe que ele, aquele que chamou «a hora dos vampiros» à acção da PJ contra ele e o Projecto Global, está numa encruzilhada. Otelo está emparedado com os seus fantasmas, recusando-se a olhar em redor numa retrospectiva serena da sua passagem pelo PDEC e pelo JIC. De nada lhe serve a posição absurda e demagógica de que as FP25 não são a ECA, a defesa que subscreve com os outros. Esforços inúteis, de quem já sente a serpente no ovo, projectando movimentos nervosos. O mal-estar instala-se entre todos os presos do processo: com o «demissionismo» político estão a cavar um fosso demasiado fundo que os vai deixando numa solidão angustiante. Não se apercebem de que estão a ser manobrados por uma sub-reptícia força interior — a inconsciência. Têm, em Otelo, a imagem do todo triste em que um homem, e uma mulher, se podem transformar, por culpa própria. A serpente já mexe. Os inimigos não perdoam os erros que tornam frágil o pesado gatinhar da guerrilha. Isto percebeu João C. a tempo e horas. Quis fazer ver esta verdade cruel durante o encontro do PDEC. Riram-se.



E resolveu esperar que a consciência lhes ditasse um sinal de perigo. Eram políticos demasiado agarrados às armas, demasiado desideologizados. Caricatos. Até onde pode ir um guerrilheiro urbano? Qual a meta? Para uns, o Poder. Outros, nem por isso; preferem caminhar calmamente entre os avanços e os recuos do Povo. Outros ainda, poucos!, continuam uma luta pessoal, dura, até lhe provarem a amargura das cinzas. Entre estes últimos, está João C., a prová-la num cálice de íntimos desejos. Já não olha para trás. Há muitas cinzas pairando no tempo. Embora farto de esperar pelos outros, continua. De Otelo, já não espera nada. Pressente que esse companheiro desta jornada política caiu na armadilha que ele próprio urdiu: uma morte dolorosa, lenta. O ovo a partir-se, a serpente a nu, a iniciar a procura das vítimas inconscientes do perigo. No seu caminhar solitário e decidido, João C. vai tecendo a defesa contra o ataque possível da sub-reptícia vontade do mal. Respeita o silêncio dos outros, mas não está disposto a ser assustado pelas próprias sombras iluminadas no veneno do réptil. Ele tem pela frente um destino duro, mais duro que o passado, ao qual não quer voltar as costas. A alegria da luta domina-o pela aventura de ser ele próprio. A dinâmica da sobrevivência.

Quando entregou, ao inspector da PJ, o documento em que demonstrava o relacionamento dos nós de contacto entre as várias componentes do Projecto Global, ele sabia estar a fugir à ambiguidade. Já estava de fora. Se os outros o queriam encurralar, vilipendiando-o enquanto membro assumido das FP25, tinha chegado a altura de fechar a porta que mantivera aberta para um diálogo com todos. Um diálogo recusado. Porquê esperar? A única coisa que estranhou foi o facto de não ter sido invadido por um sentimento de culpa. A leveza com que tudo se passou, a frieza dos contactos, deixou-o como se nada tivesse acontecido nesse dia. Ofi-

cialmente, o Projecto Global acabava aí, depois da dolorosa agonia que se seguiu ao PDEC. Por culpa dos revolucionários, e só deles, o Capital via-se livre da possibilidade do levantamento dum oposição em armas, o que era levado muito a sério por alguns dos mentores.

*É um espírito calmo.*

*Devassado de tempos a tempos por ondas de ideias famintas do exterior, da luz. Mas raramente as deixa passar.*

*Sob a calma exterior, um mundo recalcado à espera de melhor sorte. Ele, João C., não deixa de ser um homem magoado, perfeito conhecedor das suas culpas: um corpo que vibra em cada choque. A cada nova experiência.*

*Os olhos na claridade.*

*Braços cruzados por entre as grades do janelão.*

*O barulho ensurdecedor dum jacto que passa, baixo, com destino à pista.*

*Ele não o ouve.*

*«... ai, a vida passa-me por entre os dedos, tão entrelaçada como as grades da masmorra. É preciso usar de toda a manha para lhe evitar a dureza, contornar os perigos. Até onde me vai levar este fado? O passeio pelas FP seria um retorno às origens políticas, hum... só eu sei o que me custou esta aventura! Ninguém mais me vai encorajar para situações de isolamento. O Povo que lute!, eu abro o meu caminho. Por que não hão-de os outros fazer o mesmo? Chiça. Agora o Povo não tem o direito de me pedir sacrifícios quando ele não mexe uma palha. Ufa. Traído pelo Povo, traído pelos companheiros envergonhados (agora) daquilo a que deram origem, não tenho o direito de me sacrificar mais. Estraguei tudo, estraguei amores, enquanto outros viviam na fartura da generosidade de tipos como eu. Depois disto, que mais me reserva a vida? É certo que só eu posso moldar o destino da minha caminhada em direc-*



ção à morte. Hum... Por duas vezes amarrotado em masmorras políticas, em tempos difíceis e diferentes, o melhor que tenho a fazer é descansar. Um ser não pode esperar uma vida inteira por aqueles que, afinal, fazem tudo por emperrar o progresso das ideias em evolução: no fundo, eles esperam, não uma vida diferente, mas o comodismo material da sociedade que dizem combater! Por que lutam as pessoas pelo Poder? Para essa fome de tudo, não há filosofias que definam diferenças animais. É a lei da selva. É fácil apercebermo-nos disto depois de algumas experiências. E as que eu vivi, e vivo, são daquelas em que só não se apreende o sentido das coisas, naturais e forçadas, se não se quiser! A verdade é uma coisa cruel. Coisa demasiado dura e que nos habitua a conviver com a angústia dos erros, a beber...»

Agarra as barras de ferro, com força. Os raios do Sol a projectar o quadro nos ladrilhos do corredor. Imenso corredor, desgastado por tantos espíritos em busca das origens.

«... as cinzas dum tempo perdido!»

Está para além dos espaços marcados pelos calendários e os relógios. Um homem no presente, dividido pelo passado e o futuro. Um espírito sitiado. Uma nova Primavera a desenhar-se na ambiguidade dos espaços que o Inverno demarcou, as veredas possíveis dum reencontro necessário. A fúria do abraço, lábios apertados, as barras ferrugentas num grito metálico e opressivo. Na ferocidade do embate social, o dilema da vitória. A prisão é sempre a escrava da Ordem cujas castas se degladiam, deixando fendas nos nós do Poder por onde o oprimido, quando consciente delas, se escapa. Esquece-se tudo. A obsessão da fuga é um quadro enorme onde tudo cabe, um quadro no horizonte próximo: um grande vale de lágrimas onde, perdida, navega a tábua de salvação recolhida entre as ondas que lhe amortecem o toque nos rochedos da negra paciência. Ainda

a fuga pela maresia do desencanto que o Inverno deixou. Quantos o conseguem? Que desastres proporcionou já a vertigem deste abismo? São, certamente, questões que o futuro não deixa de explicar aos mortais. Esse mesmo futuro que renasce na esperança primaveril do abraço entre a coisa da opressão e o homem, um combate de gigantes. É a Primavera a cantar num coração reencontrado no reconhecer das veredas iluminadas nas palmas das mãos, a raça pulsante dum combatente. As mãos apertadas nas barras, um espírito sitiado a libertar-se. A história dum homem a cumprir-se para além dos espaços visíveis.

No canto superior direito do janelão gradeado, uma aranha negra. Enorme. Começando a tecer o seu espaço.

Ele abandona o olhar à contemplação desse movimento.

A aranha tem um membro pendente, como que a querer soltar-se do resto do corpo. Mas não a impede de armadilhar o seu espaço. Vai lenta, sombra negra construindo um refúgio movediço.

O olhar fixo naquele membro.

A contemplação a metamorfosear-se.

«Só há uma maneira de mudar a tática que move alguns camaradas e, creio, posso demonstrá-lo», dizia ele, numa reunião da DIMA. Algures, à beira-mar. Todos os dirigentes operacionais se conheciam, não havia «garruchos» cobrindo rostos. Uma casa modernamente mobilada, com espaços reduzidos, havia sido alugada para a reunião. «É melhor explicares, tintim por tintim, essa tua nova maneira de ver uma operação», pediu um camarada. Bebendo vodca com sumo de laranja, uma das bebidas preferidas, João C. pôs mais um cubo de gelo antes de responder. Eram nove os elementos presentes. «Nós estamos metidos num movimento político que congrega várias tendências, todas elas discutindo



coisas do particular mas nunca se debruçando sobre a questão fundamental, aquilo que faz a guerrilha urbana... a articulação entre a tática e a estratégia. Isto é, as operações militar e diplomática têm, falando do nosso caso, de contribuir para a criação do Exército Revolucionário. Ora, se a existência de tendências é uma coisa boa — nenhum conjunto está na posse da verdade absoluta — elas, por outro lado, prestam um mau serviço ao Projecto Global quando se mostram incapazes de abordar a temática 'polimil' em toda a sua dimensão: são incapazes de perceber que a não existência da cobertura política, aquando duma acção militar, torna esta uma acção oca. A melhor maneira de mostrar a toda a gente como esta articulação é possível é estudar uma acção 'polimil' que sirva de exemplo. Encontrar um objectivo qualificado, especializar a 'info' e elaborar uma acção no terreno. Eu posso contribuir para isso. Vão ver que não é preciso matar ninguém para se atingir a margem social e a identidade adequada a uma guerrilha urbana serena, experimental. Vamos colocar a OPM a trabalhar uma 'info'. Um grupo operacional vai, por sua vez, buscar a esse trabalho os pontos essenciais de apoio, a fim de melhorar as condições da logística. Isto é, o terreno militar é preparado pela propaganda da Componente Legal, que vai proporcionar focos de apoio entre os trabalhadores que vivem o anseio de verem o patrão encostado à parede, amedrontado. É a primeira fase. Entretanto, já eu tenho (eu, incorporado nesse grupo operacional) um trabalho de prospecção organizado. Ao fim de algum tempo, eu reúno-me com o responsável local da OPM para fazer o ponto da situação. Achada a sincronização político-militar e social e económica, é chegado o tempo de os 'polimil' se colocarem no terreno, coordenando todas as 'infos' já devidamente tratadas. Depois do acerto político que irá determinar o tipo de reivindicação da acção, é feito o croqui definiti-

vo da acção militar, com as várias probabilidades de fuga e a cronometragem das mesmas. Escolhe-se a mais rápida e o tipo de armas a utilizar. É certo que se a montagem de tudo isto demora meses, a operação vai demorar escassos segundos. Estamos numa fase difícil de organização. Não podemos mexer no Estado, mas podemos começar a pôr o Capital a 'mancar'. A pensar no Povo. E, depois, é preciso auscultar seriamente a posição dos trabalhadores. Uma rajada para as pernas, ou dois tiros, é suficiente para pôr o industrial a pensar naquilo que fez e sustenta.» Todos compreenderam a intensão de João C., e logo ali ele foi incumbido dessa missão, e de explorar as «infos» que tinha junto da OPM. Três meses depois, junto dum responsável local da Componente Legal, ele colocava os pontos nos ii dando início à preparação da fase final.

Decorria o mês de Outubro. O industrial havia recebido dinheiros do Estado para viabilizar as empresas que administrava. No entanto, os trabalhadores estavam no desemprego e outros há meses que não recebiam os salários. Era o desespero em massa. Durante a semana anterior João C. e os camaradas haviam penetrado no mundo íntimo do industrial, já lhe conheciam alguns hábitos como o de deixar o portão da entrada aberto durante a manhã: para lá do portão, um corredor de acesso ao palacete. De manhã, ele estava sempre aberto. Nada incomodava o industrial. Havia trabalhadores que não conheciam o palacete, era a maioria.

Foi numa manhã de sol quente. Dois homens e uma mulher conversavam junto do portão. Outro, colocado estrategicamente, estava mais abaixo cobrindo o acesso ao carro operacional (coisa «feita» na noite anterior). O condutor fumava, calmo. O homem que fazia a cobertura tinha uma pasta preta aos pés. Dez horas. Algumas operárias passavam para tomar o café num bar próximo, no centro do lugar. Um lugar muito pacato.



«Olá, como vai...», cumprimentou João C. uma operária que passava. Ela respondeu com um sorriso. No regresso, o mesmo sorriso. Não havia disfarces no grupo. Apenas ele tinha colocado uns óculos escuros de tipo desportivo. Ela e o outro mostravam-se impacientes. Um dos momentos mais críticos duma operação de envergadura «polimil» é precisamente o tempo da espera que medeia entre a chegada e o início da operação. Os nervos atingem o máximo. Há os que se encostam aos muros mijando várias vezes. Outros vão à cagadeira. Para ele, João C., aquele momento determinava sempre a qualidade duma operação: bou ou má. Tudo dependia do sangue-frio dos protagonistas. Desmontando da bicicleta, o carteiro, que se aproximara, cumprimenta-os e leva a correspondência para o interior do palacete através duma porta de serviço. Demorou pouco tempo. Instantes depois, ainda o carteiro descia a rua calcetada, João C. vislumbrou dois vultos para lá da vegetação que rodeia o edifício. «Tomem atenção!», disse para os camaradas. Para não despertar atenções, calçou a luva da mão esquerda. Dentro do edifício, o motor dum carro arrancava. Calmo, fechou parte do portão artisticamente gradeado. Tinha a pistola Firebird 9mm com a bala na câmara e a segurança feita com o cão à frente. Levou a mão direita à arma e puxou o cão atrás. A mão esquerda, enluvada, já não seria precisa depois de o portão estar na posição desejada. Meteu-a no bolso das calças. Aproximou-se da vegetação aparada e esperou. Ao fundo, um Mercedes-Benz aproximava-se do portão. Pouco passava das dez horas e meia. O carro parou. Um homem de meia-idade saiu, dirigindo-se ao portão para desimpedir a saída do palacete. João C. penetrou no corredor, devagar. A mulher e o outro dirigiam-se já para o carro operacional. A correr, João C. apertou os lábios. «Onde é que eles vão...?», questionou-se durante o curto percurso. Estava diante do industrial. «Olá, co-

mo está?», cumprimentou-o. «Que deseja? Não o conheço!», inquiriu o industrial. Um homem magro, moreno. «Apenas acertar umas contas porque também pago contribuições para o Estado que lhe subsidia esta riqueza!», explicou a sorrir. O industrial estava perplexo. Deu um passo atrás. Outro. O «polimil» não tirava os olhos dos dele. Com movimentos muitos lentos, ele tirou a pistola do cinto, os olhos nos olhos, e premiu por duas vezes o gatilho em tiro instintivo. O industrial caiu por terra com as mãos agarradas às pernas baleadas. «Não me mate! Ai, ai... Não me mate... Ai...» Ao que ele lhe respondeu: «Não, não o mato, espero que compreenda que pôs muita gente nesse desespero para poder viver aqui, à grande!» Os cães ganindo assustados com os disparos efectuados. A pacatez do lugar fora violada. Uma velha aproximava-se do portão, toda de preto, as mãos na cabeça, guinchando. Os gritos do industrial aumentavam. O «polimil» abandonou-o e desceu, em passo rápido, enquanto outro o protegia. A pasta preta aos pés, uma pistola-metralhadora Sterling 9mm nas mãos. O tráfego automóvel, na rua, a congestionar. Condutores fazendo perguntas ao acaso. A velha chorando. «Mataram o pobrezinho. Ai, que mataram o pobrezinho.» Já o carro operacional desaparecia. Junto do condutor, João C. repunha as duas munições no carregador. Sentia-se bem, desejava, então, a compreensão dos trabalhadores para esse tipo de luta. Estava longe da realidade sub-reptícia que o abraçava, que o faria engolir um sapo vivo. Senti-lo-ia mais tarde. Os outros congratulavam-se com o êxito da operação. Desconheciam toda a carga emocional do momento, aquele em que o «polimil» prime o gatilho para fazer vingar uma nova, ou velha, ordem revolucionária. A emoção dum momento especial. O engano poderia levar à morte de alguém, e ninguém mais que João C. queria evitar enganos. Levava três meses a preparar a operação. Uma



enorme carga psicológica começava a descarregar-se naquele acto de recolocar duas munições. Dois quilómetros à frente mudaram de carro. Os rádios não haviam sido utilizados. Tudo saíra bem. Uma peça do Capital, estúpido e explorador, ficara para trás, como exemplo dos crimes sociais que não devem ficar impunes. E João C. vencera uma batalha contra os ultras, os chacais, que queriam transformar o movimento num grupo de suicidas. Ele não via a morte como uma arma política. Não servia a estratégia do espaço que se criava, lento.

O olhar voltando àquela sombra negra que se arasta, enorme.

«Que ganhei eu nessa luta contra os ultras?», pergunta-se. «Ao tentar modificar o esquema italiano e mafioso contribuí, afinal, para a sua continuidade. Ninguém estava com olhos numa estratégia globalizante. Como seria se eu tivesse forças. Se eu tivesse forças?... Não. Se eu não tivesse forças para fugir a tempo do covil? Haveria um Eu, ou um Outro, capaz de me consolar do desastre?... Creio que não. Quiseram que eu acendesse uma nova fogueira no interior do Projecto Global porque eles não tinham soluções, eram incapazes de agarrar a malta nova, de lhe dar uma visão do político em armas, sério e disposto a uma luta geral assente na estratégia do Poder Popular.»

No janelão gradeado não se reflecte a luz do imaginário, tão necessário a João C. Ele vive, hoje, a luz do possível.

Apalpa a poesia numa cortina de ferro.

A busca da verdade dos factos, a existência de políticos em armas numa sociedade tão podre e tão corrupta (eles vão existir sempre, de uma forma ou de outra, mais ultras ou mais moderados, rudimentares ou estilizados, mafiosos ou políticos sem envergadura, ou ambas as coisas), o porquê duma vida tão atribulada e es-

forçada numa matemática de razões tais como o direito ao bem-estar comum, tudo o deixa prostrado. Só. «Por que me trouxe o fado a isto...? Por que me envolvi assim, tanto, nele?, murmura.

As mãos agarrando, com mais força, as barras de ferro que o trazem fora do mundo.

Vive uma margem da vida que tanto ama.

A memória dos tempos-chave fragmentada, profundo subterrâneo onde tudo é desossado, implacavelmente. Ele sabe-o. Sempre que salta no escuro à procura dessa luz esclarecedora, um quente rubor pinta-lhe as faces porque (re)vive a infância duma atitude, dum gesto. Como pequenos clips aprisionando bocados de papel vário, instantaneamente livres, ele embarca na contemplação das passadas idas, retratando-se num todo imperfeito: os fragmentos que deixa desprender do seu cosmo não são de todo decifráveis por si próprio. Consegue, no entanto, chegar à chave que lhe abriu as portas desse sonho que já trazia moribundo, essa estética do humano virado para as coisas do seu tempo — uma chave inspirada no leve roçar das rosas duma Primavera que não chegou a fazer luz nesse subterrâneo de corpos perdidos entre ondas de choque imprevisíveis.

Vagabundear assim num passado recente que se paga de forma implacável parece ser, hoje, o rumo natural das coisas que determinam a essência da vivência de João C. que, em várias ocasiões, provou o sabor amargo da masmorra.

Não há cadeados suficientemente fortes que prendam a memória dos tempos. As sombras (ou os Outros?) estão sempre presentes. E João C. percebeu isto. Ao tentar fugir dum incómodo estar entre meras manifestações do subconsciente, logo as sombras se movem; elas apontam a fragilidade das pontes subterrâneas lançando tentadoras brumas. Para reagir a este estado de coisas, bar-



*nha da pequena-burguesia urbana onde pontuavam, essencialmente, os jovens católicos ligados às instituições da Igreja e procurando levar a base social da mesma a dirigir os destinos de tal Poder. Interessante. Sempre considerei isto como o masoquismo num exercício da política. Iam ficando, e eu continuei a elaborar a minha tese de abandono. Lentamente. As razões buscadas nos factos do país real. Fui sentindo os chacais cada vez com mais força dentro da Organização (e a buscar apoios naqueles que haviam saído procurando a autonomia) e, isolado, fui aguentando a investida até ao princípio do Verão de 1984, quando, oficialmente, me preparava para a demissão total. Definitivamente. E surgiu a prisão. Na masmorra, vim a saber e a testemunhar o demissionismo político-ideológico daqueles que eu sempre havia considerado como gentes conscientes do seu papel na sociedade. Fiquei de tal modo horrorizado com o quadro que repudiei toda e qualquer ligação entre nós. Nunca imaginei vir a ser traído assim. Os chacais haviam ganho.*

*A angústia a habitar-me, de mãos dadas com esta solidão consciente.*

*1985 é o tempo da tormenta, e da mudança, em mim. Com toda a força do meu ser.*

*Vou continuar a ser um homem só, a viver a poesia desse fantástico que é a ilusão da liberdade a fazer-se a cada passo, a cada momento do quotidiano.*

*Eu mesmo!*

*Março, 1985*

*Buscar a verdade de um tempo, com a vontade de o carrear em toda a sua dimensão, é assumir a cumplicidade humana no jogo dos comportamentos que determina a coisa viva; assumirmos o próprio espectro é ou-sarmos, no tempo, a vida. Só os covardes fogem à busca do seu tempo!*



reiras indesejáveis e constantes, decide: não se faz representar — é ele mesmo.

Hoje, entre as grades da masmorra.

As mãos, banhadas pelo sol, num desejo intenso da vida, do amor.



*Este livro é o resultado do «diário da prisão», que fui escrevendo desde esse dia 16 de Agosto de 1984 até estes dias de Maio de 1985. As notas, as mais importantes, compilei-as, destruindo tudo o resto. Espero ter sido claro quanto à loucura normal que impregna todo um acto político desprovido da sensibilidade cultural. As notas compiladas dactilografei-as numa parte (a aba do chapéu) de Monsanto. Poderia ter feito um simples e maçudo relatório das coisas da ascensão e queda das FP25, mas a frieza de tal propósito levou-me a uma atitude romanesca, porventura a mais indicada maneira de dizer que a vida e a ficção se diluem, muita vez, num acto.*

Maio, 1985









Até que ponto as vanguardas estão ligadas às massas? Quem as legitima? Qual é a linha que demarca a guerrilha do terrorismo? Até que ponto a violência do desespero não se transforma no desespero da violência? Pode criar-se a morte sem se criar a vida? Quais as raízes do desespero? Quais as raízes da violência? Quem é herói? Quem é traidor? Quem trai quem?

Por norma, quando há um trágico conflito entre o indivíduo e a sociedade ou o grupo, tem razão o indivíduo. E é sempre trágico ter razão antes de tempo.

Este livro é a história pungente, dramática, amarga, de um jovem. Um jovem como muitos outros. Um jovem que acreditou num ideal e que se sentiu traído pela prática política.

*«O seu interesse reside, agora, em recuperar o fôlego e deixar poisar definitivamente as cinzas dum tempo perdido, partindo em busca dum elo novo a ligá-lo à vida.*

*Sabe que vai perder amigos, mas também sabe que esses são amigos de pura conveniência política.*

*A nova aragem é a utopia que o traz vivo.*

*'Não se sentia a fugir de nuda. Apenas a pôr os pontos nos ii...'*

*'Não estava apenas farto, estava arrependido de ter contribuído para o nascimento dum civil...'* Completara um ciclo pessoal. E era tudo.

*Sentia os olhos vidrados, desbravando um novo caminho. Era o ponto final.»*